



**Matheus Fernandes Gama Basilio**

**HERBERT BUTTERFIELD E A REFLEXÃO HISTÓRICA  
(1924-1944):  
Um Olhar Sobre a Interpretação Whig**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio

**Orientador:** Prof. Marcelo Gantus Jasmin

Rio de Janeiro  
abril de 2023



**Matheus Fernandes Gama Basilio**

**HERBERT BUTTERFIELD E A REFLEXÃO HISTÓRICA  
(1924-1944):  
Um Olhar Sobre a Interpretação Whig**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

**Prof. Marcelo Gantus Jasmin**

Orientador

Departamento de História — PUC-Rio

**Prof. Eduardo Wright Cardoso**

Departamento de História — PUC-Rio

**Prof. Pedro Caldas**

Departamento de História - UNIRIO

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

**Matheus Fernandes Gama Basilio**

Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2020.

Ficha Catalográfica

Basilio, Matheus Fernandes Gama

Herbert Butterfield e a reflexão histórica (1924-1944) : um olhar sobre a interpretação Whig / Matheus Fernandes Gama Basilio ; orientador: Marcelo Gantus Jasmin. – 2023. 133 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2023.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Butterfield, Herbert. 4. História Whig. 5. História da historiografia. I. Jasmin, Marcelo Gantus. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Para minha mãe, Adriana,  
meu maior exemplo de bondade, dedicação e coragem.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Agradeço, antes de tudo, aos meus parentes que possibilitaram que um dia eu pudesse estar nessa posição. Espero poder estar à altura dos sacrifícios feitos pelos que passaram e os que aqui estão.

Agradeço, igualmente, meus pais e meus irmãos por todo apoio e carinho, sem os quais, este trabalho não poderia ter sido realizado.

Agradeço ao Departamento de História da PUC-Rio por todo apoio e auxílio durante o conturbado período que esse trabalho foi escrito.

Ao meu orientador, Marcelo Jasmin, agradeço sua atenção, paciência e disponibilidade ao longo desses dois anos. Seus conselhos e ideias foram de imensa importância, mesmo com a distância proporcionada pela pandemia.

Aos professores da banca Pedro Caldas e Eduardo Cardoso pela leitura atenta e os comentários feitos.

Agradeço ao professor Keith Sewell pela disponibilidade de manter correspondência

Não poderia deixar de esquecer meus amigos que fizeram parte dessa caminhada, dos tempos de graduação, mas ainda muito presentes na minha vida pessoal e acadêmica: Clarissa Pesente, João Pedro Medeiros, Laís Nóbrega, Raphael Torres e Rodrigo de Marca.

E meus companheiros de estágio que são tão importantes para esse trabalho e para meu desenvolvimento pessoal: Bianca Bastos, Gabriella Naccarato, Flávia Barken, Lucas Avelar, Luana Leão e Victor Brandão.

Por fim, não poderia deixar de citar minha companheira, Fernanda Mello, em especial, por me acompanhar pelos momentos monótonos impostos pelo processo de pesquisa.

## Resumo

Basilio, Matheus Fernandes Gama; Jasmin, Marcelo Gantus. **Herbert Butterfield e a reflexão histórica (1924-1944): um olhar sobre a interpretação whig**. Rio de Janeiro, 2015. 133p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica

Esta dissertação tem como objetivo examinar a reflexão teórica do historiador inglês, Herbert Butterfield, a partir da análise dos livros: *The Historical Novel* (1924), *The Whig Interpretation of History* (1933) e *The Englishman and His History* (1944). A leitura proposta dos textos busca trazer luz sobre os temas centrais da escrita butterfieldiana, em seus elementos conceituais, argumentativos e historiográficos. Paralelamente ao vetor principal do trabalho, exploram-se os seguintes temas: o estudo sobre o estilo de escrita do autor, as influências intelectuais na sua formação, o debate sobre as relações entre passado e presente na historiografia e a disciplinarização da História, sob a ótica da crítica ao positivismo. A dissertação compreende a necessidade de explorar as particularidades conceituais de cada uma dessas publicações, enfatizando as diferenças e semelhanças averiguadas dentro do recorte proposto.

## Palavras-chave:

Herbert Butterfield; história whig; século XX; História da Historiografia

## Abstract

Basilio, Matheus Fernandes Gama; Jasmin, Marcelo Gantus. **Herbert Butterfield and the historical reflection (1924-1944): a regard over the whig interpretation.** Rio de Janeiro, 2015. 133p. MSc. Dissertation - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

This research sets as its objective to examine the theoretical production of the british historian, Herbert Butterfield, through the analysis of the following books: *The Historical Novel* (1924), *The Whig Interpretation of History* (1933) and *The Englishman and His History* (1944). The proposed reading of the texts search to Butterfield's writing, in its conceptual, argumentative and historiographical elements. In parallel with the main argument, it explores the following themes: the study of Butterfield's writing style, the debate about the relations between past and present in historiography and the disciplinarization of History, under the perspective of the positivist critique. This text comprehends the need to explore the conceptual particularities of each book, emphasising the differences and similarities found within the designed approach.

## Keywords:

Herbert Butterfield; whig history; 20th Century; History of Historiography

## **Sumário**

<b>1. Herbert Butterfield e a trajetória de um intelectual dissidente</b>	<b>10</b>
1.1. Introdução	10
1.2. Pensar um autor contra seu próprio entendimento	21
1.3. Origem, Classe e Política	33
1.4. A História Frustrada	45
<b>2. As multiplicidades da crítica whig: origem, conceito e desdobramentos</b>	<b>61</b>
2.1. A crise da década de 1920 e a iconoclastia	63
2.2. A arqueologia whig	69
<b>3. As facetas da Interpretação Whig</b>	<b>92</b>
3.1. A consciência do ofício	94
3.2. O encurtamento da história e a perda do processo	104
3.3. O encontro histórico com o outro	111
<b>Considerações finais</b>	<b>116</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>123</b>



*Son de esas personas que, según Bacon, ven las diferencias  
y no los parecidos*

(Jorge Luis Borges nos diários de Adolfo Bioy Casares)

# 1

## Herbert Butterfield e a trajetória de um intelectual dissidente

### 1.1

#### Introdução

No contexto da academia anglófona, ouvir o nome de Herbert Butterfield (1900-1979) remete para qualquer pessoa treinada em assuntos historiográficos, a uma associação direta com o conceito de “interpretação whig” da história. Para a maioria, o termo surge como uma reminiscência distante dos ensinamentos aprendidos durante as disciplinas introdutórias do curso História.<sup>1</sup> A crítica ao anacronismo, à história teleológica e à moralização da história são os sentidos mais evocados na polissemia do termo. Esses múltiplos significados explorados pelo autor, no entanto, podem ser capitalizados na crítica à ideia de “história dos vencedores”, denunciada por Butterfield como parcial, presentista e ideológica.

Contudo, o mesmo nome, Herbert Butterfield, dito para um ouvinte não-inglês provavelmente não trará recordações ou quaisquer referências, visto que a parte da recepção estadunidense, a obra do autor foi pouco lida e debatida em outros países além da Inglaterra. As razões para tal fenômeno estão postas, principalmente, em função das referências e temáticas tipicamente inglesas utilizadas na escrita butterfieldiana. Desse modo, ainda que suas reflexões historiográficas tenham um sentido universalizante e sejam úteis para qualquer historiador, a leitura se torna de difícil acesso para o público estrangeiro, que não está familiarizado com os pormenores da história inglesa.

Na comunidade acadêmica brasileira, igualmente, Butterfield é uma referência intelectual perdida nos anais da história. Na esteira da infamiliaridade nacional com um autor de suma importância para a construção do cenário historiográfico inglês, esta dissertação pretende fazer uma contribuição para o debate intelectual brasileiro. A partir da apresentação de um panorama elucidativo sobre a reflexão teórica butterfieldiana, entre os anos de 1924 e 1944, se objetiva aproximar a obra, tipicamente anglo-saxã, do público falante de língua portuguesa.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, o termo História, grafado com H maiúsculo, refere-se à disciplina.

Essa distância entre a obra do autor inglês e o público estrangeiro se estabelece, também, pela ausência de traduções de seus textos em outras línguas. Em língua portuguesa, por exemplo, há uma única tradução da obra do historiador inglês: o livro “As Origens da Ciência Moderna” foi publicado em Lisboa, no ano de 1991, pela editora Edições 70. O mesmo livro já havia sido traduzido para língua espanhola e italiana, nas décadas de 1950 e 1960, respectivamente. O que é sintomático da contribuição de Butterfield e da perenidade do conceito de “whiggismo”, derivado da interpretação whig nos debates da História da Ciência. Nota-se que apenas mais recentemente, em 2013, *The Whig Interpretation of History* recebeu uma tradução para o espanhol.<sup>2</sup> De todo modo, o mesmo permanece sem tradução para língua portuguesa, francesa ou qualquer outra língua europeia proeminente. Sem dúvida, a falta de tradução foi o principal empecilho para a leitura dos textos de Butterfield no Brasil ou alhures.

Tendo em vista esse cenário de desconhecimento por parte do público brasileiro sobre a vida e obra do autor trabalhado, deve-se, antes de começar qualquer análise, prover ao leitor uma síntese da bibliografia de Herbert Butterfield. Essa exposição se dedica, principalmente, a situar suas principais obras, interesses e contribuições para o debate historiográfico, em especial, no que concerne às obras que compõem esse trabalho.

“Butterfield nasceu com o século”, assim começa a descrição da principal biografia sobre Butterfield. O biógrafo, Michael Bentley, pretende com essa afirmação não apenas associar o fato de Butterfield ter nascido na virada do século, em outubro de 1900. Mas apontar que a vida do historiador, nascido na pequena vila de Oxenhope, na região de Yorkshire, se confunde com a história do século XX. Logo, Bentley compreende que discutir a vida e obra do autor é sinônimo de discutir temas centrais do século pela forma que ele está conectado ao conflito intelectual entre tradição e modernidade; a desesperança com a cultura europeia e o progresso; entre outros tópicos a serem mencionados ao longo do trabalho.

Pode se ver essa relação, em 1919, quando Butterfield chega em Cambridge, universidade na qual o autor traçou toda sua carreira, chegando a ocupar o cargo de vice-reitor. Nesse primeiro momento, o cenário encontrado pelo futuro professor era de um ambiente marcado pela Primeira Guerra Mundial. A turma de calouros

---

<sup>2</sup> “Butterfield y la Razón Histórica: la interpretación whig de la historia”. tradução: Orsi, Rocío. Madrid: Plaza y Valdés, 2013.

de 1919, na prestigiosa universidade inglesa, não se destacava apenas por ter Butterfield, um jovem filho de trabalhadores rurais e sem instrução, entre seus integrantes. Mas pelos numerosos ex-combatentes que tentavam voltar à normalidade de suas vidas após retornarem da Grande Guerra, que havia terminado pouco antes do natal, no ano anterior. Nesse cenário, o jovem historiador, pela primeira vez, entra em choque com as cicatrizes proporcionadas pela contemporaneidade, o que suscita nele as críticas ao cientificismo, assim como, ao papel da moral e da política na sociedade e na escrita da história, temas recorrentes em seus trabalhos.

A exposição da bibliografia será feita em duas etapas distintas, em via de realizar uma descrição sintética e concentrada nos tópicos que motivam este trabalho. Essa dinâmica é necessária graças a dois fatores: a extensão da obra de Butterfield; e da variedade de temas tratados pelo historiador, alguns destes de pouca utilidade para os debates aqui apresentados, entre esses, destacam-se: as Relações Internacionais, a História Constitucional Inglesa, a relação entre Cristianismo e História e etc.<sup>3</sup>

Ainda como graduando do curso de História, Butterfield publica seu primeiro livro, *The Historical Novel*, em 1924. Na obra, o jovem autor busca aproximar o gênero literário e a disciplina histórica, trazendo para a História novas habilidades narrativas e de acesso ao passado, por meio da adoção da imaginação do romancista por parte do historiador. Em linhas gerais, Butterfield enxerga o romance histórico como uma alternativa ontológica à História positivista, fundamentada nos modelos científicos das ciências naturais. A História ao assumir a categorização e a abstração como principais mecanismos de compreensão da realidade, acabou por perder a sua conexão com a realidade vivida pelas pessoas no

---

<sup>3</sup> No primeiro momento da exposição, destacam-se cada uma das obras contidas no recorte proposto de 1924-1944. Ao todo, são seis livros, dos quais três serão tratados extensamente ao longo dos capítulos, são esses: *The Historical Novel* (1924) no primeiro capítulo, tópico três; *The Whig Interpretation of History* (1931), ao longo de todo capítulo dois e três; e *The Englishman and His History* (1944) debatido no terceiro capítulo. Os outros três, *The Peace Tactics of Napoleon 1806-1808* (1929), *Napoleon* (1939) e *The Statecraft of Machiavelli* (1940) são apresentados e brevemente mencionados ao longo do trabalho.

Em uma segunda etapa, expõe-se o restante da produção intelectual de Butterfield. Os livros, incluindo publicações póstumas, estão agrupados e classificados em eixos temáticos, são esses: Historiografia, História da Inglaterra, História e Relações Internacionais, História da Ciência e História e Cristianismo. Sendo necessário, todavia, advertir o leitor da ignorância do autor deste trabalho sobre algumas obras e temáticas discutidas por Butterfield, sobretudo nas últimas duas décadas de sua vida.

passado. Para o autor, somente ao inverter o paradigma epistemológico científico pelo pensamento literário que a História acadêmica poderia se aproximar novamente da experiência humana. Essa escolha passa por admitir um modelo que valoriza o “lado humano” da história, em detrimento da abstração e quantificação do “ser na história.”<sup>4</sup>

O livro *The Peace Tactics of Napoleon, 1806-1808*, publicado em 1929, é fruto do projeto de pesquisa mais extenso que Butterfield fez em sua carreira, analisando correspondências diplomáticas ao longo de, pelo menos, sete anos. Após se formar em 1924, o jovem historiador conseguiu uma bolsa de estudos de pesquisador para se manter na universidade, enquanto fazia o mestrado. Ele decide assumir um projeto de História Diplomática sugerido pelo seu orientador, Harold Temperley, para consolidar sua posição como acadêmico.<sup>5</sup> O interesse de Butterfield pelo tema diminuiria com o decorrer do tempo, Temperley foi o maior incentivador para a produção desse tipo de História, que estava em voga na Inglaterra.<sup>6</sup>

Uma versão anterior do livro já havia sido apresentada no início da década de 1920. Nele, Herbert se dedica a estudar a formação da política externa napoleônica a partir das correspondências dos agentes diplomáticos, o intuito era de identificar o “verdadeiro gosto” da história a partir do pano de fundo das ações e o conflito das personalidades na formação das guerras napoleônicas posteriores. Esse livro, também, indica a construção de um estilo de escrita próprio. Denis Brogan define o estilo butterfieldiano a partir deste livro: “É dramático, é florido, e é provavelmente excessivamente metafórico.”<sup>7</sup> Muito embora, pouco deste livro seja utilizado para a confecção deste trabalho, é importante ressaltar que as reflexões teóricas posteriores que serão debatidas no capítulo 2 e 3 estão ligadas ao período de pesquisa prática feito pelo autor neste período.

<sup>4</sup> O texto será discutido detalhadamente no tópico 1.4.

<sup>5</sup> “Butterfield continued working on Napoleon under Temperley’s influence. The object was to produce a book which would establish his position as a historian.” MCINTIRE, C. *Herbert Butterfield: historian as dissenter*. New Haven: Yale University, 2004. p.41

<sup>6</sup> “Any virtue that this study may possess owes so much to the kindness of Dr. Temperley that the opportunity of a Preface must be taken to say an inadequate word of thanks.” BUTTERFIELD, H. *Peace Tactics of Napoleon*. Cambridge: Cambridge University Press, p.viii

<sup>7</sup> “It is dramatic, it is florid, it is probably excessively metaphorical.” BROGAN, D. “Sir Herbert Butterfield as a Historian: An Appreciation,” In: ELLIOTT, J.; KOENIGSBERGER, H. (Orgs.) *The Diversity of History: Essays in Honour of Sir Herbert Butterfield*. London: Routledge and Kegan Paul, 1970, p.7, tradução nossa.

Em 1931, Butterfield publica o livro que muda sua carreira, pelo qual seu nome é diretamente associado até os dias atuais, muito embora não houvesse possibilidade de antever o impacto historiográfico que este pequeno livro de 130 páginas teria nas décadas seguintes. De certo, no momento da sua publicação, o livro foi cercado de incertezas e de certo estranhamento.<sup>8</sup> Em realidade, *The Whig Interpretation of History* é, antes de tudo, um texto de difícil definição em conteúdo e forma. É usual, por exemplo, os comentadores da obra do historiador inglês, chamarem o livro de manifesto ou ensaio, mesmo que o próprio autor nunca o tenha designado, qualificado de tal forma.

Mesmo que o gênero textual possa ser debatido, é seguro dizer que o livro trata de uma denúncia contra a “interpretação whig” da história. O conceito trabalhado pelo autor não tem um significado de imediata compreensão, seja para um leitor contemporâneo, seja para um inglês vivendo na década de 1920. Embora Butterfield tenha localizado a crítica no partido Whig, a intenção é fazer uma crítica universal ao modo de se fazer história, sob a égide do progresso. No caso inglês, os Whigs associam a prevalência da religião protestante, nas disputas no início da Era Moderna, ao aumento da liberdade na Inglaterra. E a partir dessa constatação, eles estabelecem uma linha evolutiva da liberdade até os dias contemporâneos. Em um sentido generalizante, os historiadores whigs compreendem a história em referência ao presente, e constroem uma narrativa progressista sobre a perspectiva de um elemento social e político-ideológico que lhes convém.

A crítica ao anacronismo e à história teleológica não é, todavia, o único tema abordado em TWIH.<sup>9</sup> Visto que o propósito central não é somente discutir esse assunto, mas a relação do historiador com o debate historiográfico e sua consequência para a escrita da história. Nesse sentido, o texto promove uma defesa da profissionalização do historiador e da diferenciação do discurso histórico profissional dos outros discursos que se utilizam da história. Ao longo do texto, Butterfield discute as consequências da diferença de alterar o referencial da história do presente para o passado. A partir desta distinção, ele advoga por uma visão do passado em referência a si mesmo, ainda que admita a impossibilidade desse

---

<sup>8</sup> Como pode ser visto nas resenhas do livro, debatidas nos subcapítulos 2.1 e 2.2: SCHUYLER, R. “Book Reviews”, *Historical Outlook*, 1932, Vol° 23, N.6, p.309-311 e BECKER, C. *Journal of Modern History*, nº 4, 1932, p. 278-279.

<sup>9</sup> Daqui por diante, o leitor poderá encontrar a abreviação do livro *The Whig Interpretation of History*, na forma de TWIH.

processo, o historiador deve sempre tentar se desvencilhar dos seus preconceitos sobre o passado.

Dez anos após a publicação de *Peace Tactics*, Butterfield publica *Napoleon*, em 1939. O projeto de escrever uma biografia sobre o general francês surge por encomenda de uma editora que pretendia publicar um livro de comparação entre Napoleão e Hitler, tema de frequente debate à época. O pedido da editora é negado pelo autor e como resposta, ele apresenta um projeto de escrever uma narrativa focada na personalidade napoleônica, nas palavras do autor, “o épico de Napoleão.”<sup>10</sup> O resultado é um livro para ser consumido pelo público geral, onde Butterfield acaba por ir de encontro com as premissas anteriores postuladas em *The Whig Interpretation*. No livro de 1939, Napoleão, aparece, não como um agente na história, mas como o próprio motor da história, como o próprio autor define: “Nós somos espectadores, agora, do grande desenvolvimento, e essa não é mais uma biografia - é toda história da Europa que está em questão.”<sup>11</sup>

Se Butterfield negou comparar Napoleão com Hitler, ele o faz constantemente com a figura de Maquiavel. O imperador francês aparece na biografia como o herdeiro das máximas do escritor italiano: “Napoleão foi discípulo de Maquiavel que estudou a ciência dos usurpadores, dos ‘novos príncipes’ que surgiram e construíram reinados para si mesmos.”<sup>12</sup> A comparação se estabelece, sobretudo, pelo fato que Butterfield escreveu no mesmo período dois livros: *Napoleon*, sobre a vida do general que dominou a Europa; e *The Statecraft of Machiavelli*, apresentando uma discussão sobre a obra do autor florentino, publicada no ano seguinte, em 1940. Neste segundo livro, um aparece como a materialização das doutrinas do outro, a corporização dos ensinamentos descritos no livro *O Príncipe*: “O único verdadeiro retrato do maquiavelismo é um Napoleão Bonaparte. E ele é o comentário mais evidente sobre o sistema.”<sup>13</sup>

<sup>10</sup> “the epic of Napoleon.” BUTTERFIELD, *Napoleon*. New York: Collier Books, 1973, p.93, tradução nossa.

<sup>11</sup> “We are spectators, now, of the great unrolling, and it is no longer biography - it is the whole history of Europe that is in question. *Ibid.*, p.108, tradução nossa

<sup>12</sup> “Napoleon was the disciple of Machiavelli who had studied the science of usurpers, of the ‘new princes’ who arise and carve out kingdoms for themselves. *Ibid.*, p.108, tradução nossa.

<sup>13</sup> “The only true portrait of Machiavellism is a Napoleon Bonaparte. And he is the clearest commentary on the system.” BUTTERFIELD, H. *The Statecraft of Machiavelli*. London: Bell and Sons, 1960, p.102, tradução nossa.

Ademais, o livro sobre Maquiavel pode ser classificado como um trabalho de História do Pensamento Político ou da História Intelectual. Neste livro, Herbert, em suas primeiras três partes, objetiva apresentar e discutir a obra do pensador italiano vista a partir de seu próprio contexto. Tendo como base metodológica a articulação da obra de Maquiavel segundo seus próprios propósitos, em detrimento das interpretações posteriores à obra do autor:

In the following essay an attempt has been made to study what Machiavelli himself had to say about his purpose and his science of statecraft; from which it may appear that he for his part would not always have ratified the interpretations which have been put upon him by his friends<sup>14</sup>

Na quarta e última parte do livro, o historiador inglês faz um estudo da recepção das ideias do filósofo italiano na Inglaterra, a partir da obra de Bolingbroke. Na visão de Butterfield, o político inglês se enxergava como o “Maquiavel dos seus tempos”. A linha argumentativa construída pelo autor parte do fato da principal obra de Bolingbroke, *The Patriot King*, se chamar *The Patriot Prince* nas primeiras versões, fazendo alusão direta ao livro do autor italiano. À época, *The Statecraft of Machiavelli* apresentava um sopro de novidade nos estudos sobre o autor italiano e para a pesquisa histórica.

E o último livro do recorte selecionado é *The Englishman and His History*, publicado em 1944, em meio à Segunda Guerra Mundial. O livro marca uma mudança importante em referência às obras anteriormente publicadas pelo autor. Em primeiro lugar, por escrever em favor da interpretação whig, que ele havia previamente denunciado. E, em segundo lugar, por apresentar um pensamento visto por muitos como conservador.<sup>15</sup> Em suma, neste ensaio de 140 páginas, Butterfield articula os usos políticos da história durante a Segunda Guerra.

Na visão do intelectual, a Inglaterra era o bastião da sociedade europeia na luta contra o nazismo, pois a formação cultural inglesa era de respeito às tradições políticas e sociais. Nesse sentido, o inglês seria um povo capaz de compreender os movimentos da história, defender a tradição e rearranjá-la conforme os novos

<sup>14</sup> *Ibid.*, p.11.

<sup>15</sup> A posição política de Herbert Butterfield é discutida no ponto 1.2 e nos pontos 2.2. Enfatiza-se que não se busca, em nenhum momento, afirmar uma posição política definida, mas trabalhar a forma que o autor compreendia a política, em sua dimensão teórica e prática.



tempos, sem rupturas no “tecido social”. Em contraponto à relação histórica inglesa, os franceses teriam o desprezo pela tradição e o rompimento histórico com as recorrentes revoluções e repúblicas francesas. De certa forma, Butterfield evoca a interpretação de Edmund Burke sobre a Revolução Francesa para compreender o panorama da Guerra.

A publicação representa uma dupla guinada: intelectualmente, em favor do estudo presentista e anacrônico da História, e politicamente, na perspectiva de uma visão conservadora da sociedade.

Agora, tratando de forma sumariada e categorizada as obras posteriores ao período selecionado. Decide-se por começar com as obras concernentes ao campo da História da Historiografia. Essas são: *Man on His Past: The Study of the History of Historical Scholarship* (1955), *History and Human Relations* (1951) e o póstumo, *The Origins of History* (1981). Essas obras se dedicam a tratar, principalmente, da formação da História como uma disciplina acadêmica, nos âmbitos históricos e epistemológicos.

Dentre elas, se destaca a importância de *Man on His Past* como a principal contribuição de Butterfield para o campo historiográfico. No que tange a defesa da ideia de que a História, como disciplina acadêmica, necessitava olhar para si mesma, para melhor entender seus conceitos e premissas. Dessa forma, Butterfield contribuiu para a construção da ideia de História da Historiografia. Justamente, em um período em que ainda era necessário dizer que esse tipo de pesquisa poderia “ser útil” para os historiadores.<sup>16</sup> Nesse sentido, Kenneth McIntyre resume a contribuição do autor: “O livro de Butterfield teve um papel central no desenvolvimento da história da historiografia no século XX.”<sup>17</sup>

Outro assunto tratado de forma proeminente por Herbert Butterfield é a relação entre Cristianismo e História. As principais reflexões nesse sentido são encontradas em: *Christianity and History* (1949), *Christianity in European History* (1951), *Christianity, Diplomacy and War* (1953). Esses trabalhos indicam como a

<sup>16</sup> “that was the interest which I had long had in the history of historiography, and the idea which for some time I had been entertaining of an attempt to write about the utility of this subject, to say something of its scope and method, and to discuss its place in historical scholarship” BUTTERFIELD, H. *Man on His Past: The Study of the History of Historical Scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 1955, p.ix.

<sup>17</sup> MCINTYRE, K. *Herbert Butterfield: History, Providence and Skeptical Politics*. Wilmington: ISI Books, 2011. P.viii. “Butterfield’s book played a central role in the development of the history of historiography in the twentieth century.”

religião deve ser entendida como parte integrante de toda articulação do pensamento do autor, como afirma McIntyre: “O comprometimento de Butterfield com sua fé cristã não era somente um aspecto factício de sua vida, mas um elemento central da sua concepção política e moral.”<sup>18</sup>

Nessas obras, os principais objetivos trabalhados pelo autor são dois: compreender como a Providência Divina pode operar na história, sem retirar do acontecimento e dos agentes históricos sua autonomia; e separar a compreensão cristã espiritual da histórica material. Ao fazer esses dois movimentos, Butterfield reafirma sua visão cristã de mundo e o espaço da religião no ambiente acadêmico.

Em 1947, Herbert é convidado para presidir um comitê em Cambridge para o estabelecimento da História da Ciência, como uma disciplina dentro da universidade. O resultado deste período de trabalho é a publicação de *The Origins of Modern Science: 1300-1800* (1949). Esse livro, seguindo o trabalho de Alexander Koyré, é importante pelo adensamento do argumento internalista nos estudos da História da Ciência; por auxiliar a popularização do conceito de Revolução Científica; e, principalmente, pela já citada contribuição do conceito de Whiggismo para esse campo de estudo. Nesse contexto, o conceito se molda para a crítica da narrativa triunfalista, propondo que a historiografia da ciência não pode ser apenas a história dos modelos científicos que venceram as disputas científicas. Essa contribuição foi perpetuada, também, pela citação de Butterfield na obra de Thomas Kuhn, em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962).<sup>19</sup> O historiador inglês não voltou a escrever extensamente sobre a história da ciência, contudo, mesmo que sua excursão pelo tema tenha sido curta, foi marcante para o campo de estudos.

Outro importante tema trabalhado por Butterfield é a história da Inglaterra durante o século XVIII. O autor explorou questões sobre o constitucionalismo inglês e a formação política inglesa a partir do estudo do reinado de George III. Os livros *George III, Lord North and the People 1779-1800* (1949) e *George III and the Historians* (1957) se dedicam ao estudo do tema.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p.ix. “Butterfield’s commitment to his Christian faith was not a merely factitious aspect of his life, but instead the central feature of his conception of political and moral life.”

<sup>19</sup> “Um historiador perspicaz [Butterfield], observando um caso clássico de reorientação da ciência por mudança de paradigma, descreveu-o recentemente como ‘tomar o reverso da medalha’, processo que envolve ‘manipular o mesmo conjunto de dados que anteriormente, mas estabelecendo entre eles um novo sistema de relações, organizado a partir de um quadro de referência diferente’. KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, p.116.

A última fase da carreira de Butterfield se dedicou ao estudo das Relações Internacionais. Nesse campo de estudos, Butterfield preencheu um vácuo na produção acadêmica, ao abordar os aspectos teóricos da diplomacia. O que fez com que suas publicações tenham sido influentes, apesar da limitada extensão dos seus trabalhos. Ele liderou, em 1958, a formação do *British Committee on the Theory of International Politics*, a partir do financiamento da *Rockefeller Foundation*, o comitê assumiu papel preponderante nas discussões sobre o tópico.<sup>20</sup>

A principal publicação resultante desses estudos foi *Diplomatic Investigations: Essays on Theory of International Politics* (1966), uma coletânea de textos editados, em conjunto com Martin Wright. À época da morte de Butterfield, foram seus estudos como teórico das Relações Internacionais que o renderam mais distinções. Ao longo dos anos 1980, os trabalhos de Butterfield causaram grande impacto nas universidades dos Estados Unidos. O que pode ser observado com os primeiros trabalhos sobre o autor, primeiramente, com a publicação de um *festschrift* chamado *Herbert Butterfield: The Ethics of History and Politics*<sup>21</sup> em 1980, um ano após a morte do historiador inglês. E, em um segundo momento, com a publicação de uma biografia intelectual escrita por Alberto Coll, chamada *The Wisdom of Statecraft: Sir Herbert Butterfield and the Philosophy of International Politics* (1985).

Tendo articulado uma visão resumida da bibliografia de Sir Herbert Butterfield, com o intuito de fornecer ao leitor do trabalho um panorama elucidativo do conteúdo das reflexões butterfieldianas, tornando possível localizar as obras publicadas e os distintos campos historiográficos explorados ao longo da trajetória do historiador. A partir deste primeiro momento, é possível construir a pesquisa sob a perspectiva proposta do enfoque na produção teórica do autor, entre os anos 1924 e 1944.

O primeiro capítulo, “Herbert Butterfield e a trajetória de um intelectual dissidente”, discute a biografia do autor, correlacionando-a ao desenvolvimento acadêmico do historiador inglês. A partir do entendimento que o texto é uma

---

<sup>20</sup> Para um balanço da contribuição de Butterfield ver: SHARP, P. “The English School, Herbert Butterfield and Diplomacy.” *Discussions papers on diplomacy*, p.1-25. e HALL, I. “History, Christianity and Diplomacy: Sir Herbert Butterfield and International Relations.” *Review of International Studies*, v.28, n.4, 2002, p. 719-736

<sup>21</sup> THOMPSON, K. (Org), “Herbert Butterfield: The Ethics of History and Politics” Washington: University Press of America, 1980 e COLL, A. “The Wisdom of Statecraft: Sir Herbert Butterfield and the Philosophy of International Politics.” Durham: Duke University Press, 1985.

intervenção na realidade social e política, torna-se necessário compreender a posição do autor frente ao mundo em que vivia. Para tal, ilustra-se a construção da visão de mundo do autor a partir de sua classe social, da sua formação política nos anos estudados e da influência do romantismo são essenciais para prover camadas de entendimento aos escritos trabalhados.

Ademais, o segundo capítulo trata das origens do termo “interpretação whig”, buscando compreender a partir de quais referências o autor construiu esse conceito, que não estava no léxico historiográfico na época de publicação. Uma arqueologia conceitual é promovida para buscar os distintos traços que Butterfield poderia ter se apropriado. Ao construir tal empreitada, é possível visualizar a relação do objeto estudado com a tradição que ele critica nesse momento. A investigação perpassa, desde Edmundo Burke e David Hume, até a geração dos primeiros historiadores profissionais, com Thomas Macaulay e Thomas Carlyle. Ao compreender a relação de Butterfield e do conceito whig com esses autores mencionado, é possível prover camadas de sentidos para o conceito-chave. Assim, *The Whig Interpretation of History* é colocado no centro da tradição historiográfica inglesa, e em constante diálogo com esta.

Por fim, o terceiro capítulo centraliza a discussão propriamente teórica do pensamento butterfieldiano. Nesta dissertação, a leitura proposta visa englobar a complexidade dos encontros e desencontros conceituais encontrados no livro. Deste modo, a análise está focada em tratar de forma temática e transversal os diferentes tópicos de TWIH. A categorização da discussão está proposta em três eixos em via de simplificar a exposição e a compreensão do leitor, pois na escrita original os temas se intercalam e se repetem, sendo esses: a consciência do ofício do historiador, a preocupação com o processo histórico e a alteridade como parte integrante do conhecimento histórico.

## 1.2

### Pensar um autor contra seu próprio entendimento

*“l’auteur n’est exactement ni le propriétaire ni le responsable de ses textes”*  
(Michel Foucault)

Compreender o percurso intelectual de um autor é um exercício biográfico, conceitual e metódico. No campo historiográfico, verificam-se diversos caminhos metodológicos e epistêmicos para suportar esse gênero de pesquisa, dentre os quais, para este trabalho, é destacado a História da Historiografia e a História Intelectual. É imperioso, para tal, colocar o autor em seu contexto intelectual e entender como ele se posicionou e articulou os debates nos quais esteve presente. Portanto, pensar na obra de Herbert Butterfield significa realizar operações pré, inter e intratextuais acerca do seu arcabouço teórico. Desse modo, busca-se apresentar, de forma criteriosa, o historiador inglês para o público brasileiro, em uma pesquisa alinhada às recentes publicações sobre o tema.

Para tal, é necessário assinalar a importância da metodologia para compreender as reflexões butterfieldianas, em busca de escapar das visões redutoras e estereotipadas de sua obra. Sobretudo, pelo fato de que a imagem do autor foi, paulatinamente, sendo depreciada e renegada após o período de sua aposentadoria e onze anos depois, de sua morte.<sup>22</sup> Butterfield foi escanteado pela comunidade acadêmica por uma série de acusações, sendo essas, em sua maioria, de cunho pessoal. Ao longo deste capítulo, pretende-se explicar as razões que levam ao cenário mencionado.

Dentre estas acusações, destacam-se: a acusação de simpatizar com o Nazismo; de ter uma postura anti-soviética e anti-marxista, junto ao rótulo de conservador; e de professar sua religião em textos históricos. A visão que os contemporâneos tinham sobre Herbert, em geral, se baseavam em falsos relatos e, tampouco, ele se importava em refutar os rumores que cercavam a sua imagem. Por exemplo, a ideia de que Butterfield apoiasse o nazismo surgiu durante o início da Segunda Guerra, pela não condenação imediata do lado inimigo, e pela crença de que a cultura europeia necessitava ser resgatada. A filiação à cultura e historiografia

---

<sup>22</sup> “When Sir Herbert Butterfield died in 1979, he had already lost most of his audience.” BENTLEY, M. *The Life and Thought of Herbert Butterfield: History, Science and God*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p.1

germânica por parte do historiador, fez com que ele circulasse na embaixada alemã e nos seus círculos sociais, atitude dada como suspeita nos tempos de guerra entre as duas nações. Entretanto, a análise dos diários e cartas de Butterfield provam que não há sustentação para essa acusação.<sup>23</sup>

Ademais, apesar de ser um professor celebrado na universidade, Butterfield não formou qualquer grupo de alunos que seguissem e propagassem suas ideias.<sup>24</sup> Ademais, se a reputação perante a comunidade acadêmica estava em declínio, o público geral que outrora nutria admiração pelo historiador, em sua aproximação do estudo da religião associado à disciplina histórica e as palestras realizadas para a BBC no período do pós-guerra, começava a esquecer do autor.

Com efeito, a imagem de Butterfield provocou, ao longo de todo século XX, as mais diversas e polarizadas reações ao seu trabalho. No presente estado, o debate sobre suas reflexões se tornou marcado pelas contendas acadêmicas que circunscreveram a trajetória do autor. Não apenas pela sua incapacidade de se adequar às etiquetas sociais da elite universitária, ou pelo preconceito que sofria pelo seu sotaque distinto.<sup>25</sup> Dentro desse contexto, a imagem do historiador não saiu intacta das querelas com outros historiadores de renome, como Lewis Namier e E. H. Carr.

De um lado, Namier, um dos historiadores de maior importância na Inglaterra na primeira metade do século, e seus pupilos, os *namierites*, tiveram uma desavença com Butterfield, a qual se tornou uma das disputas mais famosas e intrigantes da academia inglesa.<sup>26</sup> A contenda teve início com a publicação da crítica butterfieldiana em *George III and the Historians* (1957), o alvo era o livro *The Structure of Politics at the Accession of George III* (1929), escrito por Namier. A crítica visava problematizar “o desdém [de Namier] pela historiografia e sua inabilidade de combinar análise estrutural com narrativa.”<sup>27</sup> e a desqualificação da política como uma categoria de análise superestrutural, preterida pela materialidade

<sup>23</sup> BENTLEY, M. *Op. Cit.*, capítulo 5 “European Civilization and the Third Reich” p.119-146.

<sup>24</sup> “Butterfield did not lack admirers but he had never built around himself a ‘school’ of pupils who could together help raise the fallen flag.” *Ibid.*, p.2

<sup>25</sup> A inconformidade de Butterfield aos padrões sociais da elite universitária britânica, será abordada no ponto 1.2

<sup>26</sup> Para um balanço dessa disputa e suas consequências ver: “Butterfield's Critique of Namier” Capítulo 11 do livro de SEWELL, K. *Herbert Butterfield and the Interpretation of History*. New York: Palgrave Macmillan, 2005, p.181-197

<sup>27</sup> “its [Namier's] disdain for historiography and its inability to combine structural analysis with narrative” SMYTH, J. *Op. Cit.*, p. 5, tradução nossa.

dos interesses individuais.<sup>28</sup> Além disso, para Butterfield, Namier exercia um monopólio metodológico na historiografia inglesa.<sup>29</sup> A resposta de Namier às críticas se deu de duas formas: academicamente, Butterfield não era citado por qualquer integrante do grupo de Namier, e socialmente, os *namierites* insultavam-no nos círculos sociais e eventos acadêmicos. De fato, esse embate foi fundamental para a deterioração da imagem do autor trabalhado: “ele nunca sobreviveu ao achincalhamento feito pelo Sir Lewis Namier.”<sup>30</sup>

Por outro lado, a grande recepção de *Que é História?* (1961), de Edward Carr, onde Butterfield é citado como um historiador confuso, em suas obras e conceitos. A razão da crítica de Carr se constrói pelo fato que Lord Acton, o único historiador citado no livro *The Whig Interpretation*, não era um Whig. Butterfield teria, portanto, se confundido com a sua crítica. Essa questão voltará a ser discutida no capítulo 2, pois articula a forma que os contemporâneos leram a obra estudada. Além desta questão, os dois historiadores tinham um desentendimento sobre a natureza da explicação histórica: Butterfield advogava pelo primor do indivíduo em relação ao social, enquanto, Carr convicto da ciência histórica marxista pensava em termos sociais e generalizantes. De todo modo, tais fatos trouxeram um afastamento da obra de Butterfield para a geração de leitores formada a partir da década de 1970 e 1980, altamente influenciada pela leitura do livro de Carr.

Inclusive, em Cambridge, instituição onde Butterfield lecionou toda sua vida, “onde ele teve seus círculos mais próximos de amigos e inimigos.”<sup>31</sup> devido às disputas internas com outros professores. Essas fizeram com que ele se tornasse uma figura mal vista dentro de diversos *colleges*, que compõem a Universidade. O acadêmico contemporâneo, Noel Annan, destaca esses embates como parte da personalidade do historiador: “nada agradava mais Butterfield que conspirar: ele adorava as intrigas acadêmica, particularmente no conselho da faculdade de

<sup>28</sup> Nesse sentido, uma década depois Quentin Skinner aproxima as análises de Lewis Namier e marxistas no mesmo conjunto em SKINNER, Q. “Meaning and Understanding in the History of Ideas.” *History and Theory*, v. 8, nº 1, 1969.

<sup>29</sup> “According to its foremost critic, Herbert Butterfield, the Namier ‘School’ did not merely dominate the study of eighteenth-century history at this time: it exercised a near-monopoly over the field and sought to impose a sort of orthodoxy.” SMYTH, J. “Lewis Namier, Herbert Butterfield and Edmund Burke”, *Journal for Eighteenth-Century Studies* Vol. , 2011, p.1

<sup>30</sup> “he had never survived the dismissal of him by Sir Lewis Namier” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p. 1, tradução nossa.

<sup>31</sup> “where he had his closest circle of friends and enemies” *ibid.*, p.1, tradução nossa

História.<sup>32</sup> E o biógrafo, Michael Bentley, aponta como as desavenças dentro do departamento de História, fizeram com que os textos de Herbert fossem rechaçados por parte significativa dos professores: “nenhum pupilo de George Kitson Clark, ou de J. H. Plumb, ou de Geoffrey Elton, estaria propenso a ver Butterfield figurar como um de seus exemplos a ser seguido.”<sup>33</sup>

Como lembra o historiador, Michael Bentley, os livros de Butterfield se tornaram uma antiga referência na biblioteca familiar.<sup>34</sup> É seguro dizer que Herbert foi relegado ao ostracismo, mesmo que se verifique a permanência de conceitos como “interpretação whig” e a ideia de “Revolução Científica.”<sup>35</sup> Essas ideias se estabeleceram como paradigmáticas na academia, porém houve um desvencilhamento do autor aos conceitos. A figura de Butterfield, por exemplo, foi minorada na constituição do que veio a se chamar “Escola de Cambridge”, mesmo ele que tenha contribuído para o desenvolvimento da mesma, no que tange à historicidade e o contextualismo.<sup>36</sup>

Herbert Butterfield tinha passado pela popularização de seu trabalho na década de 1950, justamente pela recepção do público leigo, em ambos lados do Atlântico, de *Christianity and History*, lançado em 1949. O sucesso do livro permitiu que seus livros fossem reeditados. E a reedição de *The Whig Interpretation of History* causou um impacto incomparavelmente maior à data de publicação original, dando um novo status de reconhecimento ao autor. TWIH se tornou um livro obrigatório para os estudantes de história, sendo selecionado pela *British Library* como um dos eventos mais importantes do século XX, distinção que apenas

<sup>32</sup> “nothing pleased Butterfield more than plotting: he enjoyed academic intrigue, particularly on the board of the history faculty.” ANNAN, N. *The Dons, Mentors, Eccentrics and Geniuses*. London: Harper Collins, 1999, p.266, tradução nossa.

<sup>33</sup> “no pupil of George Kitson Clark or J. H. Plumb or Geoffrey Elton was likely to learn that Butterfield ought to figure among his or her role-models.” BENTLEY, *op. cit.*, p.2, tradução nossa.; O grupo de historiadores mencionados entraram em conflito com Herbert Butterfield em uma discussão sobre o modelo curricular do curso de História. O grupo pretendia implementar um currículo baseado no modelo alemão, *lehrfreiheit und lernfreiheit*, em que os professores poderiam ensinar os tópicos que mais os interessasse e os alunos escolhiam os professores que iriam guiá-los. Ver ANNAN, N *Op. Cit.*, p.266-268.

<sup>34</sup> BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.1

<sup>35</sup> Steven Shapin compreende Herbert Butterfield como um dos principais contribuidores para a construção do conceito, após a formulação original de Alexander Koyré. Ver: SHAPIN, S. *The Scientific Revolution*. Chicago: University of Chicago Press. 1996.

<sup>36</sup> Para compreender o panorama geral desta questão ver: ALEXANDER, J. “The Cambridge School, c. 1875 to 1975”, *History of Political Thought*, nº37, 2016, p. 360-386. E para visualizar o deslocamento das referências a Butterfield ver: JAMES, S. “J.G.A. Pocock and the idea of the ‘Cambridge School’ in the history of political thought” *History of European Ideas*, 2018, p.1-16.



sete livros de história receberam.<sup>37</sup> A ideia de uma interpretação whig da história se tornou um paradigma dentro da historiografia anglo-saxã. Annabel Patterson coloca o termo como “uma das convenções reinantes na academia moderna anglo-americana.”<sup>38</sup>

De fato, Butterfield contribuiu, de forma vanguardista, na década 1940 e 1950 para a História da Historiografia, a História da Ciência, a História Constitucional inglesa e para a Teoria das Relações Internacionais.<sup>39</sup> A abrangência, originalidade e multiplicidade da obra do historiador inglês é extraordinária para um autor do século XX, quando a especialização acadêmica se torna a norma para o trabalho universitário. Todavia, esta profícua produção é marcada pela imprecisão conceitual e descontinuidade de interesses do autor, o que dificulta esboçar um quadro conceitual definido para o mesmo. Tendo em vista essa questão, é necessário apontar que este trabalho não tem pretensão de apresentar todo o pensamento deste autor, mas circunscrevê-lo em seu aspecto teórico, a partir das obras: *The Historical Novel* e *The Whig Interpretation of History* e *The Englishman and His History*.

É imperioso ressaltar que o foco deste trabalho não é discutir a recepção da obra de Butterfield na comunidade acadêmica. De todo modo, este panorama é importante para entender, em qual ponto estavam as leituras realizadas no cenário intelectual que o autor está inserido.

No cenário contemporâneo, é consenso que ler um autor sob uma ótica da neutralidade é uma tarefa impossível. Mas talvez uma expressão mais interessante dessa questão seja encontrada nas palavras de Quentin Skinner, para o autor, é impossível ter contato com qualquer tipo de texto “sem ter alguma preconcepção sobre o que se espera encontrar.”<sup>40</sup> Toda leitura, portanto, parte de uma perspectiva condicionada pelo leitor. Nesse sentido, Frederic Jameson argumenta que o texto chega ao leitor “como o sempre-já-lido”<sup>41</sup>, dada a impossibilidade de ler um texto,

<sup>37</sup> MCINTIRE, *Op. Cit.*, p. x.

<sup>38</sup> PATTERSON, A. *apud* MCINTIRE, *Op. Cit.*, p. x “one of the reigning conventions of the modern Anglo-American academy”, tradução nossa.

<sup>39</sup> Para um balanço dos diferentes campos historiográficos influenciados por Butterfield, ver: J. H. Elliott and H. G. Koenigsberger (orgs.), *The Diversity of History: Essays in Honour of Sir Herbert Butterfield*, London: Routledge and Kegan Paul, 1970.

<sup>40</sup> “without having some preconceptions about what he expects to find.” SKINNER, Q. *Op. Cit.*, p.6, tradução nossa.

<sup>41</sup> “Rather, texts come before us as the always-already-read; we apprehend them through sedimented layers of previous interpretations, or-if the text is brand-new through the sedimented reading habits

sem ter em mente as interpretações e noções prévias sobre o mesmo. A intenção da pesquisa historiográfica, então, é reabilitar a obra de Butterfield, em suas reflexões sobre a escrita da história, explorando não apenas um exercício historicista de compreensão do “texto pelo contexto”, mas das exploração das múltiplas potencialidades do seu pensamento. Em suma, compartilha-se da compreensão de Keith Sewell, pois segundo ele, estudar a particularidade da reflexão butterfieldiana estimula a “reflexão sobre o pensamento histórico no geral”<sup>42</sup>, visto que são discutidos temas caros à Teoria da História.

Assim sendo, esse trabalho se inscreve em um cenário de resgate da obra e reflexão de Herbert Butterfield, iniciado a partir dos anos 2000, com os trabalhos de: C.T McIntire, Michael Bentley, Keith Sewell e Kenneth McIntyre, entre outros. Os quatro autores citados são as referências mais importantes no comentário da obra de Herbert Butterfield, no escopo selecionado. McIntire e Bentley se dedicaram à construção de biografias intelectuais, enquanto, Sewell e McIntyre se ativeram exclusivamente à construção de análises historiográfica do conjunto da obra do autor. É evidente que outros trabalhos serão articulados e mencionados, ao longo do texto, para a construção do argumento exposto.

Tendo posto a linha de entendimento deste trabalho e circunscrevendo-o ao estado atual dos estudos sobre Butterfield, é importante atentar para o recorte feito dentro do *corpus* do autor, dentre mais de vinte livros e artigos. Destaca-se, inicialmente, o recorte temporal das publicações feitas no período entre 1924 e 1944, anos que perpassam desde sua primeira publicação, como graduando até o ano em que assume o cargo de *Lecturer in Modern History* na Universidade de Cambridge.

Não obstante, a seleção dos textos não tem apenas um caráter cronológico, mas temático, os textos sobre Teoria da História e da História da Historiografia são o foco do presente trabalho, em detrimento das publicações em História Diplomática, também presentes neste período. Dessa forma, *The Historical Novel* (1924), *The Whig Interpretation of History* (1931) e *The Englishman and His Past* (1944) são as principais referências para a construção do argumento apresentado.

---

and categories developed by those inherited interpretive traditions” JAMESON, Frederic. *The Political Unconscious Narrative as a socially symbolic act*. New York: Cornell University Press. 1981, p. ix-x, tradução nossa.

<sup>42</sup> SEWELL, K. *Op. Cit*, p.x. Tradução nossa.

Em menor medida, *Napoleon* (1939) e *The Statecraft of Machiavelli* (1940), também, serão abordados ao longo do texto. Para além deste período, Butterfield fez importantes contribuições para outros campos de estudo da História, mencionados na introdução.<sup>43</sup>

Ademais, o trabalho parte do seguinte entendimento que molda o recorte e o objeto estudado: a reflexão butterfieldiana é, em sua maior parte, de cunho teórica. Grosso modo, os principais temas tratados por Herbert Butterfield são: a relação entre presente e passado; a formação da disciplina histórica; a relação entre história e moral; a defesa da profissionalização do historiador em oposição à *general history*<sup>44</sup>; e a conscientização dos historiadores acerca das características metodológicas de seu trabalho.<sup>45</sup> Em menor medida, Herbert trata das relações entre história e literatura, ficção e narrativa, que serão tratadas no último tópico deste primeiro capítulo.

Contudo, a afirmação sobre o aspecto teórico da obra de Butterfield é problemática, visto que o próprio autor negava veementemente qualquer afirmação do tipo sobre sua obra e rejeitava o pensamento crítico e filosófico. Efetivamente, Butterfield entendia que não havia espaço para a Filosofia na disciplina histórica.<sup>46</sup> Para ele, seus trabalhos eram fruto de uma reflexão ligada exclusivamente à prática, suas questões seriam oriundas dos problemas enfrentados como pesquisador e professor. Logo, seus trabalhos “não seriam afetados por qualquer coisa que o filósofo pudesse afirmar para explicá-las ou refutá-las.”<sup>47</sup>

<sup>43</sup> Para ver um balanço das contribuições de Butterfield para a historiografia inglesa, ver: SCHNEIDER, A.; WOOLF, D (Org.) *The Oxford History of Historical Writing*, vol 5 (1945 to the present). Oxford: Oxford University Press, 2011.

<sup>44</sup> Ao longo da obra de Butterfield encontram-se diversas alcunhas para essa distinção. “Technical historian”, “Scientific History”, entre outros. Embora esses termos sejam proeminentes nos comentários sobre sua obra, opta-se por fazer a diferença entre *Specialist* e *general historian*, pois é a encontrada em *The Whig Interpretation of History*. “[...] it is here that we see the results of a serious discrepancy between the historical specialist and what might be called the general historian”. BUTTERFIELD, H. *The Whig Interpretation of History*. New York: Norton & Company, 1965 p.6

<sup>45</sup> “Herbert Butterfield who thought of himself as an empirical historian acknowledged that the supreme virtue in historical writing was self awareness” GKOTZARIDIS, E. “Revisionism and Postmodernism”. *Études irlandaises*, nº26, 2001, p.151; ver também: SOUTHGATE, B. “History and Metahistory: Marwick versus White”: *Journal of Contemporary History*, Vol. 31, No. 1, 1996, p. 209-214.

<sup>46</sup> BUTTERFIELD, H. “Some trends in Scholarship 1868-1968, in the Field of Modern History” *TRHS*, vol 19, 1969, p.159-184

<sup>47</sup> “would be unaffected by anything the philosopher could state to explain them or to explain them away.” BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.vi, tradução nossa.

De todo modo, a rejeição, por parte do autor, da dimensão abstrata de sua obra não se verifica em uma leitura criteriosa. A linha argumentativa para essa avaliação será construída ao longo do texto na medida em que se articula uma arquitetura conceitual butterfieldiana, a partir da análise dos conceitos e metáforas encontradas em seus escritos. Essa análise está em comunhão com um conjunto de comentadores que enxergam Butterfield como um teórico da história.<sup>48</sup> Keith Sewell, por exemplo, argumenta em favor de um entendimento analítico da obra de Butterfield.<sup>49</sup>

In spite of his adverse attitude towards philosophy and abstract thinking, much of Butterfield's writing on historiographical technique and method, although not philosophically rigorous, is paralleled in the more astringent analytical literature.<sup>50</sup>

Importante notar que em 1980, um ano após a morte de Butterfield, aparece a primeira proposição de leitura da reflexão de sua obra como um exercício filosófico. Em uma coletânea em homenagem a Butterfield, Louis Halle, escreveu um texto chamado “The Historian as Philosopher”. Embora a coletânea seja de pouco interesse para este trabalho, pois se concentra na última fase da carreira do historiador inglês, na qual, ele se aproximou das Relações Internacionais e da Ciência Política. O texto de Halle oferece uma perspectiva importante para o argumento exposto:

All great historians are bound to be, in one way or another, philosophers of history, [...], This is so true of Sir Herbert that most of his books are commentaries on the writing of history rather than accounts of what such writing deals with. He is the historian of historiography, who subjects the work of past historiographers to philosophical examination. It would not be wrong, therefore, to regard him as a philosopher.<sup>51</sup>

<sup>48</sup> GEYL, P. “Herbert Butterfield, or Thinking at two Levels” In: *Encounters in History*. Cleveland: Meridian, 1961. p.331-335; Watson, A. “Introduction” In: *Origins of History*, 1981. p.7-12.

<sup>49</sup> Sewell aplica o conceito de analítico de acordo com a divisão de modos de se escrever a história proposta por W. H. Walsh, em “An Introduction to philosophy of history”, publicado em 1951. Nesse sentido, analítico está associado ao modo de reflexão dos procedimentos e escritura da história.

<sup>50</sup> SEWELL, K. *Op. Cit.*, p.4

<sup>51</sup> HALLE, L. “The Historian as philosopher” In: THOMPSON, K. (Org.) *Herbert Butterfield: The Ethics of History and Politics*. Boston: University Press of America, 1980, p.5.

Com efeito, essa leitura teórica do pensamento de Butterfield instaura uma questão essencial para a pesquisa em História Intelectual. Pois realizar uma leitura contrária ao julgamento que o autor faz da própria obra tende a ser visto como um contrassenso para parte da tradição historiográfica inglesa. Em uma leitura baseada no projeto intencionalista de Quentin Skinner, em *Meaning and Understanding in the History of Ideas* (1969), onde objetiva-se restaurar as intenções originárias de significado propostos por um autor à época de sua publicação. Dentro desta perspectiva historiográfica, o parâmetro para sustentar a validação da pesquisa histórica sobre determinado autor é compreender se o próprio objeto da pesquisa aceitaria a definição, adjetivação que lhe está sendo atribuída.<sup>52</sup>

Nessa linha de raciocínio, colocar Butterfield em um diálogo cujo o próprio não se sentia pertencente seria errôneo, visto que o próprio não concordaria com essa visão sobre seu trabalho. Sua reflexão estaria sendo, portanto, descontextualizada e descaracterizada das questões originais que buscava responder.<sup>53</sup> Herbert manifesta sua posição sobre esse dilema, em *The Whig Interpretation*, ao comentar o caráter ahistórico e teleológico dos epítetos, rejeitando a postura presentista na História e tentando compreender “o passado em si mesmo” [no original, “the past for the sake of the past.”]<sup>54</sup> Para exemplificar essa posição, o autor cita que o historiador deveria evitar chamar Lutero de “pai do protestantismo” ou o “apóstolo da liberdade religiosa”, dado que o reformista não teria capacidade de visualizar nas suas ações as características formuladas posteriormente.<sup>55</sup> Na contramão dessa postura, a visão contextualista opta pela análise do texto da pesquisa em relação aos pares e referências adequadas para o cenário intelectual que o autor estudado compunha.

<sup>52</sup> “For if a given statement or other action has been performed by an agent at will, and has a meaning for him, it follows that any plausible account of what the agent meant must necessarily fall under, and make use of, the range of descriptions which the agent himself could at least in principle have applied to describe and classify what he was doing. Otherwise the resulting account, however compelling, cannot be an account of his statement or action.” SKINNER, Q. *Op. Cit.*, p. 29

<sup>53</sup> “Whether a given proposition is true or false, significant or meaningless, depends on what question it was meant to answer; and any one who wishes to know whether a given proposition is true or false, significant or meaningless, must find out what question it was meant to answer.” COLLINGWOOD, R. “Logic of Question and Answer” In: *An Autobiography*, London: Oxford University Press, p.39

<sup>54</sup> A expressão “the past for the sake of the past.” recorrente no texto do autor vai ser traduzida por “passado em si” ou o “passado em si mesmo” BUTTERFIELD, H. *The Whig Interpretation of History*, p.32

<sup>55</sup> BUTTERFIELD, H. *Whig Interpretation of History*, p.18

Na esteira dessa reflexão, o exercício proposto por R. G. Collingwood para a compreensão de textos que foram retirados de seu contexto original é frutífero para essa dissertação. Pois auxilia a compreender a influência das críticas de Namier, Carr e outros historiadores mencionados anteriormente, na leitura contemporânea da obra de Butterfield. E a necessidade de ler o conteúdo original consciente das críticas, mas também prover uma reconstrução que atravessa e perpassa elas:

Later on, when he has become a 'classic' and his contemporaries are all long dead, the question has been forgotten; especially if the answer he gave was generally acknowledged to be the right answer; for in that case people stopped asking the question, and began asking the question that next arose. So the question asked by the original writer can only be reconstructed historically, often not without the exercise of considerable historical skill.<sup>56</sup>

O movimento de restaurar o autor em seu dado contexto é primordial para este trabalho. Todavia, entende-se que explorar uma dimensão potencial dentro da obra a partir de uma perspectiva hermenêutica pode, igualmente, trazer reflexões que aprofundem a compreensão acerca da obra de Butterfield. Mesmo que essa possibilidade de entendimento seja expressamente rechaçada pelo próprio autor, abrindo a possibilidade de que ele próprio tivesse consciência das potencialidades que sua obra alcançaria. Ele não poderia, por exemplo, prever que ao escrever uma denúncia sobre visões teleológicas da história dentro da tradição inglesa, estaria formulando um dos conceitos-chave para a História da Ciência.<sup>57</sup> Logo, anular por princípio as dimensões das leituras sobre o autor seria improdutivo para esse projeto.

Deste modo, é necessário evocar um ponto de vista metodológico que seja dialógico nas relações entre passado e futuro, contexto e recepção. Na esteira dessas demandas, a tradição cambrígdiana, na qual esse trabalho tem suas maiores referências, igualmente foi reformada. Isso pode ser visualizado, na reedição de *Meaning and Understanding* publicada em *Visions of Politics*, em 2002, e no texto

<sup>56</sup> COLLINGWOOD, R. *Op. Cit.*, p.39

<sup>57</sup> “Há na história da ciência uma tendência a lançar sobre o passado um olhar determinado pelo que mais tarde se julgou ser importante. Julgar o passado em função do presente é ser whiggista.” HENRY, J. “A Revolução científica e a Historiografia da Ciência”. In: *A revolução científica e as origens da ciência moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 14

*The Rise Of, Challenge To and Prospects For A Collingwoodian Approach to the History of Political Thought*, publicado em 2001.

A história intelectual precisou se reformar como consequência do desafio proposto pelas críticas que trouxeram a descentralização do autor como ponto único de estudo. Neste entremeio, é possível citar Michel Foucault, Jacques Derrida, Paul Ricoeur e Hans-Georg Gadamer, entre outros autores, que compõem diferentes tradições de pensamento.<sup>58</sup> É através da construção de novos parâmetros epistêmicos da História Intelectual nos anos 1980 e 1990 e o fim do projeto intencionalista, que se encontra a fundamentação metodológica para o trabalho.<sup>59</sup> Em suma, enfatizam-se os aspectos hermenêuticos e dialógicos, na mesma medida em que se tenta restaurar os significados empregados por Butterfield, em suas obras.

À luz dessa reflexão, assume-se a postura traçada por Martyn P. Thompson em “Reception Theory and The Interpretation of Historical Meaning” de 1993. Nesta obra, o autor argumenta que o entendimento histórico pressupõe um exercício duplo de reflexão, que conjuga as duas escolas de pensamento mencionadas. Thompson rompe com a unilateralidade das pesquisas que buscam o significado exclusivamente na intenção original do autor ou na recepção dos leitores e aponta ser possível criar novas perspectivas frutíferas de interpretação dos significados. Possibilitando, então, pensar dentro de um novo paradigma da história intelectual que interconecta os conceitos de recepção e intenção na compreensão dos significados.

De forma a encerrar este primeiro desafio do trabalho, volta-se ao próprio Herbert Butterfield, em uma de suas contribuições para o pensamento histórico. Em *The Statecraft of Machiavelli* (1940), o historiador demonstra preocupação similar a deste trabalho, isto é, ler o autor a contrapelo das leituras estabelecidas pela tradição. Para tanto, Butterfield propõe uma empresa contextualista para separar o autor de suas leituras posteriores, e este é o primeiro movimento que será realizado no próximo tópico. Maquiavel é tratado da seguinte forma no livro: “Sua mentalidade é essencialmente aquela do seu tempo e círculo social, e é um dos

<sup>58</sup> Importante ressaltar que o agrupamento desses autores como críticos das proposições intencionalistas não significa que as críticas eram do mesmo cunho teórico.

<sup>59</sup> Para uma história das perspectivas construídas teórica construídas por Quentin Skinner e as revisões ao seu “projeto metodológico” ver: VERTULLI, G. O problema da intencionalidade autoral na teoria da história de Quentin Skinner. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2015, 147 p.

propósitos do seguinte ensaio restaurá-lo ao seu contexto, do qual ele é tão frequentemente e tão facilmente divorciado.”<sup>60</sup>

Em linhas gerais, este é o quadro metodológico orientado para a construção da linha argumentativa. Ao tomar a decisão de compreender um autor contra o seu próprio entendimento é necessário justificá-lo de forma sistêmica e metodológica. O primeiro passo para satisfazer o que é demandado para tal expedição intelectual é se fundamentar nos aspectos biográficos que suprem elementos capazes de prover entendimento aos argumentos intelectuais posteriores.

---

<sup>60</sup> “His mentality is essentially that of his time and circle, and it is one of the purposes of the following essay to restore him to his context, from which he is too often and too easily divorced” BUTTERFIELD. H. *Statecraft of Machiavelli*, London: Bell and Sons, 1960. p.9, tradução nossa



## 1.2

### Origem, Classe e Política

*“teach to look behind historians, especially famous historians”*

(Lord Acton)

Este tópico tem por intenção apresentar um panorama biográfico de Herbert Butterfield, sobretudo traçando uma narrativa descritiva sobre sua infância, juventude e inserção no meio acadêmico. A necessidade de uma escrita biográfica se realiza por dois motivos: pelo desconhecimento por parte do público brasileiro sobre a vida do autor trabalhado e para melhor contextualizá-lo dentro do cenário social e intelectual da academia britânica.

Apresentar uma síntese da biografia de Butterfield significa perpassar, por um lado, questões gerais de nacionalidade, classe e sobre a academia no século XX, por outro abordar traços individuais da personalidade e vivência do autor que influem sobre sua obra. A partir das noções apresentadas aqui, se torna mais claro, por exemplo, como as acusações mencionadas anteriormente têm uma feição socialmente marcada. Em suma, a intenção da exposição não é prover uma narrativa anedótica ou calcada no voyeurismo, mas articular a biografia como um instrumento de compreensão histórica. Articulando essa narrativa à análise dos elementos textuais e compreendendo as conexões entre o pessoal e social, de modo a imbricar as conexões entre o geral e o particular.<sup>61</sup>

Com base em estudos de História Intelectual, se replicam aqui as palavras utilizadas por Quentin Skinner, em *Hobbes e a liberdade Republicana* (2010), para sumarizar sua intenção em tratar o autor estudado, em uma abordagem historicista: “tento fazer Hobbes descer das alturas filosóficas, decifrar suas alusões, identificar seus aliados e adversários, indicar seu posicionamento no espectro do debate político.”<sup>62</sup> Esse trecho deve ser entendido como um mote para este primeiro tópico.

<sup>61</sup> “Em outros termos, o que está em jogo para o historiador não reside nem no geral, nem no particular, mas em sua conexão. Como escrevem Humboldt e Dilthey, a história é um conhecimento hermenêutico fundado sobre a circulação, não forçosamente viciosa, entre as partes e o todo.” LORIGA, S. *O pequeno X - Da biografia à história*. Belo horizonte: Autêntica, 2011, p.226

<sup>62</sup> SKINNER, Q. *Hobbes e a liberdade republicana* - São paulo: Editora Unesp, 2010, p.14

Para tal, é preciso traçar paralelos entre as abstrações encontradas nas obras e os resquícios de experiência do autor.

Para fazer Butterfield descer “das alturas filosóficas”, o primeiro passo para esse tipo de abordagem é a descrição da trajetória do objeto de estudo. Por isso, outra influência importante para este trabalho é o comentário de Peter Laslett sobre John Locke, onde se tinha por objetivo justamente restituir o autor para além de sua recepção. É necessário, segundo Laslett, passar pelo “modesto exercício do historiador”, de compreender as circunstâncias que o autor viveu. Para tal, ele afirma:

But our first object must be a modest historian's exercise — to establish Locke's text as he wanted it read, to fix in its historical context, Locke's own context, and to demonstrate the connection of what he thought and wrote with the Locke of historical influence.<sup>63</sup>

Por fim, apontam-se os parâmetros estabelecidos por C. T. McIntire para compreender como Butterfield se formou como historiador e pensador. O biógrafo destaca o caráter relacional entre as atividades e suas construções discursivas como historiador.

My quest is to understand how he became a historian and the sort of thinker he was, and how he worked out his vocation as historian. I deliberately keep my focus on his experience, activity, and discourse as historian, while ranging comprehensively throughout the whole.<sup>64</sup>

Sem mais tardar em elencar as referências para o tópico, Herbert Butterfield nasceu no ano 1900, em um pequeno vilarejo chamado Oxenhope, de dois mil habitantes, no condado de West Yorkshire, região norte da Inglaterra. A região se sustentava em função das demandas fabris e, principalmente, têxteis das cidades de Bradford e Leeds, grandes centros comerciais. A economia girava em torno da produção de um tipo valioso de lã, *worsted*, caracterizada pelos longos fios. A produção era absorvida pelas fábricas têxteis características da Inglaterra do início do século XX. O historiador Michael Bentley aponta que Oxenhope ainda vivia em

---

<sup>63</sup> LASLETT, P. (Org.) *Two treatises of Government*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p.4

<sup>64</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p. xvii

um ritmo pré-industrial durante o nascimento e infância de Butterfield.<sup>65</sup> Em realidade, Bentley, argumenta que a Segunda Revolução Industrial poderia claramente ser vista na região sul da Inglaterra, mas que o mesmo não poderia ser encontrado tão facilmente na região norte.<sup>66</sup>

Além disso, há uma grande diferença cultural na região de Yorkshire em relação ao resto da Inglaterra. Essa diferença envolve uma grande concentração de metodistas, em um país anglicano; um dialeto distinto, de difícil compreensão para a população das áreas centrais; e um forte sentimento de identidade. Para Denis Brogan, a região de Yorkshire configura uma sub nacionalidade dentro do território inglês: “Yorkshire era, ou talvez ainda seja, uma sociedade, uma sub nacionalidade, dentro da nacionalidade inglesa.”<sup>67</sup> Logo, o contexto social, cultural e religioso que Butterfield cresceu é distinto do restante do panorama inglês.

Não obstante, a família de Butterfield trabalhava em um moinho. Albert Butterfield, pai de Herbert, sempre trabalhou na produção de lã, desde o cargo mais baixo, o de separador de lã, até a supervisão do moinho. Albert fora órfão e se tornou um homem sem instrução que foi capaz de ascender socialmente pela sua vocação pastoral. Embora, por falta de estudos, Albert nunca tenha conseguido se tornar pastor, sua atuação na Igreja Metodista de Oxenhope, possibilitou sua inserção social na elite local.<sup>68</sup> Através da igreja, criou a amizade com o dono do moinho em que trabalhava, John Parker. E a partir dessa relação, o pai de Herbert conseguiu o cargo de supervisor da produção moinho, o que gerou uma melhora significativa na condição econômica da família. Albert pôde, então, prover uma criação, na qual seus filhos não necessitassem trabalhar. Deste modo, os filhos da família Butterfield puderam frequentar somente a escola, algo incomum para uma família pobre inglesa do início do século XX.<sup>69</sup>

<sup>65</sup> “And everywhere chimneys, round-sectioned or octagonal on a square base, rising high above the elevated horizon, relics of a world devoted not to coal or steel but to worsted and the mills’ deafening shuttles.” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.14

<sup>66</sup> BROWN, A. ‘What is the Leeds Region?’ In: W. BERESFORD, M.; JONES, G. (Orgs.), *Leeds and its Region. apud*, BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.14

<sup>67</sup> BROGAN, D. *Op. Cit.*, p.5 “Yorkshire was, or perhaps still is, a society, a sub nationality, within the English nationality.”

<sup>68</sup> “The Methodist family enjoyed social inclusion and privilege of a kind that reversed the colour of Anglican areas.” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.13

<sup>69</sup> Em 1911, quando Herbert tinha 11 anos, 18,3% das crianças inglesas trabalhavam na idade entre 10-14 anos, mas os autores ressaltam que esse dado descreve todo território inglês e que havia discrepâncias regionais. O estudo cita a “the textile area of Yorkshire” como tendo “relatively high child employment rates” Para ver o panorama do trabalho infantil na Inglaterra ao longo dos séculos XIX e XX ver: CUNNINGHAM, H “Combating Child Labour: the british experience” In: *Child*

Além disso, Herbert cresceu, junto ao seu irmão, em um ambiente de incentivo à leitura. Embora não houvesse nenhuma biblioteca pública na região, o dono do moinho provia livros antigos, sobretudo enciclopédias, e instrumentos musicais, em especial, um piano para que os filhos da família Butterfield pudessem ser educados.<sup>70</sup> Herbert era cobrado para que tivesse bons resultados escolares pelo seu pai, Albert, que via na educação um caminho para a ascensão social e econômica dos filhos.<sup>71</sup> Outro lado importante para a instrução da família não era apenas a educação formal, mas a participação na Igreja Metodista, onde Herbert participou de grupos de estudos da Bíblia e fez formação para se tornar pastor, função que exerceu a partir dos 15 anos, até sua entrada em Cambridge.

A religião se tornaria o tema central da reflexão histórica de Butterfield após a década de 1950, embora não seja o foco deste trabalho que compreende as décadas de 1930 e 1940. É importante destacar como conceitos religiosos como providência divina e a visão agostiniana do humano, baseada no livro arbítrio, orientaram a cosmovisão do autor e, por conseguinte, sua visão histórica.<sup>72</sup> Para muitos comentadores, História e Religião são indissociáveis na reflexão de Butterfield. Sobre este aspecto, Matthews afirma que “o conhecimento da história e da fé viviam juntos em sua mente.”<sup>73</sup>

Herbert assimilou desde tenra idade os desejos acadêmicos e religiosos de seu pai, por quem nutria profunda admiração.<sup>74</sup> Nesse cenário, ele frequentou a escola em Oxenhope, sua cidade natal, até os 11 anos, pois a oferta de estudos na

---

*Labour in historical perspective 1800-1985: case studies from europe, japan and colombia* (Org) CUNNINGHAM, H & VIAZZO, P. Florença: EDITORIA UNICEF, 1996, p.42 e 43

<sup>70</sup> BENTLEY, *Op. Cit.*, p.17 e 24

<sup>71</sup> “parents ‘regarded schooling, not as a course of discipline, but only as a means of reading, writing, arithmetic, sewing and knitting, as a preparation for the main business of life - earning a living.” HURT, 1979, *apud Combating Child Labour: the british experience*, Hugh Cunningham dentro de *Child Labour in historical perspective 1800-1985: case studies from europe, japan and colombia* (ed Hugh Cunningham e Pier Paolo Viazzo Florença: EDITORIA UNICEF, 1996.) p.203

<sup>72</sup> Para ver o impacto da ideia de providência na obra de Butterfield ver Capítulo 7 da biografia de Michael Bentley “God” p.204-232 ; Sobre a influência de Santo Agostinho na obra de Butterfield em sua visão sobre o humano como ser uno, que resultou no que Kenneth McIntyre chamou da construção de uma “antropologia religiosa cética” (p.30); Keith Sewell completa: “David Knowles, John Derry, Kenneth W. Thompson, Adam Watson and others have recognised Butterfield's 'Augustinian' view of man.”, p.13; igualmente, ver: KNOWLES, D. “St. Augustine”. In: KOENISBERGER, H. & ELLIOT, J. (orgs.). London: Routledge *The Diversity of History: essays in honour of Herbert Butterfield*. p.17-34.

<sup>73</sup> “the knowledge of history and faith live together in his mind.” W. R. Matthews, “The Philosophy of History”, *Journal of Education*, vol. 82, 1950, p. 354. *apud SEWELL, K. Op. Cit.*, p.11, tradução nossa.

<sup>74</sup> BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.18 e 25.

cidade se limitava aos primeiros anos de escolarização. O sucesso escolar permitiu ao Herbert pleitear uma bolsa de estudos em Keighley, cidade vizinha a seis quilômetros de Oxenhope. Por sorte, Butterfield foi designado à *Keighley Trade Grammar School*, uma escola em plena ascensão na região, que teria a partir daquele momento destaque regional, ombreando-se às principais escolas de Leeds, principal centro do Norte inglês. Esse aumento de reputação da escola permitiu a Butterfield concorrer aos exames admissionais para Cambridge e Oxford.

De todo modo, se a família de Butterfield tinha condições de não enviar seus filhos ao trabalho, isso não significava dizer que eles eram abastados. A ida para Keighley apresentou para o jovem estudante que havia uma realidade muito mais rica do que a previamente conhecida. A diferença entre as realidades que o jovem Butterfield vivia eram tão grandes que em Oxenhope sua família tinha uma boa condição, mas eram pobres em Keighley. Tal fato é atestado pelo episódio, no qual o inspetor da escola questiona se os pais alimentavam o pequeno Herbert, visto que ele era um aluno demasiadamente magro comparado aos outros.<sup>75</sup>

Durante o período na *Grammar School*, Herbert experimentou dois mundos distintos. Em Oxenhope, a vida girava em torno da capela metodista, onde passava a maior parte do seu tempo e tinha todo seu círculo social. Enquanto, em Keighley, ele vivia uma vida isolada, dedicava seu tempo à leitura de romances, aprendia línguas estrangeiras e História, em um currículo que o próprio tinha montado. Butterfield, a contragosto de seus pais e do diretor da escola, não quis seguir o currículo “moderno” que as escolas inglesas tinham começado a oferecer baseado na matemática financeira e não tinha a possibilidade de seguir o currículo “aristocrático” baseado na aprendizagem da língua grega e latina, pois a escola não oferecia as disciplinas.<sup>76</sup>

C.T McIntire propõe que esses três elementos descritos: a família dona do moinho, a Igreja Metodista e a escola foram o que possibilitou que Herbert tivesse outros horizontes a serem explorados para além da pequena vila de Oxenhope.<sup>77</sup> Pela família dos donos do moinho, ele sabia que existia a possibilidade de ter uma vida luxuosa e culta. Na Igreja, ele tinha acesso ao intercâmbio entre outras congregações e atividades culturais, foi em uma atividade dominical, por exemplo,

---

<sup>75</sup> *Ibid.*, p.23

<sup>76</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.9

<sup>77</sup> *Ibid.*, p.3-4

que ele assistiu ao primeiro filme. Evento marcante, lembrado décadas depois, inclusive, pois é recorrente na obra de Butterfield a metáfora entre história e cinema. E pela escola, além de descobrir um mundo mais rico, Butterfield teve contato com professores, em especial, o professor de literatura, F. C. Moore, que o aproximou das concepções do romantismo, apresentou o ateísmo como uma corrente de pensamento e o estimulou em seu antigo sonho de se tornar escritor.<sup>78</sup> Através da ajuda de Moore, Butterfield publicou um poema aos 17 anos, em uma editora local.<sup>79</sup>

A educação pouco ortodoxa que o jovem Butterfield escolheu, fugindo dos modelos matemáticos e não tendo acesso ao ensino clássico, o dificultou no processo de entrada para às universidades. O curso de História não foi a primeira opção para Herbert, mas foi a única escolha viável, por ser o único curso dentro da área de humanidade a oferecer bolsa de estudos na época.<sup>80</sup> A História seria a opção disponível mais próxima do sonho de se tornar escritor.<sup>81</sup> A importância de destacar esse episódio se dá pela dificuldade acadêmica que os exames admissionais revelaram e como isso ilustra o ambiente, pelo qual o autor passou nos primeiros anos de sua carreira.

Em primeiro lugar, não havia sequer um professor de História que pudesse orientar Butterfield para os exames, pois a *Keighley Grammar School* era dedicada ao estudo tecnológico e matemático, e o professor Moore, embora ensinasse história, era um literato. Apesar de Butterfield ter escrito uma carta de motivação que impressionou a banca, o seu conhecimento sobre história era ultrapassado e lacunar, o que era um desafio para a fase presencial dos exames admissionais. A principal leitura que o jovem de Oxenhope teve acesso era a coleção *Short History of English People*, de John Richard Green, publicada em 1874. Ao citar Green, autor de manuais históricos que datavam meio século, na entrevista de admissão, Butterfield teve como resposta da banca, em tom jocoso, que o livro era datado.<sup>82</sup>

<sup>78</sup> “I distinctly remember that when I was eight years old I was determined to be a writer.” Diário pessoal de Butterfield *apud* BENTLEY, M, *Op. Cit.* p.21

<sup>79</sup> O poema nunca foi encontrado pelos biógrafos de Butterfield, sobre a relação de Butterfield e o papel de mentor desempenhado por Moore ver: BENTLEY, M. p.31-32; MCINTIRE, C. p.9-11

<sup>80</sup> “A desvantagem escolar exprime-se também na restrição da escolha dos estudos que podem ser razoavelmente vislumbrados por uma dada categoria.” BOURDIEU, P. *Os Herdeiros, os Estudantes e a Cultura*. Florianópolis, Editora UFSC, 2014, p.17.

<sup>81</sup> ‘it seemed to offer the only opportunity of becoming a writer’ BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.31

<sup>82</sup> ‘bit out of date isn’t it?’. BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.34

Foi sua paixão pela poesia que conquistou a simpatia do professor medievalista de Cambridge, Charles Previté-Orton, responsável por conceder a bolsa de estudos para Butterfield. Ao perceber que seus conhecimentos históricos não serviriam durante a entrevista, o desavisado menino de Oxenhope optou por recitar os poemas de William Wordsworth, que havia decorado, como principal referência histórica. Então, Previté-Orton, admirador de Wordsworth, se encantou com o jovem vestibulando e o continuou se referindo a Butterfield como “Wordsworth boy” pelos anos seguintes.

Apesar de ter sido aprovado para receber a bolsa, faltava ainda outra entrevista a ser feita para Butterfield ser aceito. A influência do diretor da *Keighley Grammar School* o levou à *Peterhouse*,<sup>83</sup> por conta da fama e iminência de Harold Temperley. À época, Temperley era uma das principais referências no estudo da História diplomática, que estava em voga na academia e no mercado editorial inglês. Butterfield havia aprendido que a referência de John Richard Green que tinha aprendido no colégio tinha sido ridicularizada. Como estratégia, então, citou os livros que tinham sido doados para sua família pelos donos do moinho. O livro em questão era *History of England*, de 1887, de Cyril Ransome. Temperley respondeu negativamente ao ouvir o nome do autor: “Ransome? O próprio nome dele é venenoso.”<sup>84</sup> A consequência dessa reunião é que o jovem ingressante ficou sem um orientador, Temperley se recusara a trabalhar com um “aluno estúpido” que desconhecia produções historiográficas recentes. E ele foi enviado para um professor que estava acostumado a lidar com alunos “inferiores.”<sup>85</sup>

Logo, Butterfield chegou em Cambridge em um curso que não desejava e sem nenhuma referência histórica que fosse válida para os professores, pois não havia frequentado as escolas preparatórias da elite econômica e social que formavam os alunos para as principais universidades britânicas. É necessário compreender esse ponto de partida, pois essa inadequação com o ambiente elitizado das universidades nos anos 1920 é importante para a análise da trajetória de Butterfield neste primeiro capítulo: a diferença socioeconômica e escolar que o diferenciava dos outros alunos.

<sup>83</sup> College de Cambridge que Butterfield estaria ligado pelo resto de sua carreira.

<sup>84</sup> “Ransome? The very name is poison.” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p. 40, tradução nossa.

<sup>85</sup> Diário pessoal de Butterfield *apud* SEWELL K., *Op. Cit.*, p.16.

A exclusão sofrida por Butterfield não foi feita apenas pelos professores, o mesmo se verificou junto aos alunos que, em geral, pertenciam à nobreza e conviveram nas principais escolas do país. Os colegas, desacostumados com o modo de falar camponês, zombavam da forma que o mesmo pronunciava seu sobrenome e o chamavam de “Buttercup” ou “Butterworth.” Meio século depois, o próprio autor reconheceu sua inabilidade em assimilar os “marcadores privilegiados de classe.”<sup>86</sup>

Além disso, Cambridge era uma universidade anglicana e um jovem pastor metodista oriundo de uma pequena cidade se sentia ameaçado pelos cultos pastores anglicanos, em relação aos conhecimentos bíblicos. O jovem de Oxenhope era destacável no meio dos *gentlemen*, o que proporcionou um isolamento acadêmico e social. Deve-se reforçar que não se deve entender os universitários como um grupo social coeso e homogêneo. O que é compreensível dado a falta de acesso educacional nesse período, como aponta Ross McKibbin:

England's universities were its most exclusive educational institutions. Throughout the interwar years England had proportionately fewer students at university than any other country in Europe. Within Great Britain itself, it had proportionately fewer university students than Wales and Scotland.<sup>87</sup>

Nesse cenário, C. T. McIntire denomina a situação de Butterfield como um exílio dentro dos círculos sociais, marcados pelo preconceito social e geográfico.<sup>88</sup> A ambiguidade das relações produzidas são fruto da dificuldade de inserção social. Embora fosse um orgulhoso Yorkshireman,<sup>89</sup> Butterfield sempre tentou esconder seu passado dos colegas, mesmo quando ascendeu ao cargo de vice-reitor. “Butterfield buscava controlar, como uma figura pública bem conhecida, o que o

<sup>86</sup> BOURDIEU, P. *A Distinção Social: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Zouk; Edusp, 2016, p.9

<sup>87</sup> MCKIBBIN, R. *Classes and Cultures: England 1918-1951*. New York: Oxford University Press, 2000, p.248.

<sup>88</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.18

<sup>89</sup> “He retained a strong county loyalty, and his work includes writing on such Yorkshire whig champions as George Savile, Marquess of Halifax, Christopher Wyvill and Lord Rockingham.” SEWELL, K. *Op. Cit.*, p.2



mundo externo conhecia sobre sua infância, e os registros que ele deixou, nas suas entrevistas e manuscritos, carregam a marca de refinamento.”<sup>90</sup>

Nessa dinâmica social destacam-se, igualmente, a linguagem e o corpo como aspectos centrais para a diferença socioeconômica e a mobilidade social, pela forma em que as características se manifestam. De um lado, Butterfield tinha uma figura esguia, a personalidade tímida e um tom de voz distinto que o impediam de falar em público. E por outro lado, principalmente, o fato de que seu sotaque era facilmente distinguível na comunidade cambridgeana.

When Butterfield did open his mouth he made matters inevitably worse. At home he had been bilingual between Oxenhope dialect, which he could understand and mimic, and the more correct but accented diction of his parents. That accent remained unmistakable and very few, if any, undergraduates at Peterhouse had a similar one.<sup>91</sup>

Todavia, esses fatores são contextuais e não deterministas da vida de qualquer sujeito. Assim, Butterfield encontrou formas de superar os obstáculos que se apresentavam para um jovem da classe trabalhadora no seio da elite econômica e social inglesa. O sotaque foi, paulatinamente, sendo perdido.<sup>92</sup> Quanto aos costumes, modo de se portar e falar, Paul Vellacott foi seu mentor e amigo durante todo o período que esteve em Cambridge. E foi preciso um ano para Butterfield superar a posição de *outcast* frente aos professores com o ensaio “History as art made Organic”<sup>93</sup> que fez sucesso entre os alunos da *Peterhouse*.

A leitura deste artigo por Harold Temperley, fez com que o renomado historiador reabilitasse Butterfield como um orientando e pupilo. Temperley se tornou a principal referência para o estudante.<sup>94</sup> Meio século depois, Herbert, ao escrever suas memórias, relembra como ele se submeteu completamente às visões

<sup>90</sup> “Butterfield sought to control, as a well-known public figure, what the outside world knew about his childhood, and the record he left, in his interviews and manuscripts, carries the stamp of refinement.” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.20, tradução nossa.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p.36.

<sup>92</sup> Os comentaristas discordam entre si nesse ponto: “Only after many years acculturation did he rid himself of most of the Brönte vowels, though an acute auditor could still hear the Yorkshire intonation” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.36; “Although he spent most of his life in Cambridge, Butterfield never lost his love for Yorkshire or his distinctive Yorkshire accent.” SEWELL, K. *Op. Cit.*, p.2

<sup>93</sup> Não sobreviveu nenhuma cópia do texto, existem apenas apontamentos do que seria o conteúdo. E há duas versões para o título *History is Art Made Organic* e *History as Art Made Organic*.

<sup>94</sup> “At least from 1923 onwards he was strongly influenced by Harold Temperley, the highly regarded Peterhouse diplomatic historian.” SEWELL, K. *Op. Cit.*, p.1

de Temperley.<sup>95</sup> Essa aproximação resultou em um programa de pesquisas em história diplomática que se estendeu por toda década de 1920, no projeto de estudo das cartas napoleônicas e na publicação de *The Peace Tactics of Napoleon, 1806-1808*, em 1929. Nos próximos tópicos verifica-se, contudo, que após a publicação de *Peace Tactics*, Butterfield rompe intelectualmente com Temperley e o campo da História Diplomática.<sup>96</sup> Sobre a relação entre os dois na década de 1920 e como Temperley orientou a trajetória de Butterfield, McIntire afirma:

Butterfield put himself completely under Temperley's power and deferred to him utterly. It is hard to overstate the dominance that Temperley exercised over him in the next nine years. Temperley virtually took over the direction of Butterfield's professional life, and ensured that he would emerge a historian.<sup>97</sup>

Ainda, antes de encerrar esse tópico, há um último aspecto do desenvolvimento social e intelectual de Herbert Butterfield que precisa ser abordado: sua formação política. Esse é um tópico de maior dissenso entre os comentadores, afinal Butterfield nunca foi vocal sobre seu posicionamento político. A respeito deste aspecto, Bentley afirma que Butterfield estava muito ligado ao mundo espiritual e aos seus afazeres diários para se preocupar com a política, em um sentido ordinário.

De certo, algumas questões que surgem na literatura não configuram como parte do trabalho, pois são pouco frutíferas para o recorte escolhido. Pode-se citar o debate se Butterfield teria ou não se aproximado das ideias do comunismo na década de 1920, como grande parte do ambiente acadêmico inglês.<sup>98</sup> A intenção aqui, entretanto, é informar ao leitor um esquema elucidativo de referências políticas importantes, pois estas estão diretamente ligadas às publicações de *The Whig Interpretation of History*, em 1931, e *The Englishman and His History*, em 1944, objetos fundamentais dessa dissertação. Toma-se como premissa que os ensaios publicados são textos tanto políticos quanto historiográficos.<sup>99</sup>

<sup>95</sup> MCINTIRE, C. *Op Cit.*, p.19

<sup>96</sup> "Indeed, *The Peace Tactics of Napoleon* is a book of great revelatory power. It is obviously written in a style which owed a great deal to Harold Temperley. But whereas Sir Herbert Butterfield got over that style and has, in fact, been reproached with the austerity of his later writing, Harold Temperley, as his last book shows, never did." BROGAN, D. *Op. Cit.*, p.7

<sup>97</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.19

<sup>98</sup> BENTLEY, M. *Op Cit.*, p.90, 91 e 111

<sup>99</sup> A ser demonstrado no primeiro tópico do próximo capítulo e em todo terceiro capítulo

Em um exame geral da política inglesa na década de 1910 e 1920, a comunidade metodista, via de regra, se alinhava ao Partido Liberal.<sup>100</sup> Influenciado pelo pai, Butterfield começou a ter contato com a revista *New Statesman*, que tinha um viés liberal e progressista. Perfil, no qual o jovem de Oxenhope se enquadrou, sobretudo ao procurar referências para uma visão de mundo cristã, que não fosse conservadora.<sup>101</sup> Butterfield gradualmente se tornou um *Asquithian Liberal*, em referência à linha do Partido Liberal liderada pelo primeiro-ministro H. H. Asquith, que governou entre 1908 e 1916. Para Patrick Cosgrave, a relação de Butterfield com a política partidária nunca mais seria a mesma: “embora fosse fascinado por política, ele nunca pode dar — após seu flerte juvenil com Asquith — sua completa fidelidade a qualquer partido.”<sup>102</sup>

O período de governo do partido liberal foi de grande estabilidade política e econômica. Entre 1905 e 1922, momento em que Butterfield teve seu desenvolvimento e amadurecimento, os liberais governaram a Inglaterra com três ministros. Este período teve início com Henry Campbell-Bannerman, representante do parlamento por três anos, sucedido por H. H. Asquith que governou durante oito anos e, seu sucessor, David Lloyd George que esteve no cargo por seis anos. A chegada do partido conservador e, em um segundo momento, do partido trabalhista no poder representou uma quebra de estabilidade política. Se em 17 anos, a Inglaterra havia tido três ministros, entre 1922 e 1924, já estava se encaminhando para a quarta troca de poder. O impacto desta nova dinâmica política em Butterfield, o levou a reforçar sua postura política cética.<sup>103</sup> A partir de 1924, a estabilidade política voltou ao governo inglês e só foi interrompida com a Crise de 1929. Desse episódio surgem novas questões que culminaram na publicação de *Whig Interpretation*, a serem comentadas no próximo capítulo.

<sup>100</sup> MCINTIRE, C. *Op Cit.*, p.11

<sup>101</sup> “Always opposed to fundamentalism, he was sympathetic to the positive features of English evangelicalism. In the tradition of Wesley, Christianity for him was a religion of the heart.” SEWELL, *Op. Cit.*, p.1.; Butterfield negava o aspecto moralizante da religião. Princípio que ele aplicou, igualmente, ao conhecimento histórico, como será visto no segundo capítulo. Para ver a relação entre Butterfield e a sua formação religiosa ver: MCINTIRE, C. 'Introduction Herbert Butterfield on Christianity and History', *Writings on Christianity and History*, 1979, p. xxv-xxvi.

<sup>102</sup> “although fascinated by politics, he could never have given—after his youthful flirtation with Asquith —his complete allegiance to any party.” COSGRAVE, P., “An Englishman and His History,” *Spectator*, 1979, p. 22–23.

<sup>103</sup> Kenneth McIntyre descreve esse panorama no terceiro capítulo de seu livro: “Butterfield’s Politics: Skeptical Liberalism and International Relation” In: *Herbert Butterfield: History, Providence, and Skeptical politics*. Wilmington: ISI Books, 2011 p.99-157.

Buscou-se, à vista deste panorama da trajetória de Butterfield, ilustrar o momento formativo do autor, circunscrito entre os primeiros anos da infância e adolescência, passando pelo processo seletivo de entrada na universidade e as dificuldades enfrentadas, sobretudo, no primeiro ano escolar. Não obstante, a descrição exposta tem por objetivo apresentá-lo por meio de uma perspectiva da História Intelectual e da História da Historiografia, com o intuito de relacionar questões individuais e sociais. Essas são empregadas para auxiliar a compreensão das escolhas e possibilidades que estavam no horizonte de ação de Herbert Butterfield.

## 1.4

## A História Frustrada

*“Butterfield responded with intellectual and even bodily dissent  
from whatever prevailed”  
(C. T. McIntire)*

Nesta última seção do primeiro capítulo, o foco é direcionado para a primeira produção acadêmica publicada de Herbert Butterfield, *The Historical Novel*, de 1924. A publicação deste livro, enquanto ainda era graduando, expõe as primeiras reflexões históricas do autor. No livro, aparece a tentativa de aproximação entre o romance histórico e a disciplina histórica, busca-se uma História que esteja próxima dos “corações e paixões humanas como o romance.”<sup>104</sup> No âmbito biográfico, este tópico adensa um apontamento anterior, na medida em que *The Historical Novel* é um ensaio, no qual há uma tentativa de conciliar o desejo de se tornar um escritor, trabalhar com literatura e a profissão de historiador. A partir da leitura do livro, abre-se espaço para identificar traços intelectuais do autor, como sua filiação inicial aos ideais do romantismo, a insatisfação com o modelo positivista e a construção de um estilo literário próprio. Para além disso, pretende-se apresentar uma característica intelectual do historiador trabalhado que será importante para toda sua vida e obra: a dissidência.

De imediato, explana-se o objetivo com a leitura deste livro, visto que tanto o objeto quanto os conceitos empregados por Butterfield são, em parte, distintos dos apresentados no principal livro para esse estudo: *The Whig Interpretation of History*. Em outras palavras, questiona-se o que uma primeira publicação pode revelar sobre a reflexão posterior de um autor? E, igualmente, como as semelhanças e divergências com as leituras posteriores podem revelar novas posições intelectuais, leituras, assim como, rompimentos e continuidades de pensamentos?

Essas questões são pertinentes no trato de qualquer intelectual. No caso de Herbert Butterfield, a primeira tópica a ser explorada é a construção de um estilo próprio de escrita que já se configura a partir de *The Historical Novel*, publicado aos 24 anos. O estilo do autor inglês é caracterizado por uma fraseologia original,

---

<sup>104</sup> BUTTERFIELD, H. *The Historical Novel*. London: Cambridge University Press, 2011, p.18.  
Tradução do autor

convincente e o uso frequente, por vezes, excessivo de metáforas.<sup>105</sup> Ademais, outro traço importante da escrita butterfieldiana é sua falta de sistematicidade e precisão, justamente, como reflexo da adoção de um estilo literário e o já mencionado despreço dos campos teóricos e filosóficos.<sup>106</sup> Na visão de Keith Sewell, esses dois pontos são correlatos: “A falta de clareza de Butterfield talvez seja vista como o resultado de sua completa aversão à teoria abstrata.”<sup>107</sup>

Outro ponto central a ser abordado é a ubiquidade da crítica aos modelos positivistas e dos limites da história científica dentro da reflexão butterfieldiana. Grande parte dos textos metodológicos de Butterfield estão associados ao caráter *sui generis* da disciplina, não sem razão, é um dos primeiros defensores do estudo da História da Historiografia na academia anglo-saxã.<sup>108</sup> Para o autor, a primeira tarefa do historiador é conhecer a própria História. Em *The Historical Novel* já se visualiza o ensejo dessas questões. Nesse primeiro momento, partilhando de um ideal romântico, Butterfield critica o fracionamento da experiência humana em diversos campos, como política, economia e religião. Assim sendo, a História ao preterir a complexidade da experiência humana, em prol de modelos segmentados, acaba por perder o mais importante: o lado humano.

Na contramão do consenso epistemológico vigente, ao valorizar o romance histórico como uma produção de conhecimento válida, Butterfield argumenta, em plano geral, na superioridade da capacidade intelectual da imaginação sobre a lógica.<sup>109</sup> Esse elemento é mais um aspecto de afiliação do autor ao movimento romântico. Hayden White descreve essa característica do movimento:

A historiografia romântica, sugiro afora, representa um retorno ao modo metafórico no que se refere à caracterização do campo histórico, [...], Os românticos repudiaram todos os sistemas

<sup>105</sup> “straining to be literary, he [Butterfield] says the same thing two or three or four times, each with a different metaphor, [...], For instance, the notice in the *English Historical Review* complained about the overuse of inaccurate or mixed metaphors and other ‘blemishes of style.’ MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.47

<sup>106</sup> “None of these collections offers a systematic or complete account of the history of historiography, [...], Drawn from lectures, they often retain the familiarity and lack of precision which characterize such writing” MCINTYRE, K. *Op. Cit.* p. 52

<sup>107</sup> “Butterfield’s lack of clarity here may itself be seen as a result of his aversion towards abstract theory.” SEWELL, K. “The ‘Herbert Butterfield Problem’ and Its Resolution.” *Journal of the History of Ideas*, Vol. 64, N. 4, 2003, p.611

<sup>108</sup> GEYL, P. Resenha de Man on His Past. *Cambridge Historical Journal*, vol 12, 1956, p.89-92

<sup>109</sup> BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.31

formais de explicação e tentaram conseguir um efeito explicativo utilizando o modo metafórico para descrever o campo histórico<sup>110</sup>

Ademais, a partir da crença que o resgate do passado é construído pela “ressurreição”<sup>111</sup> do mesmo na história, como faz o romancista. Nessa perspectiva, é preciso avivar, animar o passado no presente, fazê-lo presente para o leitor. Essa ressurreição é alcançada por intermédio do exercício da “imaginação simpática” no *ethos* do historiador. Para Butterfield, é através da valorização e incorporação de aspectos do trabalho do romancista que seria possível alcançar uma nova forma mais atrativa e vivaz de se escrever história. Aportando para a narrativa histórica aquilo que ela é incapaz de prover ao leitor, a ambiência do passado, nas palavras dele:

He [novelist] completes the personality in his imagination, bringing in fiction to supply what history fails to give. That is true resurrection, that is the reason why historical novels are full of life and of people where history is often bloodless and dead.<sup>112</sup>

Butterfield nunca chegou a escrever uma resposta concreta sobre os limites da cientificidade da história. De fato, não há uma definição precisa do que ele entendia pelo termo “scientific history.”<sup>113</sup> Em *The Historical Novel* (1924), a cientificidade entra em conflito com o romantismo; em *TIWH* (1931) compromete as peças centrais da relação entre presente e passado, sobretudo na figura de Lord Acton; e *Christianity and History* (1949) com os valores da científicos e objetivos da História vão de encontro às ideias religiosas. Por via de prosseguir com a continuidade da exposição, C. T McIntire é citado para prover uma sistematicidade da importância do romantismo e as consequências desta afiliação nesta primeira publicação, que continuaram a ser exploradas a frente:

<sup>110</sup> WHITE, H. *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EdUSP, p.155

<sup>111</sup> Para as passagens em que se descreve a história como ressurreição ver: *The Historical Novel*, p.1, 29, 74 e 111. Destaca-se a passagem da página 111 “And so, for the resurrection of the past and the true re-telling of the life of the past, the novelist’s peculiar art has something to contribute. The virtue and power of the novelist’s depiction of men, is not that he observes perpetually and arranges data but that he enters into the experiences of others, he runs his life into the mould of their lives, he puts himself under the conditioning circumstances of their thinking.” BUTTERFIELD, *Op. Cit.*, p.111.

<sup>112</sup> *Ibid.*, p.74

<sup>113</sup> “He does not delve into the notion of the ‘scientific historian’ and history as ‘science.’” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.32

First, he has bound himself to romanticism, a conviction he associates with ‘the love of the past for its own sake,’ attention to ‘the whole experience of life,’ and the use of imagination. His romanticism creates unrealistically high expectations about the human ability to achieve the complete reconstruction of life in the past, expectations which no historian and no history book could fulfil.<sup>114</sup>

Em contraponto às perspectivas que apontavam as continuidades que se verificam entre essa primeira publicação e o *corpus* teórico do autor, o biógrafo, Michael Bentley, defende que o ganho de se ler *The Historical Novel* para compreender a reflexão Butterfieldiana, se dá pela ruptura intelectual que é apresentada, não pelas continuidades. Desse modo, para Bentley, o livro que objetiva aproximar a disciplina História do gênero literário não deve ser visto como o início do desenvolvimento intelectual e acadêmico de Butterfield. Mas como o ponto final resolutivo de questões que vinham da época da juventude e da graduação, que serão abordadas em breve. Essa afirmação se sustenta, sobretudo, no posterior descontento apresentado por Butterfield em relação ao romance histórico, Bentley afirma:

It [Historical Novel] offers a guide, not to what Butterfield would later say, but rather to what he would have to stop saying before he could move forward. It also conceals his later detestation of historical novels<sup>115</sup>

*The Historical Novel* seria, então, o fechamento de um importante período do desenvolvimento intelectual configurado em sua juventude, ao invés de apresentar uma abertura para os textos posteriores. Como mencionado anteriormente, Butterfield sonhava em se tornar escritor e tinha entrado na faculdade de História a contragosto, visto que o ensino da disciplina no colégio não o agradava, por se basear estritamente em exercícios mnemônicos de datas e eventos.<sup>116</sup> Destacou-se, igualmente, a importância do seu professor colegial, F. C. Moore, que teve grande influência no jovem historiador.

<sup>114</sup> Ibid., p.32.

<sup>115</sup> BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.45.

<sup>116</sup> Ibid., p.31.



Aqui, somam-se a essas informações, a influência de George Trevelyan e Paul Vellacott. Trevelyan foi um dos grandes expoentes da aproximação entre História e literatura, e da promoção de uma escrita literária da história na Inglaterra, no primeiro quarto do século XX.<sup>117</sup> Muito embora Butterfield não tivesse nenhum vínculo com o célebre historiador, este foi de suma importância para a adoção de um estilo literário na escrita da História.<sup>118</sup> Segundo C. T McIntire: “G. Trevelyan virou o mentor literário de Butterfield e o encorajou a manter a linhagem da história-como-literatura viva.”<sup>119</sup>

E o já citado, Paul Vellacott, que se tornou amigo e orientador de Butterfield, durante o terceiro ano de graduação, foi possivelmente a maior influência para a escrita butterfieldiana. Não apenas em forma, mas em conteúdo, Vellacott era um esteta o que coaduna com as produções de Butterfield neste período que estão relacionadas à arte:<sup>120</sup> “Vellacott amava ‘todas formas de talento artístico’ e enfatizava que ‘a escrita da história precisava ser essencialmente uma arte, e uma grande parte das questões históricas tinha que ser do entendimento humano.”<sup>121</sup>

O estilo literário de Butterfield, a sua investigação dos benefícios do romance histórico para a escrita da História e os ideais românticos estavam diretamente ligados à influência desses três professores citados. Mas para McIntire, é Vellacott que tem o papel primordial em satisfazer o desejo de Butterfield, ou seja, ser um escritor ao exercer a profissão de historiador:

Vellacott provided the link between writing and writing history. He was the one who suggested that Butterfield treat his history papers as writing, indeed as literary pieces, [...], In following

<sup>117</sup> “Trevelyan was the living exemplar of the tradition of history as literature” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p. 49; Ver: ADRIAN, E. “George Macaulay Trevelyan 1876-1962”. *Biographical Memoirs of Fellows of the Royal Society*, Vol. 9, 1963, p. 314-321.

<sup>118</sup> He arrived in time to gave Butterfield extra encouragement to write history in a literary manner, [...], Butterfield's own literary desires were sufficient to motivate his attempts to write history as literature, but Trevelyan's presence provided a boost, and in later writings he acknowledged his attachment to Trevelyan and the literary tradition with its stress on both writing style and personality.” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.49

<sup>119</sup> “Trevelyan became Butterfield's literary mentor and encouraged him to keep the lineage of history-as-literature alive.” *Ibid.*, p.49

<sup>120</sup> Além de “The Historical Novel”, Butterfield no mesmo período, escreveu “History is art made Organic” e um texto sobre Charles Dickens

<sup>121</sup> “Vellacott loved 'all forms of artistry' and emphasised that 'the writing of history had to be essentially an art, and that a great deal of the actual stuff of history had to be human understanding.” Butterfield papers 7 (Arquivo pessoal localizado na biblioteca de Cambridge), *apud* SEWELL, K. *Herbert Butterfield and the Interpretation of History.*, p.17

Vellacott's advice Butterfield found a way to blend his early desire to be a writer with his emerging aspiration to be a historian.<sup>122</sup>

Voltando à afirmativa de Michael Bentley, *The Historical Novel* seria o ponto máximo das reflexões, anseios e sonhos de Butterfield desde sua juventude vivendo ao lado do Brönte Country,<sup>123</sup> até o fim da graduação. Essa análise se suporta pelo fato de que a arte e sua relação com o conhecimento histórico não voltou a ser tratada com afinco pelo autor em qualquer obra sua, com exceção do texto “History as a branch of literature” publicado na coletânea *History and Human Relations*, em 1951. Em suma, segue-se o entendimento de Bentley, que *The Historical Novel* “faz mais sentido quando visto como uma produção de um graduando.”<sup>124</sup>

Antes de iniciar a análise do livro, há ainda aspectos contextuais da produção e publicação desta obra que devem ser mencionadas. A publicação do livro foi resultado de Butterfield ter conquistado o *Le Bas Prize*, em 1923. Em realidade, esse não foi o único concurso vencido nesses anos: Butterfield venceu outros dois, um com um ensaio sobre o escritor, Charles Dickens, e outro sobre as táticas napoleônicas, que viria a compor parte do livro *The Peace Tactics of Napoleon*, em 1929. Infelizmente, esses ensaios não foram preservados, assim como o texto *History is Art Made Organic*, mencionado anteriormente, que circulou entre a comunidade cambridgeana. Sendo assim, à parte de alguns textos publicados na revista discente dos alunos de Cambridge, *The Sex*, na qual ele se tornaria editor chefe, não há qualquer outro escrito do autor conhecido até a publicação de 1924.<sup>125</sup> De fato, *The Historical Novel* somente sobreviveu por ter sido publicada, como prêmio do concurso.

Esse período é digno de nota, pois é um momento de grande produtividade do autor — algo incomum na trajetória do

<sup>122</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.23

<sup>123</sup> Região de montanhas em homenagem às irmãs Brönte. O local fica em frente a casa das irmãs, onde Butterfield ia em expedições escolares. Butterfield foi um proeminente membro da *Brönte Society* até sua morte, como pode ser visto no seu obituário. “Professor Herbert Butterfield”, *Brönte Studies*, v. 17, 1979, p. 300-301

<sup>124</sup> “makes more sense when seen as an undergraduate production” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.45.

<sup>125</sup> Em referência a organização estudantil da *Peterhouse* chamada *The Sexcentary Club*. O nome fazia alusão ao fato de Peterhouse ser uma instituição sexta centenária, tendo sido fundada em 1284. Sendo, portanto, o *College* mais antigo de Cambridge.

historiador inglês — e que só se repetiria após o final da Segunda Guerra Mundial, quando Butterfield publica três livros em um único ano. Se após 1944, Butterfield já tinha a estabilidade de um importante cargo como professor e o desenvolvimento de pesquisas que duraram anos,<sup>126</sup> na década de 1920, a motivação para escrever esses textos era principalmente financeira. Embora os concursos universitários de escrita não pagassem grandes somas, ganhar o prêmio ainda significava uma quantia relevante para o jovem Butterfield, que vivia à custa de uma bolsa moradia.<sup>127</sup>

Do mesmo modo, a publicação do livro e os outros concursos vencidos, mesmo que não tenham repercutido tanto no ambiente externo à Cambridge, dentro da universidade, isso foi o suficiente para mudar o contexto de exclusão social descrito anteriormente. Esses anos foram igualmente essenciais para o desenvolvimento de Butterfield como um orador, visto que ele se tornou um dos principais articuladores dos debates acadêmicos entre os discentes.<sup>128</sup> Tal desenvolvimento foi apreciado, dado que grande parte de sua produção intelectual, neste momento, deriva do material preparado para as palestras apresentadas.<sup>129</sup> Gradualmente, Butterfield tornou-se uma referência intelectual para os colegas universitários, que enchiam as salas, para o verem apresentar trabalhos.

O livro apresenta um panorama das contribuições que o estudo do romance histórico pode trazer para a historiografia acadêmica. Butterfield pretende veicular ao leitor que há outras formas de escrita da História que não se baseiam no tratamento objetivo, contextual e generalizante do objeto de estudo. Para tal, o livro apresenta uma crítica às bases da historiografia, no que concerne ao tratamento ontológico do humano. Ao fazer a escolha pelo modelo científico, a História perderia o contato com as personalidades individuais, em prol da generalização. A

<sup>126</sup> Eleito *Professor of Modern History* em 1944. O cargo significava um importante aumento de salário e estabilidade. Além de ser um cargo prestigioso. Esse cargo e suas características serão melhor exploradas no terceiro capítulo, quando será explorado a publicação de *The Englishman and His History*, publicado no mesmo ano.

<sup>127</sup> “University prizes in Cambridge did not pay magisterially but they would definitely help if Butterfield could pick up one, [...], He entered three prize competitions, never dreaming that he would win them all” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.44

<sup>128</sup> “He became a prominent member of the Sexcentenary Club and participated actively as a debater.” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.22

<sup>129</sup> Grande parte dos livros publicados por Butterfield são edições de materiais inicialmente preparados para palestras, cita-se, por exemplo: *The Englishman and His History* (1944), *The Origins of Modern Science* (1949) e *Man on His Past* (1955),

aproximação com o romance feita por Butterfield é feita com o intuito de reconectar a História à sua propriedade literária.

Na escrita da História que toma de empréstimo seus métodos do modelo das ciências naturais, o humano e sua experiência são abstraídos, transformados em fenômeno desmaterializado e traduzido em dados a serem analisados. Na contramão, o romance provê para a História o lado numênico da realidade, pois tenta reabilitar a experiência, mesmo que seja algo inalcançável. A diferença entre as duas formas de análise é, na visão do autor, inconciliável. Embora, tanto o historiador quanto o romancista possam escrever sobre a mesma coisa, o olhar distinto faz com que aparentam ser dois objetos distintos:

historiography, if we survey it as a whole, is weak in its analysis of people and in its handling of human personality. If a visitor from another planet were to come upon a deserted earth, and found nothing from which to reconstruct human nature but the writings of novelists on the one hand and historians on the other, he would conceive them to be discussing two different subjects – so subtle and flexible is the one, so coarse and cumbrous the other.<sup>130</sup>

Na visão de Butterfield, os historiadores fazem a escolha de priorizar o estudo do meio social ao invés dos indivíduos. Seguindo a tradição romântica, o indivíduo tem que estar no centro da análise, pois o “modo romântico” de escrita da história é focado no indivíduo.<sup>131</sup> Por conseguinte, o autor escolhe negar a abstração como sintoma do afastamento da realidade. Então, Butterfield defende que a História é um conhecimento *sui generis*, diferenciando-a dos outros discursos sociais sobre o humano. Logo, se deve promover um conhecimento histórico cuja base está própria experiência, não na abstração da experiência.

The politician, the economist, the philosopher and the psychologist are all students of mankind in a way, and can claim that their studies are human studies; but they can only start with human nature, and they soon run into theorems and formulas and lose themselves in their own categories, and so are swept away from contact with flesh and blood.<sup>132</sup>

<sup>130</sup> BUTTERFIELD, H. *The Study of Modern History*, p.18 *apud* BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.173.

<sup>131</sup> “Eis aqui a real importância de Herder como metodologista histórico. Se o interesse do historiador estiver primordialmente voltado para as individualidades ocupantes do campo, ele tenderá a escrever história no modo romanesco”. WHITE, H. *Op. Cit.*, p.87

<sup>132</sup> BUTTERFIELD, H. *The Historical Novel*, p. 71

Keith Sewell sintetiza o programa butterfieldiano da seguinte forma: “Como o historiador, o romancista tem paixão pelo passado em si e não tem nenhuma necessidade de qualquer ponto de vista abstrato ou teórico. Ambos estão preocupados com a experiência humana e não com teorias e filosofias sobre a experiência humana.”<sup>133</sup>

De todo modo, a proposição exposta não é evidente, Butterfield entende que a História deve fugir da interpretação sobre a realidade, mas o mesmo não propõe nenhuma alternativa válida para a disciplina se diferenciar do romance histórico. Como mencionado anteriormente, a reflexão butterfieldiana carece de precisão conceitual,<sup>134</sup> e *The Historical Novel* não difere desse cenário. Embora o livro promova uma visão que vai de encontro ao estudo generalizante das ciências humanas, não se estabelece neste qualquer solução metodológica clara para o estudo da História a partir da valorização do romance histórico. Ao longo do texto, Butterfield afirma que pretende relacionar os dois gêneros históricos, o acadêmico e o literário, mas ele não cumpre a promessa. Sem dúvidas, o livro tem um caráter aporético, onde as premissas são estabelecidas e não se alcança a resolução do tema proposto.

Para Bentley, Butterfield falha no aspecto de prover uma resposta para a questão trabalhada: “O que ele quer fazer para transcender essa restrição [a generalização] continua indefinido.”<sup>135</sup> Esse comentário é justificado pelo fato que Butterfield não consegue diferenciar a ambiguidade do termo história: como uma construção do passado no presente e do passado como irrecuperável. Por conta disso, o próprio autor desvalida o livro posteriormente “é um livro ruim.”<sup>136</sup>

Na esteira das críticas à generalização e à abstração, outro ponto da reflexão butterfieldiana a ser discutido: é a crítica da segmentação da vida nos estudos historiográficos. De certo, a disciplina histórica ao tentar descrever a experiência

<sup>133</sup> “Like the historian, the novelist has a passion for the past for its own sake and has no need of any abstract or theoretical standpoint. Both are concerned with human experience, and not with theories or philosophies about human experience.” SEWELL, K. *Op. Cit.*, p.19.

<sup>134</sup> O próprio uso do termo interpretação não tem a mesma significação em *Historical Novel*. Para essa parte, está se referindo ao primeiro significado mencionado por Keith Sewell: “Here we encounter an early example of an apparent contradiction in Butterfield's use of the term 'interpretation'. Whereas interpretation had previously been seen as involving forms of abstraction alien to the task of understanding the past, it was now apparently endorsed as part of a grasping for a higher synthesis” SEWELL, K. *Op. Cit.*, p.24

<sup>135</sup> “What he wants to do to transcend this constraint remains elusive.” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.17

<sup>136</sup> “it is a bad book” Diário pessoal de Butterfield *apud* BENTLEY, M. *Op. Cit.* p.46

humana tenta compartimentar os âmbitos econômicos, políticos, sociais e etc. E pensar a estrutura do passado nesses termos significa abandonar os princípios românticos de ressurreição do passado na sua complexidade e concretude.<sup>137</sup> Enquanto o historiador está preocupado em descrever aspectos diferentes, como se estes não fossem correlacionados e pudessem ser separados na experiência, o romancista narra o todo da vivência, o “espírito” de uma época.

O porquê para esta tentativa é o desejo romântico de reconstituir o passado e recriá-lo em sua totalidade, é através do “lamento romântico” pelas coisas “que o tempo destrói” que torna-se necessário olhar para o passado de forma persistente.<sup>138</sup> Esse amor pelo passado caracteriza o romantismo<sup>139</sup> e é cultivado pelo historiador e o romancista, o fazendo distinto de qualquer outro olhar para o passado “ele [o historiador] ama o passado em si mesmo e tenta viver dentro dele, tenta revivê-lo novamente.”<sup>140</sup> Para Butterfield, enquanto o historiador provê um mapa, um gráfico do passado, uma imagem que representa, mas não ilustra a experiência do passado, o romancista constrói uma imagem e uma “story” para essa experiência, reconstruindo-a para o leitor.<sup>141</sup> Butterfield encapsula os pontos percorridos no seguinte trecho:

He [novelist] describes the past not because it has connections with the present that can be worked out, not because it holds a moral for to-day, but precisely because it is a strange land, precisely because it is past, and can never happen again; and he seeks to paint life as a whole - not man on his economic side, or man as a political animal, but man in all his adventures in living. Specialists and theorists may tread at his heels to draw a moral or to make generalisations, but as for the romantic historian, his is

<sup>137</sup> “Butterfield's early output was animated by the romantic desire to recover the immediate particularity and concreteness of the human past. These writings exhibited the view that, in the discipline of history, the only explanation was narration.” SEWEL, K. *Op. Cit.*, p.2

<sup>138</sup> “Romanticism is at bottom a sigh for the things that perish, and the things that can never happen again. It is like the soldier going over the hill to fight, but always looking back and lingering. The things that Time destroys we love with a love fed by romantic regret-[...]” BUTTERFIELD, H. *The Historical Novel*, p.10

<sup>139</sup> “The love of the past for its own sake, and the fondness for lingering over those things that endure as relics or as symbols of the past, and the regret for the things that are lost for ever are what one might call romanticism.” *Ibid.*, p.9

<sup>140</sup> “he [historiador] loves the past for its own sake and tries to live in it, tries to live over again.” *Ibid.*, p.8

<sup>141</sup> São diversas passagens que Butterfield caracteriza a narrativa do romancista a partir de figura imagéticas, destaca-se: “And so the use that he makes of accumulated facts that tell about the past, is to recapture a bygone age and turn it into something that is at once a picture and a story.” *Ibid.*, p.8; “so historical fiction does the work for all the world; it fuses the past into a picture, and makes it live” *Ibid.*, p.23; “he recaptures the life of an age, and resurrects a picture of the past.” *Ibid.*, p.29

the mad human longing to see and to know people, to feel with them, and to peep at the world they lived in, and to understand their ways, their humours, their loves and fears<sup>142</sup>

O critério adotado para qualificar a superioridade da narração literária frente à histórica reside no fato de que são capazes de cativar o leitor. A valorização do modo de narrar do romancista se estabelece não na prosa, mas no método de compreensão histórica. Segundo Butterfield, a História científica estabelece sua explicação a partir do universal em direção ao particular, já o romance parte do particular para o universal.<sup>143</sup> Isso resulta em uma narração mais apelativa para o leitor que enxerga na narração literária uma reflexão sobre a condição humana, partindo de um caso histórico. A história “gives a set of issues that are capable of novel-study, and are full of human-meaning, and embody a problem in experience.”<sup>144</sup>

Todavia, o romance histórico não substitui o “history-book”, mas traz uma reflexão que não é somente enciclopédica e isso faria com que o leitor se aproximasse da história e buscasse o conhecimento histórico após ter entrado em contato com a literatura. O romance histórico, portanto, “é uma coisa esplêndida, se nos guiar para os livros de história.”<sup>145</sup>

A percepção de que o romance histórico é capaz de prover uma experiência do passado, a “sensibilidade pelo passado”<sup>146</sup> apresenta um problema de historicidade que se estabelece por toda obra de Butterfield e que será, igualmente, discutido nos próximos capítulos. Trazendo luz às relações entre passado e presente, as distintas posições entre “presentismo” e “passadismo” adotadas ao longo da carreira do autor. Aqui, em um exercício de continuidade, Butterfield estabelece sua posição do “passado em si mesmo”. O ideal romântico enxerga o passado como um mundo distante, como o autor descreve: “em um romance histórico há uma época passada, descrita como um país distante.”<sup>147</sup> De todo modo, se o passado é algo distante do presente, resta a dúvida, como é possível que o historiador e o romancista o acessem?

<sup>142</sup> *Ibid.*, p.12-13

<sup>143</sup> *Ibid.*, p.67-68

<sup>144</sup> *Ibid.*, p.66-67

<sup>145</sup> “it is a splendid thing if it drives us to the history-book” *Ibid.*, p.95

<sup>146</sup> “we find the sentiment of history, the feeling for the past, in the historical novel” *Ibid.*, p.2

<sup>147</sup> “In a historical novel it will be some past age, described as a far-country.” *Ibid.*, p.44

Dois pontos surgem desta questão. O primeiro é que Butterfield entende que o conhecimento histórico é possível, pois apesar das circunstâncias mudarem, dos contextos serem distintos, o ser humano continua a ter o mesmo aparato cognitivo e emocional. Essa ideia, Butterfield chama de “experiência eterna”<sup>148</sup> que possibilita a compreensão dos obstáculos e adversidades que qualquer personagem histórico possa ter passado, não importando a distância temporal que divide o acontecimento do leitor.

A “experiência eterna”, entretanto, é apenas a base do processo de aproximação entre o passado e o presente. Essa conexão se estabelece a partir do segundo conceito chave para a obra: a imaginação. Butterfield formula uma proto versão do conceito de “imaginação histórica”, em 1924.<sup>149</sup> Ele parte do princípio que o intermédio entre o passado e o presente acontece dentro “da cabeça do escritor.”<sup>150</sup> Além de imaginação, Butterfield também utiliza os termos “simpatia”, “imaginação simpática” e “viver no passado”. E que esse é o método utilizado pelos romancistas que a História ligada ao cientificismo é incapaz de realizar: “Os romancistas evocam o senso de alma ao juntar carne e sangue, revivendo o passado, através do uso da imaginação e dos artifícios literários de uma forma que a disciplina histórica personalizada não pode.”<sup>151</sup>

Por fim, Butterfield conclui após abordar essas tópicas mencionadas anteriormente que a História pode alcançar as experiências e trazê-las para o leitor, na seguinte passagem:

He [novelist] can feel with people unlike himself and look at the world with their eyes and grapple with the issues of life that meet them, because he can put himself in their place, that is to say, because his experience is not entirely and merely his own. It is precisely because personality is not cut off from personality, and

<sup>148</sup> “Present experience, in so far as it is eternal experience, can be referred back to a different world, [...], so that you do not find a modern love-story transplanted into alien soil, patched into old tapestry.” *Ibid.*, p.103-104

<sup>149</sup> A importância da obra de Butterfield para os estudos da imaginação histórica é um tema lacunar no comentário sobre a reflexão do autor. Todavia, não pretende-se explorar essa questão nesta dissertação. Muito se conecta Butterfield e R. G. Collingwood na formulação do conceito de imaginação histórica. Porém as citações ao Butterfield se concentram em sua produção intelectual do pós-guerra e não a este livro, que muito provavelmente ficou indisponível, visto que após a publicação em 1924 só voltou a ser publicado em 2011.

<sup>150</sup> “Such a novel comes out of a world of the Past that exists in the writer's mind.” BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.37

<sup>151</sup> “Novelists can elicit that sense of soul by conjuring up flesh and blood, revivifying the past, through the deployment of imagination and literary devices in a way that a professionalized historical discipline cannot.” *Ibid.*, p.48



a man is not entirely locked up within himself, with the depths of him completely hidden away from everybody else, that the novelist can so to speak transpose himself and catch life into a person other than himself. It is precisely because in the last resort a distant age of history is not its own secret, curled up in its own world, and cut off from the present day - because the men of the past had red blood in their veins and were a phase of a life that is universal and eternal - that History can recapture something of their struggles and yearnings and their particular experiences.<sup>152</sup>

É nesse sentido que “A História é frustrada”,<sup>153</sup> pois a História acadêmica não tem as ferramentas necessárias para “trazer o passado de volta a vida”. Logo, a História não se realiza, uma vez que não consegue alcançar “a vida dos homens humildes.”<sup>154</sup> Para Butterfield, o que importa para a história escapa da História: “As coisas mais familiares e íntimas escorregam pelas mãos do historiador.”<sup>155</sup> Dois parágrafos depois, ele conclui:

Because of this, history cannot come so near to human hearts and human passions as a good novel can; its very fidelity to facts makes it not perhaps less true to life, but farther away from the heart of things.<sup>156</sup>

Mesmo que Butterfield falhe em cumprir a proposta feita na introdução de fornecer um estudo das formas do romance histórico, como um gênero literário, e suas distintas contribuições para o estudo histórico acadêmico, ele é capaz de produzir a síntese entre os dois gêneros. O que se verifica são apontamentos das vantagens da narrativa literária frente à histórica que podem ser divididos em três vieses: imaginação histórica como ferramenta de aproximação entre passado e presente; o tratamento como problemas humanos universais; e a capacidade de cativar o leitor. Esses elementos configuram uma superioridade da narrativa literária e imaginativa em oposição a analiticidade e conceituação da disciplina histórica. Para Butterfield, essa frase pode ser resumida de uma forma na aptidão da narrativa histórica em gerar um “feeling” da experiência histórica. Sobre o que o romance tem para oferecer para oferecer à História, ele afirma:

<sup>152</sup> *Ibid.*, p.111-112

<sup>153</sup> “History is thwarted” A tradução escolhida para thwarted nesse sentido é frustrada

<sup>154</sup> “to the lives of humble men” *Ibid.*, p.15

<sup>155</sup> “The most homely and intimate and personal things slip through the hands of the historian.” *Ibid.*, p.14

<sup>156</sup> *Ibid.*, p.18

The real justification of the novel as a way of dealing with the past, is that it brings home to readers the fact that there is such a thing as a world of the past to tell tales about, [...], The power of the novel is that it can give to people the feeling for history, the consciousness that this world is an old world that can tell many lost years, the sense that the present age is the last of a trail of centuries. It makes history a kind of extension of our personal experience, and not merely an addition to the sum of our knowledge.<sup>157</sup>

Diversos conceitos trabalhados durante o texto não são pensados profundamente por Butterfield, destacam-se: a capacidade de reabilitar uma experiência passada, a possibilidade de “viver” em um período passado através da leitura de textos históricos, e a já mencionada falta de distinção entre história como experiência e história como construção. Conquanto, não cabe neste trabalho discorrer de forma extensa sobre este livro, pela falta de competência deste autor e por fugir do tema central desta dissertação. De todo modo, a leitura do livro fornece um olhar sobre a inquietação metodológica e epistemológica de Butterfield com a forma que se escrevia história, em suas múltiplas formas, na Inglaterra no início do século XX. Sobretudo, pela crítica da adoção do método tomado de empréstimo das ciências naturais para a História. Mesmo que se concorde com a postura de Michael Bentley, mencionada na página 48, que esse livro não representa grande influência para os trabalhos posteriores de Herbert Butterfield, nele se encontra a necessidade que o autor teve de pensar alternativas epistemológicas ao método cientificista.

Por fim, *The Historical Novel* revela a postura dissidente e não-conformista de Herbert Butterfield com a academia inglesa e a História. O autor foi inspirado no comportamento do movimento *Nonconformist* dos protestantes ingleses em resistir às práticas e ideias da implementação do anglicanismo na sociedade inglesa, durante a era moderna. Os princípios de liberdade individual, livre arbítrio e de rejeição do *status quo* eram imprescindíveis para Butterfield. C. T. McIntire, em seu livro intitulado *Herbert Butterfield: historian as dissent* afirma: “Tudo sobre ele, de sua personalidade, físico e origem social, até às suas convicções sobre

---

<sup>157</sup> *Ibid.*, p.95-96

história, religião, moralidade, política e educação representavam contra hegemonia.”<sup>158</sup>

Ainda sobre este tópico, a maior parte dos escritos sobre Butterfield contam o episódio no qual o historiador inglês negou uma vida de *teetotaler*, praticante de abstenia, e consumiu bebidas alcoólicas em sua passagem pelos Estados Unidos, em razão da sua posição contrária à Lei Seca, vigente na década de 1920 e 1930, para caracterizar sua personalidade dissidente. A intenção exposta aqui é apresentar essa faceta de sua personalidade, no que concerne a postura acadêmica adotada, inserindo seus livros na contramão das produções historiográficas de seu tempo, o que também explica a incompreensão destes na época de lançamento.<sup>159</sup>

Esses elementos indicam o porquê Butterfield pensava no fracasso da História em não conseguir alcançar os ideais românticos de individualidade, subjetividade e imaginação, essa é a base da frustração de Butterfield com a disciplina. A factualidade da história pode aproximá-la da verdade, mas a “afasta do coração das coisas.”<sup>160</sup>

Em suma, esse traço da personalidade de Butterfield afetava sua visão de mundo e, por conseguinte, sua produção historiográfica. Como o “o historiador mais original de sua geração”<sup>161</sup>, Butterfield ao ver que não havia alternativa para a carreira de historiador, decidiu ser um intelectual divergente do ambiente acadêmico inglês. Sua trajetória perpassa por um histórico de confronto social e intelectual sobre o que significa ser um historiador no século XX. McIntire afirma: “Se ele fosse ser um historiador — se ele tivesse que ser um historiador — ele não queria ser um historiador comum.”<sup>162</sup>

Crítico dos modelos epistemológicos dominantes da historiografia no primeiro quartel do século XX, Butterfield escreve de forma crítica e propositiva, como será apresentado no próximo capítulo. Por esse motivo, muitas vezes seus

<sup>158</sup> “Everything about him, from his personality, physique, and social origins to his convictions about history, religion, morality, politics, and education represented counter-hegemony.” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.xv

<sup>159</sup> Para Michael Bentley, a afirmação de que o romance histórico é uma forma de escrever a história, igualmente válida como as outras era estranha aos historiadores da década de 1920. E apenas vai ser encarada com seriedade pela geração “pós-moderna” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.46

<sup>160</sup> BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.18

<sup>161</sup> “most original historian of his generation” ANNAN, N. *The Dons: Mentors, Eccentrics, and Geniuses*. Chicago: University of Chicago Press, 1999, p. 265–266.

<sup>162</sup> “If he were going to be a historian—if he had to be a historian—he wanted to be no ordinary historian” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.41.

trabalhos são entendidos como manifestos. Nesta primeira publicação, o historiador de Oxenhope aponta as possíveis contribuições da narrativa do romance histórico para a formação de uma história focada no estudo das personalidades humanas. Contudo, esse interesse é descontinuado nos próximos anos.

## 2.

### As multiplicidades da crítica whig: origem, conceito e desdobramentos

*“Perhaps the greatest of all the lessons of history is this demonstration of the complexity of human change and the unpredictable character of the ultimate consequences of any given act or decision of men; and on the face of it this is a lesson that can only be learned in detail.”*

(Herbert Butterfield)

O presente capítulo pretende discutir a formulação do conceito central do autor, isto é, “interpretação whig”. Não apenas registrado desta forma verificada no título do livro, mas encontrado ao longo do texto, também, como história e método whig. No decorrer da exposição, se demonstra como o título faz parte de uma inovação linguística promovida pelo autor em um movimento intelectual de intervenção na historiografia e sociedade inglesa. Para compreender o processo de formação conceitual de *The Whig Interpretation of History* é necessário, em um primeiro momento, atentar para a relação de Herbert Butterfield com a tradição que ele está criticando. Pois é somente a partir dessa relação que é possível desvelar os motivos que o levaram a formular um conceito crítico da tradição historiográfica, de uma forma que até então, não tinha sido expressa, ao menos, não fora expressa no sentido utilizado pelo autor.

O fato de um novo conceito ser formulado não deve ser tratado como um mero capricho do autor. No ponto 2.1, o conceito é apresentado como um reflexo das crises vividas na década de 1920, sejam essas globais ou tipicamente inglesas. De qualquer modo, um elemento se sobressai entre outros, Butterfield vê a necessidade de renovação da tradição inglesa e de seus preceitos. Para ele, rearticular a tradição whig é uma tentativa de reformar o modo que a Inglaterra se via naquele momento, assolada pela perda do protagonismo no pós-guerra e a queda da bolsa de valores em 1929.

O ponto 2.2 promove uma arqueologia, entendida aqui no seu sentido mais imediato, do termo interpretação whig. São investigados os possíveis caminhos e conexões feitas por Butterfield para construir sua proposta historiográfica. A partir

das leituras feitas pelo autor e de sua conexão com os principais autores da tradição whig encontra-se não apenas um crítico de uma tradição, mas um admirador da mesma. Ainda que o manifesto escrito provoque uma crítica à tradição, essa é feita dentro da própria tradição centenária, como uma busca por reforma a partir de uma postura historicista.

## 2.1 A crise da década de 1920 e a iconoclastia

“Resist your time - take a foothold outside it.”  
(Lord Acton)

Até o presente ponto do texto, Herbert Butterfield foi apresentado ao leitor por meio da caracterização de uma personalidade dissidente e através de sua dificuldade de inserção no ambiente acadêmico elitista da Inglaterra dos anos 1920 e 1930. Aqui, a partir da publicação de *The Whig Interpretation*, o cenário se inverte: Butterfield ao escrever uma crítica ao *modus operandi* da escrita da história do século XIX e XX, alcança o lugar de paradigma historiográfico.

Butterfield utiliza a expressão “thinking cap” para descrever como as interpretações estão inseridas dentro de uma perspectiva compartilhada socialmente. À época da produção de *The Whig Interpretation* a interpretação da história inglesa passava necessariamente por uma compreensão progressiva e moralmente aliada aos ideais da religião protestante. O novo “thinking cap” descrito no livro, na contramão do paradigma vigente, propõe pensar a História evitando o anacronismo e a moralização da história. A visão butterfieldiana, no entanto, passa a não apenas ocupar o lugar de crítica, mas a assumir o papel de ortodoxia nas décadas seguintes. Na Inglaterra, a partir dos anos 1950, pensar historicamente é pensar nos conformes da crítica whig. Como afirma George Watson:

In 1931 Herbert Butterfield's *Whig Interpretation of History* appeared: and by now its assault on the distortions of the vantage-point has turned into an orthodoxy in the English-speaking world.<sup>163</sup>

Esse ponto deve ser destacado, pois a obra de Herbert Butterfield ocupa um lugar de transgressão contra o próprio fazer da História no seu contexto de publicação. O apontamento de McIntire sobre a caracterização de Noel Annan é esclarecedora para entender não apenas a crítica de Butterfield, mas como esta foi veiculada pelo autor: “Noel Annan chamava-o de ‘iconoclasta’ e observava como

---

<sup>163</sup> WATSON, G. "The War against the Whigs Butterfield's Victory &... Defeat" *Men & Ideas*, 1986, p.19.

ele desdenhava de toda ortodoxia.”<sup>164</sup> De fato, a escrita de Butterfield é iconoclasta, pois configura um ataque ao imaginário histórico inglês e, por consequência, a identidade inglesa proveniente desse imaginário.

Walter McDougall, todavia, põe em questão até que ponto a descrição da interpretação whig construída por Butterfield era condizente com o ambiente intelectual inglês. Na visão de McDougall, o historiador de Oxenhope criou um “mito utilitário” para aplicar suas conclusões sobre o ofício do historiador: “Talvez o próprio Butterfield tenha criado um mito, talvez o ‘consenso Whig’ nunca existiu ao ponto que ele afirmava, mas as fraturas presentes na profissão, entretanto, são palpáveis.”<sup>165</sup>

Nesse sentido, o livro aparece em primeiro lugar como uma alternativa reformista da tradição inglesa<sup>166</sup> e, em um segundo momento, debatendo metodologicamente as bases da historiografia. Michael Bentley destaca este elemento metodológico como propulsor do livro, chamando-o de ceticismo histórico: “Mas a exposição de *The Whig Interpretation of History* começou a ser vista imediatamente como triunfante. O livro continuaria sendo impresso pelo resto do século e virou a bíblia tanto do ceticismo histórico quanto da inteligência aplicada.”<sup>167</sup>

A intenção deste capítulo foge dos dois comentários anteriores, pois não se pretende discutir se condiz com a realidade ou não a ideia de uma interpretação whig, ou como o livro se torna uma “bíblia” para o campo historiográfico. Igualmente, não há interesse em debater a originalidade das proposições butterfieldianas, seguindo a advertência de Kenneth McIntyre: “Como Butterfield reconhecia, as reivindicações que ele fez em *The Whig Interpretation of History* não era nem novidades, nem revolucionárias.”<sup>168</sup>

<sup>164</sup> “Noel Annan called him an ‘iconoclast’ and observed how he ‘scorned every orthodoxy.’” MCINTYRE, *Op. Cit.*, p.xv

<sup>165</sup> “Perhaps Butterfield himself created a myth, perhaps the ‘Whig consensus’ never existed to the extent he claimed, but the present fractures in the profession are nonetheless palpable.” MCDOUGALL, W. “Mais ce n'est pas l'histoire!: Some Thoughts on Toynbee, McNeill, and the Rest of Us”. *The Journal of Modern History* Vol. 58, nº 1, 1986), p. 19.

<sup>166</sup> No tópico 2.2, será tratado a referência do texto à obra de Edmund Burke.

<sup>167</sup> “But the nailing of *The Whig Interpretation of History* became regarded instantly as a tour de force. It would remain in print for the rest of the century and become a bible of both historical scepticism and applied intelligence.” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.99.

<sup>168</sup> “As Butterfield recognized, the claims that he made in *The Whig Interpretation of History* were not novel nor were they revolutionary.” MCINTYRE, K. *Op. Cit.*, p.25.



Portanto, o foco proposto é compreender como Butterfield enxergava e compreendia esse fenômeno social. A questão que surge desta afirmação é entender como surgem as tópicas utilizadas durante a crítica, localizá-las a partir das influências intelectuais e dos recursos retóricos empregados.

De imediato, é necessário ressaltar como Butterfield não é alheio à prática historiográfica que está sendo criticada. A formação histórica recebida durante a juventude do historiador é construída no seio da tradição whig. De certo, a interpretação whig é somente o que Herbert conheceu até entrar em Cambridge, mesmo que não seja possível excluir o ambiente universitário da influência whig.

A formação histórica de Butterfield na *Keighley Grammar School* foi mencionada anteriormente, no tópico 1.2, para evidenciar a defasagem educacional em comparação aos colegas de Cambridge, em geral, provenientes de escolas tradicionais. Além disso, nota-se que o jovem estudante odiava o ensino de história recebido, desde tenra idade, já articula o descontento pela “história disponível nos manuais escolares.”<sup>169</sup> Como já discutido anteriormente, Butterfield não tinha apreço por explicações esquemáticas e resumidas. Para ele, a história se efetua na complexidade.

Aqui, esse primeiro contato com a disciplina histórica volta à tona para discutir o conteúdo desses ensinamentos. A importância de seguir esse tema está na construção da consciência histórica desenvolvida nos primeiros anos educacionais. No cenário educacional inglês, a história whig era o paradigma. Sobre tudo na *Keighley School*, onde não havia sequer um professor de História. O livro mais utilizado na escola era *A School History of England*, de Owen Edwards. A narrativa do livro é comum ao imaginário whig, traçando as origens da “liberdade inglesa” a partir dos povos originários até a versão moderna marcada pelo protestantismo e o comércio.<sup>170</sup> Butterfield não teve contato somente com essa versão mais difundida e convencional, mas também, como a perspectiva germânica da história inglesa, como McIntire aponta:

According to the interpretation of English history which he learned from his youth, the Anglo-Saxons, drawing on their

<sup>169</sup> “I’ve always hated history, and besides, I can’t remember dates’, [...]. It was only in retrospect, after the outcome was known—after spending years as a historian—that he came to think that what he hated was not actually history, but merely the history served up in the textbooks for the purposes of passing school examinations.” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.8.

<sup>170</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.* p.9

Germanic origins, had achieved their rights and liberty and enshrined them in the ancient constitution of England.<sup>171</sup>

A filiação do historiador à cultura e historiografia germânica começa, portanto, desde os primeiros ensinamentos. E continuará a ser influente por toda sua carreira, sobretudo, pela capacidade do autor em ler a língua alemã. Após o recorte do trabalho, Butterfield se dedica a estudar as relações de Leopold von Ranke com a historiografia inglesa.

Antes de encerrar essa introdução ao capítulo, é imperioso discutir outro tema importante: a convulsão econômica e política vivida na Inglaterra em 1931. *TWIH* foi publicado em setembro do mesmo ano, ao custo de 4 shillings. Embora não se saiba ao certo o período de escrita do livro, é seguro dizer que em 1930, Butterfield já havia começado a escrever os manuscritos do texto.<sup>172</sup> De certo, o período de escrita do livro deve ser situado após a Crise de 1929 e seus desdobramentos em território inglês devem ser debatidos.

O governo trabalhista liderado por Ramsay MacDonald havia acabado de ser formado em meados de 1929. Contudo, a liderança do *Labour Party* não resistiu às pressões econômicas da Grande Depressão e foi encerrado em agosto de 1931, um mês antes da publicação de *The Whig Interpretation of History*. No mês de setembro, a Inglaterra é forçada a abandonar o padrão-ouro, com o câmbio fixado, a desvalorização da Libra fez com que desde o mês de julho “mais de 200 milhões de libras fossem retiradas do mercado de Londres.”<sup>173</sup> O fim do padrão-ouro tentou equilibrar o câmbio e impedir a saída de divisas.<sup>174</sup>

Juntamente a esses episódios, soma-se a formação do *National Government*, uma coalizão partidária para solução da crise econômica e política. Na visão de Ross McKibbin, esse momento representa uma virada conservadora na política

<sup>171</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.7

<sup>172</sup> BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p. 70, 109.

<sup>173</sup> “more than £200 millions have been withdrawn from the London market.” “Going Gold” Nota de imprensa do anúncio governamental da saída do padrão-ouro. Disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/wp-content/uploads/2014/03/t163-68-181.jpg> Acessado em 19/04/2022

<sup>174</sup> “Snowden’s (Philip Snowden, Chancellor of the Exchequer [Ministro da fazenda]) emergency budget of 10 September 1931 and the so-called Economy Act were designed to balance the budget both by expenditure reduction and increased taxation, so to secure the loans necessary to maintain the pound on the gold standard at par. This policy failed with surprising speed. Gold withdrawals from the Bank continued such that Britain was forced to go off gold on 21 September 1931 and the pound allowed to find its own level on the exchanges. It was effectively devalued by about one-third” MCKIBBIN, R. *Parties and People: England 1914-1951*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p.88-89, nota 59.

britânica, ainda a ser discutida como afeta Butterfield no tópico 2.2: “A segunda ocorreu em 1931, quando a queda e o colapso do governo trabalhista de 1929 tornou possível um grande reagrupamento do eleitorado ‘anti socialistas’ no governo ‘Nacional’, conservador em tudo, exceto no nome.”<sup>175</sup>

O sentido primordial a ser trabalhado nesta introdução é o entendimento da crise estabelecida e do vácuo de sentidos, no qual *TWIH* aparece como uma alternativa. Sobretudo a partir do apontamento de Tim Müller, no artigo “*Von der „Whig Interpretation“ zur Fragilität der Demokratie*”, que pauta o esgotamento conceitual provocado pela crise:

Independentemente da crise ter sido agravada ou desarmada pelo argumento, intelectuais socialistas, liberais e conversadores perceberam que as ferramentas conceituais tradicionais não eram suficientes para capturar o presente.<sup>176</sup>

Tim Müller evoca Reinhart Koselleck e a ideia de Horizonte de Expectativa para sustentar sua argumentação, indicando a diminuição da prospecção de futuro neste momento. Para o autor, a democracia estava em risco iminente na Europa dos anos 1930, e mesmo que este não seja um tema de interesse para esta dissertação, é interessante pensar a obra butterfieldiana não pela sua crítica historiográfica, mas como uma alternativa de compreensão conceitual da realidade. De forma que, Müller chama o livro de “intervenção histórico-teórica.”<sup>177</sup> Nesse sentido, o livro de Butterfield discute não somente assuntos próprios ao estudo da história, mas da compreensão das relações entre passado e presente.

Antes de adentrar no debate sobre o cenário intelectual que *The Whig Interpretation* está inserido, sua relevância para este, e apontar uma possível temporalização do conceito, é necessário dar um passo para trás e pensar a formulação histórica e conceitual do termo interpretação whig. A questão é suscitada pelos seguintes motivos: o significado de difícil acesso do termo; e a incompreensão sobre a escolha de Butterfield para nomear sua crítica de tal forma. Em realidade, essa incompreensão é verificada tanto em 1931, quanto para o leitor

<sup>175</sup> *Ibid.*, p.vii. “The second occurred in 1931 when the failure and then collapse of the 1929 Labour government made possible a huge regrouping of the ‘anti-socialist’ electorate in a ‘National’ government Conservative in almost all but name.

<sup>176</sup> MÜLLER, T. “Von der „Whig Interpretation“ zur Fragilität der Demokratie” *Geschichte und Gesellschaft*. N. 44, 2018, p. 431. Tradução nossa.

<sup>177</sup> *Ibid.*, p.432.

contemporâneo. O que indica que a formulação do conceito Butterfield não tem o seu sentido evidente e representa uma inovação linguística na tradição historiográfica. Resta-se, então, seguir a trilha desta inovação conceitual e compreender as referências de Butterfield, com quem ele estava dialogando e quais eram os alvos de sua crítica.

## 2.2

### A arqueologia whig

*‘picking up the other end of the stick’*  
(Herbert Butterfield)

*The Whig Interpretation of History*, o livro seminal de Butterfield e principal objeto deste estudo, começa com a seguinte frase: “O seguinte estudo lida com ‘a interpretação whig da história’, no que eu concebo ser o significado aceitável da frase.”<sup>178</sup> Logo, desde o início da leitura, já se estabelece que Butterfield está fazendo um diálogo com uma certa tradição e que pretende tomar uma posição dentro desta. Este ponto da dissertação se dedica, portanto, a explorar esses dois tópicos citados, a tradição historiográfica inglesa, isto é, a tradição whig e a postura crítica butterfieldiana. Igualmente, a partir do extrato do livro, pode-se afirmar que este conceito está em disputa e que há um momento de inflexão conceitual localizado em *The Whig Interpretation*. Deste modo, o objetivo de tal pesquisa é resgatar as possíveis camadas de significado do referido conceito e apresentar ao leitor a inovação linguística promovida por Butterfield.

Em primeiro lugar, é necessário advertir o sentido deste tópico, que se funda na incompreensão do que seria a interpretação whig, na época de lançamento do livro. A causa dessa incompreensão se pauta em três aspectos: a forma inédita e original do conceito; a divergência entre o que se compreende do significado literal do termo e sua aplicação, em outros termos, do que se espera do conceito anteriormente a sua leitura; o porquê da referência ao partido Whig, em uma noção que se propõe como generalista e universalizante.

Essas dinâmicas podem ser visualizadas na resenha de Robert Schuyler escrita em 1932, uma das poucas resenhas publicadas sobre o *The Whig Interpretation of History*, na época de sua publicação:

It is really a pity that he [Butterfield] has given his essay a title that does not suggest his subject, for his subject is important, and his treatment of it deserves the serious consideration of

---

<sup>178</sup> “The following study deals with ‘the whig interpretation of history’ in what I conceive to be the accepted meaning of the phrase.” BUTTERFIELD, H. *The Whig Interpretation of History*, p.v

everybody who takes any interest in history, whether as teacher, researcher, textbook writer, student or general reader<sup>179</sup>

A passagem aponta para o cenário geral de leitura do livro no ano de 1931. A despeito de ter se tornado uma “convenção historiográfica”, como afirma Annabel Patterson, na época em que foi publicado, o livro teve pequeno impacto nos círculos intelectuais fora de Cambridge. E um dos principais motivos para tal fato é o não-entendimento sobre o que Butterfield queria dizer.

Para evidenciar essa questão, no momento de publicação do livro, deve-se ter em mente que “interpretação whig da história” não era um conceito historiográfico corrente. E qualquer pessoa que fosse ler o livro, entenderia os termos “interpretação whig” ou “historiador whig” pelo seu significado literal, ou seja, um historiador filiado aos princípios e ideais políticos do partido Whig. Portanto, um historiador dedicado a construir um discurso histórico oficial, alinhado com uma interpretação exclusivamente partidária e acrítica.

Contudo, a crítica butterfieldiana não é uma crítica partidária. Apesar do que se assume *a priori* à leitura, Butterfield não é um Tory, em busca de criticar a visão histórica do partido adversário.<sup>180</sup> A interpretação whig é uma crítica generalista aos modos de escrita da História que tendem a uma abordagem teleológica e os desdobramentos dessa postura, que serão discutidos no próximo capítulo.

<sup>179</sup> Schuyler, Robert L. “Book Reviews”, *Historical Outlook*, 1932, Vol° 23, N.6, p.309

<sup>180</sup> A importância da compreensão do cenário geral da disputa política e historiográfica entre os partidos é essencial para o trabalho. Essa dinâmica pode ser melhor explicada por um trecho do texto de José Jobson Arruda sobre a formação das interpretações Whig e Tory a partir dos seus olhares sobre a Revolução Inglesa “No século XVIII a história da Revolução Inglesa é realizada na perspectiva dos partidos Whig e Tory, profundamente envolvida nas suas rivalidades e contendas políticas. Para a tradição liberal, a luta política foi conduzida pelo Parlamento contra o absolutismo monárquico em defesa das liberdades individuais, contra o governo tirânico que impunha aprisionamento sem julgamentos prévios, cobrava impostos não autorizados, aboletava soldados sem consentimento, atentava contra a propriedade individual e as sagradas instituições parlamentares. Por outro lado, para a tradição conservadora, a Revolução foi conduzida pela classe de capitalistas ambiciosos, representados no Parlamento, contra o Rei que procurava defender as camadas populares, evitando, por exemplo, o avanço sobre as terras comuns, na medida em que impedia os cercamentos (enclosures).”

Os liberais, portanto, salientam o caráter progressista da Revolução, identificando o interesse burguês com o interesse nacional, como se seus interesses correspondessem aos interesses do conjunto da sociedade. Enquanto isso, os conservadores negam o sentido progressista da Revolução enfatizando seu aspecto classista. Negligenciam o sentido político do apoio monárquico às massas camponesas, resultado iminente da política de equilíbrio social que fluía do conflito de classes, pedra angular de sustentação social da monarquia absolutista e, portanto, completamente privada de seu possível sentido altruísta.” ARRUDA, J. “Perspectivas da Revolução Inglesa.” *Revista Brasileira de História*, n. 07, v. 4, 1984, p.122

O que interessa neste tópico é entender que a construção conceitual promovida pelo autor não é bem recepcionada pelos pares da época. Para o leitor de *TWIH* no início da década de 1930, o salto lógico indutivo realizado por Butterfield na criação de um conceito universal a partir do exemplo do partido Whig e de sua leitura da Revolução Gloriosa não é bem sucedido. Ao construir o conceito da interpretação whig da história, Butterfield parte da tendência da narrativa hegemônica da história inglesa, e de toda história europeia como pano de fundo, de ser “puxada por um imã” para uma visão positiva dos protestantes em relação aos católicos, dos Whigs em relação aos Tories, do parlamentarismo em relação ao monarquismo, entre outros pontos.

Em seguida, Butterfield ilustra a partir de exemplos de embates históricos, nos quais o historiador whig tem a tendência em assumir uma posição em prol de um grupo social, ou de uma ideia, ou ideologia representada por este grupo. O fundamento da “simpatia”, para um grupo em detrimento de outro, é o desenrolar da história, o presente e seus valores formados a partir das continuidades e divergências com as disputas anteriores:

But whether we take the contest of Luther against the popes, or that of Philip II and Elizabeth, or that of the Huguenots with Catherine de' Medici; whether we take Charles I versus his parliaments or the younger Pitt versus Charles James Fox, it appears that the historian tends in the first place to adopt the whig or Protestant view of subject, and very quickly busies himself with dividing the world into the friends and enemies of progress.<sup>181</sup>

No final da citação, Butterfield aponta para as consequências de se pensar a história a partir dos referenciais do presente, sua associação à filosofia do progresso e as implicações morais de tal discurso sobre o passado são discutidas no subcapítulo 3.2. Neste tópico, 2.2, o foco deve se manter na expressão “historiador whig”, pensada através da observação da tradição historiográfica inglesa, Butterfield aponta para esse ponto na seguinte passagem: “É espantoso até que ponto o historiador tem sido Protestante, progressista e whig, o próprio ideal do *gentleman* do século XIX.”<sup>182</sup>

<sup>181</sup> BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.5

<sup>182</sup> “It is astonishing to what an extent the historian has been Protestant, progressive and whig, and the very model of the 19th century gentleman.” *Ibid.*, p.3-4

Tendo em vista o caráter dual e metafórico da expressão trabalhada, a visão de Schuyler é que o uso do termo whig acarreta na falta de precisão do conceito. Em suma, na visão do autor da resenha do livro, a expressão é um erro, uma imprecisão:

‘Whig interpretation,’ it turns out, is a nickname for what might more accurately be called present mindedness. Its antithesis is not Tory interpretation, but historical mindedness.<sup>183</sup>

Esse ponto não é exclusivo de Schuyler, mas sintomático do estado de leitura de *TIWH*, como se pode ver na resenha de Carl Becker publicada no ano de 1932. Neste texto, o termo “whig interpretation” aparece no primeiro parágrafo, como um ponto de reflexão: “A frase pode ter um significado aceito na Inglaterra, mas até onde eu saiba, não tem em nenhum outro lugar. Na verdade, não lembro de jamais ter ouvido a frase antes.”<sup>184</sup>

A afirmação de Becker sobre nunca ter ouvido a frase anteriormente, suscita pensar: quais referências Butterfield articulou para formular o conceito? Igualmente, deve-se questionar porque motivo ele nomeou-o dessa forma? Em outros termos, é necessário resgatar as camadas de significado sedimentadas na historiografia inglesa, em via de compreender a formulação do conceito, como um pontapé inicial para a compreensão da obra.

Para compreender o processo de formação de um conceito, citam-se dois autores, o primeiro deles é Reinhart Koselleck. O sentido de evocar a obra do historiador alemão é desmistificar a criação conceitual como um ato linguístico isolado e fundamentar o fenômeno linguístico trabalhado. Nesse sentido, Koselleck entrelaça a inovação linguística com a linguagem preestabelecida para compreender como:

Aquilo que ocorre pode ser singular e novo, mas nunca é tão novo a ponto de não ter sido viabilizado por condições sociais preestabelecidas no longo prazo. É possível cunhar um novo conceito capaz de verbalizar experiências ou expectativas inéditas, mas este nunca pode ser tão novo a ponto de não residir

<sup>183</sup> SCHUYLER, *Op. Cit.*, p.309.

<sup>184</sup> BECKER, C. *Journal of Modern History*, nº 4, 1932, p. 278.



virtualmente na linguagem previamente dada e de não extrair seu sentido do contexto linguístico herdado.<sup>185</sup>

Em consonância com essa citação, deve-se pensar que Butterfield não criou um termo a partir de algo intangível e imensurável, mas do vocabulário político e historiográfico inglês das décadas de 1920 e 1930. Como apontam as resenhas os termos “interpretação whig” e “historiador whig” não são diretamente associados no vocabulário historiográfico da época com a ideia que Butterfield pretendia elaborar no seu texto. De todo modo, o termo não era de todo inacessível para o leitor, pois como Koselleck aponta: um novo conceito surge a partir da reformulação do “contexto linguístico herdado.” Cabe, aqui então, fazer o exercício de compreender esse contexto linguístico, na visão do “historiador-arqueólogo”, proposta por John Pocock: “O historiador é, em larga medida, um arqueólogo. Ele está comprometido com a descoberta da presença dos vários contextos linguísticos nos quais o discurso foi realizado em determinados momentos.”<sup>186</sup>

Esse exercício é necessário, pois parte-se da compreensão que o autor está promovendo um “ato de fala” dentro de determinada comunidade linguística.<sup>187</sup> Em suma, importa aqui compreender as relações entre *langue* e *parole*, ou seja, como o autor estudado, o enunciante do discurso, articula as convenções linguísticas da sociedade e, no caso, como os limites desta relação para expressar situações e experiências que não estão registradas no vocabulário:

Pensamos, portanto, em um indivíduo que tem algo a dizer sobre e no interior de uma situação altamente específica e, sobre certos aspectos, sem precedentes, mas cuja enunciação seja orientada e restringida pelas regras ou convenções das várias linguagens disponíveis para seu uso, [...], Pode haver algo na situação, conhecido ou desconhecido ou mais ou menos conhecido para o enunciante, de que seja difícil falar em qualquer uma das maneiras convencionais.<sup>188</sup>

<sup>185</sup> KOSELLECK, R. *Histórias de Conceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p.28

<sup>186</sup> POCOCK, J. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: EdUSP, 2003, p. 67

<sup>187</sup> A noção de “ato de fala” desenvolvida por John Austin, no livro “Quando Dizer é Fazer”, em referência ao trabalho de Ludwig Wittgenstein, em “Investigações Filosóficas”, foi recepcionada pela historiografia cambridgeana a partir dos trabalhos de Quentin Skinner e John Pocock nos anos 1970 e 1980. A incorporação da ideia de “ato de fala” na compreensão de textos históricos é utilizada em busca de romper o paradigma hermenêutico clássico. Nesta tradição historiográfica o interesse não está em compreender os significados somente através da leitura do texto, mas a compreensão destes significados como uma intervenção do autor dentro de um determinado debate intelectual da época. AUSTIN, J. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e ações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990; WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural: 1979.

<sup>188</sup> POCOCK, J. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: EdUSP, 2003, p. 77.

Neste contexto, Pocock está evocando essa discussão para apresentar o seu entendimento sobre o que é uma inovação verbal. Em outros momentos de sua obra, Pocock toma de empréstimo o conceito de “lance” de Quentin Skinner para explicar o movimento conceitual que um autor é capaz de performar na convenção linguística que está inserido. O seguinte trecho, apresenta como um termo, antes inaudito ou inapropriado pode tomar o centro de uma discussão a partir de uma inovação verbal:

Podemos, portanto, definir a inovação verbal como uma inovação que sugere, e conforme sua força impõe, alguma mudança nas regras ou nas convenções da linguagem política: ela pode propor alguma alteração nos signos de valor - um tratamento daquilo que antes era ruim como bom, ou vice-versa - ou pode propor deslocar a discussão de um termo ou problema do contexto linguístico em que ele vinha sendo convencionalmente discutido para algum outro contexto conhecido mas, até então, não considerado apropriado para essa discussão<sup>189</sup>

Butterfield promove uma inovação com o conceito de “interpretação whig” ao resignificar a partir de um uso distinto do que tinha sido usado anteriormente. Dessa forma, os comentários nas resenhas de Schuyler e Becker, em 1932 não são surpreendentes, pois era realmente o primeiro contato com o uso do termo whig para designar uma visão que transcendia os limites partidários. Kenneth McIntyre aponta para essa criação e a distinção realizada pelo autor:

The term ‘Whig history’ was largely Butterfield’s creation, [...], Butterfield distinguishes between Whig history as the work of a specific group of English historians and Whiggism as a general problem or tendency which historians must avoid. However, the distinction is not completely clear.<sup>190</sup>

Embora Whiggismo seja um termo que só vai aparecer em textos posteriores do autor, McIntyre aponta para um “lance” performado por Butterfield. O historiador inglês faz uma alteração importante, ainda no primeiro parágrafo do livro, ao se referir ao partido, ele utiliza uma única vez, a palavra Whig com W

<sup>189</sup> POCOCK, J. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: EdUSP, 2003, p. 78

<sup>190</sup> MCINTYRE, K. *Herbert Butterfield: History, Providence and Skeptical Politics*. Wilmington: ISI Books, 2011.p. 9

maiúsculo, enquanto, para falar da perspectiva criticada, ele usa o w minúsculo, que vai permanecer por todo texto.<sup>191</sup> Mas se Butterfield queria enfatizar que a “interpretação whig” é distinta da “interpretação Whig”, qual ponto ele pretendia abordar? Nesse momento, busca-se no texto uma definição provisória para a linha argumentativa butterfieldiana:

What is discussed is the tendency in many historians to write on the side of Protestants and Whigs, to praise revolutions provided they have been successful, to emphasise certain principles of progress in the past and to produce a story which is the ratification if not the glorification of the present. This whig version of the course of history is associated with certain methods of historical organisation and inference — certain fallacies to which all history is liable, unless it be historical research.<sup>192</sup>

Neste trecho, embora não o faça de forma explícita, Butterfield indica que escrever a história “do lado Protestante e Whig” é, em realidade, enfatizar no passado certos “princípios do progresso” retirados do presente. Apontando que para além do *modus operandi* historiográfico dos Whigs, há uma racionalidade histórica progressista que fundamenta essa relação entre passado e presente. De todo modo, como indica a passagem final, Butterfield dirige a crítica às formas de escrita da história não profissionais, com a intenção de separar a pesquisa histórica acadêmica, do discurso histórico geral. Esse ponto vai ser debatido no próximo tópico, onde pretende-se desvelar a crítica whig nas suas potencialidades.

Antes disso, é necessário ressaltar que para Butterfield, qualquer um pode ser whig, sem ser necessariamente pertencente ao partido Whig. Não há erro conceitual ou estranhamento em pensar um membro do partido Tory como um “historiador whig.”<sup>193</sup> Sendo assim, a interpretação whig é vista como um modo de pensar em termos historicistas, agindo de forma mais “sutil” do que uma doutrinação partidária rígida e unilateral.

The whig interpretation of history is not merely the property of whigs and it is much more subtle than mental bias; it lies in a

<sup>191</sup> “(It may help emphasize this distinction to indicate the political formation known as the whigs with their capital letter and to render the historical whigs with a lower case one: that will in any case be the practice followed here.)” BENTLEY, M. *Modernizing English Past*, p.6

<sup>192</sup> BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.v.

<sup>193</sup> “A Tory historian such as Bishop Stubbs was perfectly capable, therefore, of constructing ‘whig’ history”. BENTLEY, *Op. Cit.*, p.101.

trick of organization, an unexamined habit of mind that any historian may fall into <sup>194</sup>

Por certo, essa definição provisória não é capaz de satisfazer as multiplicidades de significados contidos no termo estudado. Torna-se necessário compreender a formação do termo “interpretação whig” e entender os motivos que levaram Herbert Butterfield a nomear sua obra desta forma. Se o objetivo não era fazer uma crítica aos Whigs e a significação proposta não era óbvia para seus leitores, por que Butterfield escolheu esse título para o livro?

Em via de satisfazer essa questão e finalizar o tópico 2.2, quatro pontos são expostos para prover um cenários das “linguagens disponíveis” para a construção do vocabulário historiográfico de Herbert Butterfield, no que concerne à publicação de *The Whig Interpretation*. As quatro referências a serem exploradas são: a) a formação da tradição whig e seus principais expoentes; b) George Macaulay Trevelyan, o historiador de Cambridge, citado anteriormente; c) o polêmico político *Whig* do século XVIII, Edmund Burke; e d) Lord Acton, proeminente historiador inglês do final do século XIX, principal referência na Universidade de Cambridge e o alvo central da crítica de *The Whig Interpretation of History*.

O primeiro ponto serve para pautar para o leitor do trabalho o conceito de tradição whig. A intenção não é prover um comentário extenso, mas apenas situar como a tradição whig é formada, seus principais autores e a relação de Butterfield com esses pensadores. De imediato, é necessário ressaltar que a tradição whig não é formada apenas por integrantes do partido Whig, como mencionado na página anterior, Butterfield dissocia os dois termos. Thomas Carlyle é um exemplo, que embora fosse um pensador anti-revolucionário, é identificado como um dos mais proeminentes historiadores whig.<sup>195</sup> Podemos citar, também, historiadores whigs afiliados aos ideais do partido Whig, como Thomas Macaulay e Henry Hallam. Assim sendo, a tradição whig, localizada no século XIX, se refere ao pensamento histórico fundamentado na filosofia do progresso. E por consequência de pensar a sociedade em termos progressivos, o whiggismo seleciona e destaca os eventos do passado a partir do desenvolvimento social subsequente.

<sup>194</sup> BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.30

<sup>195</sup> Para uma visão introdutória sobre o pensamento de Carlyle e sua importância para o estudo histórico ver: LOPES, R. “Thomas Carlyle (1795-1881)” IN: MARTINS, E. *História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

De modo geral, a historiografia inglesa elege a liberdade e a Constituição Inglesa como valores sociais a serem engrandecidos e prestigiados. A partir da identificação destes valores, se constrói um fio narrativo que identifica continuidades temporais entre a Magna Carta, em 1215, e a *Bill of Rights*, em 1889, após a Revolução Gloriosa. Esse processo de associação de identidade entre o presente e o passado é reafirmado pelos termos progressistas. A reafirmação da liberdade e do progresso na sua expressão historicista revela uma “necessidade de ser” dentro do processo histórico. Desse modo, o *status quo* da historiografia inglesa a partir do século XIX, ou seja, da tradição whig, descreve a história inglesa a partir de um crescente movimento da sociedade civil em direção à liberdade, em outros termos, em direção ao presente. A história da Inglaterra se torna a história do progresso da liberdade inglesa.

Esta tradição historiográfica é orientada sobretudo pela obra de Macaulay, em especial, *History of England* de 1848. Butterfield atenta para a centralidade desse livro para a discussão sobre a tradição whig em *The Englishman and His History*, em 1944, ao discutir as origens da corrente historiográfica: “Ele [Macaulay] apresenta quase no início do trabalho uma explicação sobre o partidarismo Whig e Tory no tratamento de problemas históricos. É uma introdução útil para a pesquisa sobre a origem da interpretação whig.”<sup>196</sup>

A importância deste livro para o pensamento de Butterfield é evidenciada somente em 1944, mas é possível discutir se sua leitura já não havia sido estruturante para a formação das ideias expressas em *The Whig Interpretation*, onze anos antes. Macaulay discute no prefácio do livro as implicações da visão progressista da história na Inglaterra, ao tratar a “bênção” do povo inglês de unir “progresso e estabilidade” e como esse princípio articulou a visão do passado:

This great blessing, however, has its drawbacks: and one of those drawbacks is that every source of information as to our early history has been poisoned by party spirit. As there is no country where statesmen have been so much under the influence of the past, so there is no country where historians have been so much under the influence of the present. Between these two things, indeed, there is a natural connection. Where history is regarded merely as a picture of life and manners, or as a collection of

<sup>196</sup> “he gives almost at the opening of that work an explanation of whig and tory partisanship in the treatment of historical problems. It is a useful introduction to an enquiry into the origin of the whig interpretation.” BUTTERFIELD, H. *Englishman and His History*, London: Cambridge University Press, 1944. p. 4-5.

experiments from which general maxims of civil wisdom may be drawn, a writer lies under no very pressing temptation to misrepresent transactions of ancient date. But where history is regarded as a repository of title deeds, on which the rights of governments and nations depend, the motive to falsification becomes almost irresistible<sup>197</sup>

Macaulay apresenta a associação entre passado e presente na vida pública inglesa como singular, e através da preponderância no passado na sociedade inglesa, a tendência à falsificação partidária. Em suma, ele argumenta acerca da politização da história em prol de um ideal político e moral. A partir deste ponto, fica evidente que Butterfield trata do mesmo assunto que seu predecessor, mas ainda há dois indícios que conectam os dois textos. O primeiro deles é que para o historiador do século XIX, essa percepção histórica preponderava, igualmente, pela História ser escrita por antiquários e “a inevitável consequência era que nossos antiquários conduziam suas pesquisas no espírito dos partidários.”<sup>198</sup> Butterfield reafirma a importância do papel do historiador em criar uma História não-partidária.<sup>199</sup>

Adiante, Macaulay expõe outro indício da proximidade entre os textos, pois ao concluir esta parte da exposição e aprofundar o seu argumento, ele utiliza não apenas expressão a “Whig Historian”, como exemplo final da ideologização da história. Não apenas esse elemento aponta para a relação entre os textos, pois outro termo central para a escrita de *The Whig Interpretation* aparece no trecho, a ideia do historiador exercer o papel de “juíz” e trazer a moral para os julgamentos históricos:

It is therefore not surprising that those who have written, concerning the limits of prerogative and liberty in the old polity of England should generally have shown the temper, not of judges, but of angry and uncandid advocates. For they were discussing, not a speculative matter, but a matter which had a direct and practical connection with the most momentous and exciting disputes of their own day, [...], During a long course of years every Whig historian was anxious to prove that the old English government was all but republican, every Tory historian to prove that it was all but despotic.<sup>200</sup>

<sup>197</sup> MACAULAY, T. *History of England*. London: Penguin Classics, 2000. p.11 [Ebook]

<sup>198</sup> “The inevitable consequence was that our antiquaries conducted their researches in the spirit of partisans.” BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.11-12

<sup>199</sup> Como será visto no capítulo 3, em especial, o tópico 3.1

<sup>200</sup> MACAULAY, *Op. Cit.* p.12

É evidente que Macaulay está usando o termo no seu sentido literal, apontando as tendências narrativas propostas pelos Whigs, o que por si, não seria suficiente para relacionar com a escrita de *TWIH*. Todavia, ao somar esse fator com a citação no texto posterior de 1944, com a importância do texto de Macaulay para a historiografia inglesa e, como fator chave, a proximidade das críticas apresentadas, visto que a crítica butterfieldiana ecoa, em muitos sentidos, a introdução do livro de Macaulay.

A intenção com esse apontamento não é afirmar de forma categórica que Butterfield nomeou o seu conceito a partir dos *insights* providos pela leitura de *History of England*, mas pautar leituras e referências plausíveis para responder a pergunta proposta sobre o porquê a crítica exposta no livro faz referência ao partido Whig.

A associação ao texto de Macaulay não é novidade nos comentários sobre a obra de Butterfield e, junto a esse apontamento, outra questão aparece que vai ser importante para os pontos subsequentes: se *The Whig Interpretation of History* critica a historiografia do século XIX sob o nome de interpretação whig, por que Macaulay e os outros nomes apontados no texto não são citados?

A explicação, que é contígua aos argumentos dos pontos posteriores, mesmo que seja através de perspectivas distintas, pauta a simpatia de Butterfield frente a esta tradição de escrita. Como foi visto com *The Historical Novel*, o romantismo do século XIX é uma filosofia influente para o pensamento do autor inglês estudado. Segundo C. T. McIntire, Butterfield emulava o estilo desses autores em seu próprio modo de escrita nos dois livros anteriores a *The Whig Interpretation*:

Near the end of his life he admitted that he had tried in *Peace Tactics* to produce the kind of literary narrative characteristic of the great nineteenth-century historians, above all Carlyle, whom he had cited in *Historical Novel*, and Thomas Babington Macaulay, Trevelyan's ancestor.<sup>201</sup>

Para George Watson, essa influência não é vista apenas nos primeiros textos, mas também na escrita retórica de *The Whig Interpretation* “é uma polêmica histórica suavemente construída e astuciosamente escrita, em uma tradição retórica

---

<sup>201</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.49

que deve muito a Macaulay.”<sup>202</sup> Butterfield, portanto, crítica a visão histórica no século XIX, mas é aderente ao estilo literário característico desses autores. Não é um exagero pensar que essas referências e a crítica feita à elas fossem uma visão ambivalente para o historiador. Importante notar que os silêncios do texto são tão reveladores quanto às citações para compreender a posição do autor.

Em *The Whig Interpretation*, Butterfield se refere a esses autores sem nomeá-los diretamente, ao pontuar que a construção da escrita da História perpassa pela obra desses "patriarcas". A partir desse trecho é possível visualizar como, em realidade, Butterfield apesar de criticá-los, também, nutre um sentimento de admiração por esses historiadores criadores da interpretação whig:

It might be argued that our general version of the historical story still bears the impress that was given to it by the great patriarchs of history-writing, so many of whom seem to have been whigs and gentlemen.<sup>203</sup>

Prossegue-se a exposição em direção ao ponto B, movimentando o holofote para G. M. Trevelyan, citado na página 49, como importante mentor e referência para Butterfield, no que concerne à forma de se escrever sobre o passado. Trevelyan, junto ao Paul Vellacott foram as principais referências para Butterfield de que ainda haveria um âmbito literário a ser explorado na história, a despeito da recente ascensão do modelo científico em território britânico.

Trevelyan era visto como um historiador whig por causa dos seus livros: *English under the Stuarts* (1904), *History of England* (1926) e *The English Revolution 1688-1689* (1938) que seguiam os princípios postos tradição whig, o triunfo da liberdade política e individual, o avanço da civilização europeia e do parlamentarismo e constitucionalismo, entre outros.

Nota-se que, a inserção de Trevelyan dentro da tradição tinha um componente familiar, seu pai, George Trevelyan, era um proeminente membro do Partido Liberal, criado a partir do Partido Whig. George Trevelyan, também, era historiador e escrevera um livro sobre as memórias de seu tio Thomas Macaulay, citado no ponto A. Muito embora, Macaulay tenha morrido em 1859, quase duas décadas antes do nascimento de G. M. Trevelyan, o tio-avô, era uma figura

<sup>202</sup> “is a suavely shaped and sharply worded historical polemic in a rhetorical tradition that owes much to Macaulay.” WATSON, G. *Op cit.*, p.23

<sup>203</sup> BUTTERFIELD, H. *The Whig Interpretation.*, p.5.



importante para o historiador de Cambridge, que teve contato com as memórias do tio através do pai. A associação, contudo, não é apenas familiar, no início de sua carreira Trevelyan era acusado de “Macaulaynismos” em sua escrita.<sup>204</sup>

O papel central de Trevelyan na tradição whig se estabelece a partir de *History of England* que foi escrito com a intenção de ser o livro de síntese referência para a história inglesa, a intenção era substituir o livro de J. R. Green citado na página 39. O livro é visto como o ápice da visão whig no século XX, uma releitura dos princípios do século XIX adequados para a nova sociedade. Para Joseph Hernon Jr., no artigo “The Last Whig Historian and Consensus History: George Macaulay Trevelyan, 1876-1962” que guia essa reflexão, foi através deste livro que a história whig se torna a regra geral na narrativa inglesa:

Trevelyan had written a Whig history of England par excellence. It both reflected and shaped national awareness among the English of their own history. Whig history had become the official consensus history.<sup>205</sup>

Logo, quando *The Whig Interpretation of History* é publicado por Butterfield, no ano de 1931, *History of England* era uma referência imediata para qualquer leitor. Inclusive para o próprio autor, que acreditava que o livro tinha sido escrito para criticá-lo: “Trevelyan disse para Vellacott, realmente, que ele pensava que a polêmica era dirigida diretamente contra ele.”<sup>206</sup> Ele teria dito que seria o “último historiador whig”<sup>207</sup> após a publicação do livro de Butterfield.

A suspeita de Trevelyan, entretanto, não se sustentava. Pelo contrário, o sentido de citá-lo aqui é explorar o texto “Clio, a Muse” publicado pelo historiador citado em 1905. Como aponta C. T. McIntire, Butterfield não pretendia criticar Trevelyan, mas possivelmente fazer alusão a uma crítica feita por ele: “Em todo caso, é curioso ver o quanto do que Butterfield disse em *TWIH* espelhava uma passagem escrita por Trevelyan em seu ensaio.”<sup>208</sup> Através deste texto, expõe-se a

<sup>204</sup> Review by George Kriehn in AHR, 5 (1899-1900): 121, n.2. Apud HERNON, J. *The Last Whig Historian and Consensus History: George Macaulay Trevelyan, 1876-1962*. “The American Historical Review”, V. 81, N. 1 p.71.

<sup>205</sup> Ibid, p.81.

<sup>206</sup> “Trevelyan told Vellacott, indeed, that he thought the polemic had been directed against him.” BENTLEY, M. p.100.

<sup>207</sup> HERNON, *Op. Cit.*, p.91.

<sup>208</sup> “In any case it is curious to see how much of what Butterfield said in Whig Interpretation mirrored a passage written by Trevelyan in his essay.” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.91

tentativa de verificar outra possível referência historiográfica para responder a pergunta sobre a escolha de Herbert Butterfield em nomear sua crítica como “whig.”

Antes de citar a parte, na qual Trevelyan usa o termo referido, é necessário atentar para as primeiras páginas do texto para compreender o apontamento feito por McIntire. E demonstrar como, em certa medida, “Clio, a Muse” e *The Whig Interpretation* discutem questões próximas, como a História da Historiografia: “Duas gerações atrás, a história era parte da nossa literatura nacional, escrita por indivíduos do mundo das letras e da política.”<sup>209</sup>

Trevelyan aponta para uma “dupla revolução” vivida pela História a partir de meados do século XIX: a primeira é a mudança do status da literatura na escrita da História com o advento do padrão cientificista; e a segunda mudança é o lugar ocupado pela História após a construção e formalização da disciplina nas universidades. Esses elementos no texto *The Whig Interpretation* serão articulados no próximo tópico. Os dois processos mencionados são correlatos e abrem questões sobre o espaço da História e do historiador na sociedade, pois para Trevelyan, a profissionalização da história levou a sua perda de contato com a sociedade em geral: “O ganho em profundidade da vida acadêmica da nação deve ser comparada contra a perda da sua mais abrangente vida literária.”<sup>210</sup>

Ao discutir o cenário da escrita da História na Inglaterra, Thomas Macaulay, prontamente, aparece nas páginas seguintes como importante referência. E é a partir das críticas à obra de seu antepassado que Trevelyan usa os termos “historiador Whig” e “whiggismo”. Segundo ele, as críticas se pautavam no fato que: “As pessoas foram ensinadas a supor que o Whiggismo de Macaulay era seu pior defeito histórico. Eu gostaria que tivesse sido.” Para provar este ponto, Trevelyan comenta a “animosidade” presente nos escritos do historiador do século XIX sobre Lorde Shaftesbury, um dos fundadores do partido Whig, logo para ele: “Macaulay era iludido não pelo seu ‘Whiggismo’, mas por um ingênuo ódio da desonestidade.”<sup>211</sup>

<sup>209</sup> “Two generations back, history was a part of our national literature, written by persons moving at large in the world of letters or politics.” TREVELYAN, G. *Clio, a muse and other essays literary and pedestrian*. London: Longman and Greens, 1913. p.1

<sup>210</sup> “The gain in the deeper, academic life of the nation must be set off against the loss in its wider, literary life.” *Ibid.*, p.2

<sup>211</sup> *Ibid.*, p.42-43.

Mesmo que a referência ao partido esteja evidente no texto, ainda é preciso investigar em qual sentido Trevelyan emprega o termo Whig, para justificar qualquer possível conexão com o texto de Herbert Butterfield. Ao comentar sobre o impacto do livro de Macaulay, Trevelyan revela o que ele compreende sobre “Whiggismo” no pensamento histórico:

The book made men proud of their country, it made them understand her institutions, how they had come into existence and how liberty and order had been won by the wear and tear of contending factions. His Whiggism in the historical field consisted of a belief in religious toleration and Parliamentary government, principles in which an historian has just as good a right to believe, as in absolutism and persecution<sup>212</sup>

Nesse momento, torna-se evidente que Trevelyan está usando o termo Whig para se referir diretamente ao partido inglês. Todavia, ao fazer isso, ele aponta para a mesma tendência registrada por Butterfield, de se basear na crença da liberdade e do parlamentarismo para narrar os eventos históricos. E Trevelyan abre a possibilidade no final da frase de que o historiador possa ter qualquer tipo de crença que o satisfaça. Aqui, as críticas realizadas pelos dois autores se conectam, mas não se igualam, visto que a crítica de *The Whig Interpretation* traz outros elementos que não são discutidos por G. M. Trevelyan.

Sendo assim, não se justifica relacionar os textos anteriores a *The Whig Interpretation of History* aqui mencionados em busca de uma origem determinada e consolidada do termo e o motivo que levou Herbert Butterfield a escolhê-lo. Cabe, contudo, indicar como a utilização do termo, em 1931, é original no seu uso, mas de que o vocabulário empregado, embora não fosse evidente para o leitor, conforme indicado pelas resenhas descritas, não era de todo inaudito na historiografia inglesa.

Portanto, as associações entre os textos pautam, em primeiro lugar, indícios do termo whig nas leituras do historiador estudado e, em segundo lugar, a proximidade entre os díspares usos verificados e o *lance* promovido por Butterfield. Mesmo que a discussão desses quatro tópicos evocados não responda a pergunta sobre porque Butterfield escolheu o termo “interpretação whig”, ao menos, os

---

<sup>212</sup> “People have been taught to suppose that Macaulay's Whiggism was his worst historical fault. I wish it had been.”. “Macaulay was misled not by his ‘Whiggism’ but by a too simple-hearted hatred of knavery” Ibid., p. 44-45.

textos auxiliam-nos a delimitar respostas possíveis e coerentes com o ambiente historiográfico inglês da década de 1920.

No Ponto C, discute-se o texto *An Appeal From the New to the Old Whig* escrito por Edmund Burke, em 1791. O texto em questão aparece um ano depois da publicação do livro *Reflexões sobre a Revolução na França*, onde Burke expõe sua posição contrária ao movimento revolucionário que acontecia na França. O livro provocou um rompimento no Partido Whig: entre os *Old Whigs*, contrários à Revolução, e os *New Whigs*, que enxergavam pontos positivos nos jacobinos e nos acontecimentos revolucionários.

Nessa disputa partidária, Burke publica *An Appeal From the New to the Old Whig* de forma anônima com o intuito de convocar o apoio dos correligionários que concordavam com os princípios defendidos pelos *Old Whigs*. Para Burke, a posição de manutenção dos ideais de formação do partido Whig fundamentados no liberalismo jurídico, no senso de propriedade e na defesa da constituição eram necessários no momento em que surgia um movimento político de rompimento com a estabilidade propiciada pelo sistema parlamentarista na Inglaterra.

Este livro interessa para o assunto discutido, pois Butterfield revela em 1935, a insatisfação com o título escolhido *The Whig Interpretation* e observava com bons olhos a possibilidade de seu livro se chamar *An Appeal from the Old Whigs to the New*, invertendo, assim, o título do livro de Edmund Burke.<sup>213</sup> A sugestão para o título foi feita por Charles Smyth, um historiador da Universidade de Cambridge, que segundo Butterfield, era um “Tory cabeça-dura”, insatisfeito com o título dado ao livro.<sup>214</sup> Tendo estabelecido a posição de Edmund Burke no livro citado e a indicação de inverter a ordem do título, Smyth referenciava a posição política e historiográfica do historiador de Oxenhope, como um *New Whig* reformador da tradição. O sentido da indicação de Smyth foi sumariada por C.T McIntire:

It is plausible to follow the lead of Charles Smyth, who, in 1931, read *The Whig Interpretation of History* and perceived therein Butterfield's attachment to the Whig tradition, but also his impulse to renovate the tradition. In that light, we may think of him as a twentieth-century New Whig. The term suggests a

<sup>213</sup> A indicação é feita por Michael Bentley a partir da correspondência particular com Joy Marc. BENTLEY, M. *Op Cit.*, p.99, nota 12.

<sup>214</sup> “When the book appeared, Charles Smyth, a historian in Cambridge, an Anglican cleric, and, according to Butterfield, ‘a hard-headed Tory’ MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.59.

politics that is liberal, transformative, and progressive, but that flatly refuses to fit neatly into any of the going categories.<sup>215</sup>

Em primeiro lugar, é necessário ressaltar que esta visão não é exclusiva de Smyth e McIntire, Robert Walcott, também, tinha feito comentário similar indicando que “há uma continuidade real entre os dois ensaios.”<sup>216</sup> Sendo assim, a partir deste comentário é necessário voltar sobre dois pontos anteriores no texto para melhor explorar o que está sendo discutido. Os pontos são: a posição política de Butterfield e sua compreensão sobre a política inglesa citada nas páginas 43 e 44 e a citação ao artigo de Tim Müller sobre o esgotamento conceitual frente à crise política e social vivida no período da Grande Depressão, feita na página 67.

A conjunção entre esses dois pontos se estabelece na visão de Herbert Butterfield em favor do sistema político inglês e da estabilidade parlamentar. Todavia, a experiência social vivida após a Primeira Guerra Mundial e durante a década de 1920 no continente europeu, rompe com a compreensão de que a tradição inglesa estivesse sendo bem sucedida. Ao assumir uma posição que pode ser interpretada como *New Whig* na escrita de seu livro, Butterfield faz uma intervenção intelectual que não é somente historiográfica e linguística, mas irremediavelmente política. A citação ao Burke traz, então, esse âmbito que pode passar despercebido aos destaques anteriores na leitura do livro, visto que até o presente momento, o sentido Whig da “interpretação whig” foi preterido em detrimento de função da sua significação teológica e ideológica.

De todo modo, seria insatisfatório que a resposta para o motivo que levou Butterfield a nomear sua crítica como whig não perpassasse o Partido Whig. E a indicação feita por Smyth ilumina esse aspecto essencial da obra e do pensamento político do autor. Definitivamente, não é sem propósito e de modo aleatório que o partido Whig é referenciado pelo autor, qualquer conclusão nesse sentido diminuiria a complexidade da questão, mesmo que não seja possível respondê-la nesse momento em que as pesquisas se encontram. McIntire aponta outro ponto interessante, na seguinte passagem, onde esboça a relação de Butterfield com Charles James Fox, líder dos *New Whigs*, e a tradição Whig:

---

<sup>215</sup> Ibid, p.xvi.

<sup>216</sup> WALCOTT, R. Review of EH, AHR SO (1945), 600. *apud.* SEWELL, K., *op. Cit.*, p.84.

Here we have the clue to Butterfield's perspective in *The Whig Interpretation of History*. He wrote to reconstruct the tradition, not to revert to an older stage of the tradition, and not to defeat it. Fox, not Burke. Butterfield emerges as the twentieth century New Whig<sup>217</sup>

Essa sugestão não é feita apenas por comentadores da obra do historiador inglês, pois dois meses após a publicação de *The Whig Interpretation*, G. M. Trevelyan, o professor de Cambridge mencionado no segundo ponto, o convida para escrever a biografia de Charles James Fox. O projeto de escrever uma biografia nunca se concretizou, com exceção de um artigo em 1949, Butterfield nunca tratou exclusivamente de Fox, como havia acordado com o professor. Sendo assim, observa-se como não apenas a obra de Butterfield está conectada com a preocupação historiográfica, mas também, com a vida social efervescente da Inglaterra entre 1929 e 1931, período de escrita e publicação do livro.

Por fim, passar pelo vocabulário historiográfico que circunda a obra e o pensamento de Herbert Butterfield significa direcionar-se para o século XVIII e suas dinâmicas políticas e sociais. São essas tensões que Butterfield se aproximou durante toda sua carreira, portanto, não é despropositado que o autor pensasse as crises do presente em termos similares aos que ele se debruçava. Como apontou Tim Müller para o vácuo conceitual que precisava ser preenchido e o livro de Butterfield aparece nesse contexto “iconoclasta”<sup>218</sup>, tentando suprir demandas distintas em um conceito histórico, historiográfico e polissêmico.

O quarto e último ponto aponta a referência mais evidente deixada por Butterfield em *TWIH*, a figura de Lord Acton. O historiador nascido em 1834, era católico e um membro da nobreza tradicional inglesa. De certa forma, ele representava o oposto de Butterfield no contexto universitário inglês. O aristocrata tornou-se uma das principais referências historiográficas inglesas do último quartel do século XIX, marcando, sobretudo, a Universidade de Cambridge. Acton morreu pouco tempo depois do nascimento de Butterfield, mas sua presença intelectual ainda era iminente na época em que o jovem historiador de Oxenhope entrou na faculdade. O seu primeiro texto publicado, por exemplo, “Art is History Made Organic” emula o vocabulário utilizado por Lord Acton nas suas *Lectures on*

<sup>217</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p. 59-60.

<sup>218</sup> CARR, E. *Que é História?* São Paulo: Paz e Terra, 1982. p.38

*Modern History* de 1906 e reeditadas em 1919, ano que Butterfield chega em Cambridge.<sup>219</sup>

A influência de Acton afetou profundamente Butterfield, pois *The Whig Interpretation of History* não é o único escrito sobre o historiador aristocrata. Na visão de George Elton, Butterfield teria uma “obsessão” com Acton.<sup>220</sup> De fato, ele está presente em diversas obras de Butterfield, contando, pelo menos, três artigos e um livreto dedicados ao estudo da vida e obra de Acton.<sup>221</sup> E aparece, novamente, como importante referência historiográfica em *History and Human Relations* (1951) e *Man on His Past* (1955). Como explicita C. T. McIntire, a figura de Lord é preeminente na reflexão de Butterfield sobre a Teoria da História: “Sua preocupação durante toda carreira com Lord Acton girava em torno do tema da compreensão histórica.”<sup>222</sup> Nesse momento, também, é importante ressaltar que a visão de Butterfield sobre o seu predecessor mudou após a publicação de *The Whig Interpretation*, “Ele começou a valorizar o jovem Acton como um grande ‘pensador histórico.’”<sup>223</sup>

No entanto, o importante para este ponto é o quinto capítulo do livro *The Whig Interpretation of History* intitulado “Moral Judgments in History”, onde Acton surge como a figura principal da tradição whig, focalizando todas as críticas sobre sua obra. Afinal, Butterfield critica um tipo de História ao longo do livro sem citar qualquer historiador para ilustrar, exemplificar o que seria um historiador whig. Logo, os nomes mencionados anteriormente de Thomas Macaulay, Thomas Carlyle, George Trevelyan não estão citados no livro, mesmo que estejam entre os grandes expoentes da tradição whig. De todo modo, diferentemente dos autores anteriores, a visão histórica de Acton não agradava Butterfield, o historiador é

<sup>219</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.22

<sup>220</sup> ELTON, G. “Herbert Butterfield and the Study of History”. *The Historical Journal*. V. 27, N 3, 1984, p. 729-743

<sup>221</sup> Os artigos sobre Lord Acton são: BUTTERFIELD, H. “Journal of Lord Acton: Rome 1857” *Cambridge Historical Journal*. V. 8, 1946, p.186-204; “Gasquet and the Acton-Simpson Correspondence”. *Cambridge Historical Journal* V.10, 1950, p.75-105; “Acton: His Training, Methods and Intellectual System”, in: *Studies in Diplomatic History and Historiography in Honour of G.P. Gooch*. London: Longmans, 1961. p. 169-198. O livreto *Lord Acton* foi publicado em encomenda da Historical Association. BUTTERFIELD, H. *Lord Acton*. London: Historical Association General Series, nr 9, 1948

<sup>222</sup> “His career-long preoccupation with Lord Acton revolved around the theme of historical understanding.” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.xxi

<sup>223</sup> “he came to prize the earlier Acton as a great ‘historical thinker.’ SEWELL, K. The “Herbert Butterfield Problem” and Its Resolution, *Journal of the History of Ideas*, Vol. 64, N. 4, 2003, p. 612.



célebre por ter levado os princípios metodológicos da Escola Historista ou Historicista alemã para a academia inglesa.

Para Butterfield, era na obra de Acton que a tradição whig encontra seu representante ideal ou, em outros termos, “Pode ser verdade dizer que em Lord Acton, o historiador whig atingiu sua maior consciência.”<sup>224</sup> De modo a justificar essa afirmação, Butterfield recorre a uma citação do autor, onde ele afirma que é “Melhor ser ahistórico do que fazer algo que possa baixar a dignidade moral da história.”<sup>225</sup>

Aqui, é necessário esclarecer um aspecto da interpretação whig ainda não mencionado, se até então a crítica estava concentrada no presentismo e na partidarização do discurso histórico, nesse momento, percebe-se uma consequência direta desses dois elementos, a moralização da história. A frase citada de Acton sumariza o ponto da crítica butterfield registrada desde a primeira página, onde o historiador assume o papel de “vingador” e de “juiz”, colocando suas posições políticas e ideológicas, isto é, seus valores do presente como padrão moral sobre os atos do passado.

Para Butterfield, se o padrão de análise histórica for o presente, a História se iguala à opinião do historiador. Nessa dinâmica, o papel social da História se transforma em arbitrar e julgar as questões morais do passado. Para ilustrar essa questão, o exemplo escolhido é apontar que o historiador estaria assumindo um papel divino de julgamento, pois conseguiria julgar toda história a partir de um único ponto de vista: “É a história alçada em algo como a mente de Deus, fazendo julgamentos definitivos sobre as coisas que estão acontecendo no tempo.”<sup>226</sup> O problema evidente é que a compreensão temporal humana e divina não se igualam e que, portanto, a simulação do papel de deus por parte do historiador deve ser encarada como um erro a ser evitado. Em resumo, Butterfield enxerga Lord Acton como o historiador whig por excelência, pois nele a moralização do discurso histórico alcança seu ápice.

<sup>224</sup> “It might be true to say that in Lord Acton, the whig historian reached his highest consciousness” BUTTERFIELD, H. *The Whig Interpretation of History*, p.109.

<sup>225</sup> “Better be unhistorical than do anything that may lower the moral dignity of history.” ACTON, L. *apud* BUTTERFIELD, H. *The Whig Interpretation of History*, p. 117.

<sup>226</sup> “It is history raised into something like the mind of God, making ultimate judgments upon the things which are happening in time.” *Ibid.*, p.113-114



It is not easy to resist the temptation to personify and idealise history, and there is no doubt that this species of romancing has its effect upon the posture of the historian. In its practical consequences it means the exaltation of the opinions of the historian. It reaches its highest point in the conception of history as the arbiter, history as the seat of judgment, particularly on moral issues. Lord Acton carried it to the extremity of its logical conclusion. 'It is the office of historical science to maintain morality as the sole impartial criterion of men and things.' 'To develop and perfect and arm conscience is the great achievement of history.'<sup>227</sup>

Ademais, na contramão da visão de Acton, Butterfield oferece uma solução para esse problema ao defender uma disciplina histórica contextualista, em que assuntos morais são compreendidos dentro dos valores estabelecidos de cada sociedade:

The truth is that this historical explaining does not condemn; neither does it excuse; it does not even touch the realm in which words like these have meaning or relevance; it is compounded of observations made upon the events of the concrete world; it is neither more nor less than the process of seeing things in their context.<sup>228</sup>

De todo modo, não é a intenção deste subcapítulo discutir o conteúdo da crítica butterfieldiana, apenas pontuar como Lord Acton é apresentado no texto para apontar a formulação do conceito *whig*. E neste ponto, é necessário voltar ao descontentamento sobre o termo, ilustrado por parte dos autores que resenharam o livro. A presença de Lord Acton como único historiador *whig* citado é fundamental para esse desacerto entre o autor e seus leitores, visto que Acton não era um membro do partido Whig, tampouco era protestante.

De forma célebre, em 1961, Edward H. Carr volta a discutir essa questão: “Embora [Butterfield] denunciasses a interpretação *whig* em mais de 130 páginas, não nomeou um único *whig*, exceto Fox, que não fosse historiador, nem um único historiador, salvo Acton, que não fosse *whig*.”<sup>229</sup> A colocação de Carr, trinta anos após a publicação de *The Whig Interpretation*, revela a dificuldade de compreensão, mesmo por parte de um leitor qualificado, que o termo *whig* cunhado por Butterfield

<sup>227</sup> Ibid., p.114

<sup>228</sup> Ibid., p.117

<sup>229</sup> CARR, E. *Op. Cit.*, p.38-39

não tem correspondência direta e imediata com o partido homônimo. Mesmo que, como foi visto anteriormente, seria imprudente negar a associação entre os dois termos, apenas porque estes não são sinônimos.

Keith Sewell descreve não somente como Macaulay não aparece no texto, a despeito de que ele fosse a referência óbvia para os leitores, mas como o texto configura um movimento de direcionamento para as consequências da interpretação whig. Quando o partidarismo, a ideologização e o “passado visto pelo presente” se cristalizam na moralização da História e a partir desse ponto, Acton se torna o representante da escola historiográfica.

After all, *The Whig Interpretation* was not a critique of Macaulay but moved from a general critique of the anachronisms of Whig historiography, to a special critique of Acton in particular. In Acton the ‘Whig’ errors had taken on a particularly trenchant form because Acton had insisted on the duty of the historian to enter into moral judgments against those deemed conservative, authoritarian, and unprogressive.<sup>230</sup>

Para Sewell, a “obsessão”<sup>231</sup> de Butterfield com Acton se dava pelo fascínio em relação às primeiras publicações do aristocrata, em detrimento ao descontentamento com a postura moralista das publicações posteriores. Importante ressaltar nesse momento que Lord Acton e Leopold von Ranke, que Butterfield conheceu a partir do primeiro, eram importantes referências intelectuais e que justamente por isso, era contraditório para o jovem historiador a mudança intelectual de Acton:

The contradiction that this entailed resolved itself into a challenge to account for the decline of Acton's historical thinking and its replacement with a heavy and judgmental use of historical scholarship as a vehicle for moral condemnation. For Butterfield the central question in Acton studies lay in explaining why the later dogmatic moralist came to overlay and subordinate the earlier historical thinker.<sup>232</sup>

Entretanto, a questão sobre por qual motivo apenas Lord Acton foi citado no livro permanece sem resposta. O que é possível compreender é porque ele foi

<sup>230</sup> SEWELL, K. “The ‘Herbert Butterfield Problem’ and Its Resolution”. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 64, No. 4, 2003, p. 612.

<sup>231</sup> Nos termos de Geoffrey Elton, mencionados na página 85.

<sup>232</sup> SEWELL, K. *Op. Cit.*, p. 612.

citado, que relação Butterfield tinha com ele e de que modo a citação dele aparece no livro.

Por certo, nenhum dos quatro apontamentos oferecem uma visão holística da origem do termo “whig” e, não necessariamente, se entrelaçam em uma explicação única. A posição adotada para esse estudo, é de explorar diferentes caminhos de significados, através de referências distintas para prover ao leitor um leque do vocabulário disponível para Butterfield no momento da escrita do livro. Sendo assim, segue-se a visão indicada por Michael Bentley, que opta por não fazer o mesmo exercício aqui apresentado, de que é improvável que o próprio autor estivesse ciente das suas escolhas conceituais: “Ele raramente dava qualquer indicação do que o estimulou a direcionar sua mente em uma direção particular. Provavelmente, ele próprio não soubesse.”<sup>233</sup>

---

<sup>233</sup> “He rarely gave any clear indication of what stimulated him to turn his mind in a particular direction. Probably he often did not know himself.” BENTLEY, M. *Op. Cit.*, p.99

## 3.

**As facetas da Interpretação Whig**

“Despite his assumed anti-theoretical emphasis, the Whig Interpretation is itself a theoretical work which can be seen to be aimed at a frequently shifting target.”

(Beverley Southgate)

A dificuldade de definir, de maneira permanente e invariável, os conceitos de *The Whig Interpretation of History*, em especial, a “Interpretação Whig” acompanha toda a escrita deste texto. De modo que, ao invés de se ater à simples e descomplicada afirmação que a interpretação whig é a crítica à ideologização do passado, prefere-se abordar a complexidade de um conceito que é, via de regra, incapaz de ser reduzido em uma única frase. Ao defender que existem múltiplas facetas da Interpretação Whig, é necessário apresentar suas peças e compor suas articulações em um esquema conceitual.

Em outras palavras, o trabalho demanda que temas distintos do ensaio sejam abordados, em busca de uma visão holística de TWIH. Propõe-se, então, a exploração três temas centrais do livro, em três sub-capítulos diferentes, que são melhor definidos como: a profissionalização da história e a consciência do historiador; o processo histórico e alteridade; e, por fim, os limites do estudo histórico e a moral.

De todo modo, é imperioso atentar que o arranjo proposto do livro em três temas centrais não coincide com a divisão proposta pelo autor. Logo, os tópicos devem ser entendidos de forma correlacionada, pois não são elementos distintos, visto que estão imbricados um ao outro. Ademais, é necessário somar um tema aos três apresentados, este sendo o fundamento que permeia os três eixos centrais de investigação, o presentismo, isto é, nas palavras do autor, enxergar “o passado pelo presente.”

Em suma, *The Whig Interpretation of History* é um ensaio direcionado aos historiadores. É necessário pensá-lo dentro de uma mudança de paradigma proposta a partir da virada do século, onde se traz a necessidade de revisar os padrões metodológicos impostos pelo positivismo. TWIH é um livro, dentre outros que

compõem esse cenário intelectual. A inquietude de Butterfield expressa em sua escrita reflete o seu lugar de dissidência dentro da História. Para ele, o historiador, antes de tudo, deve compreender seu trabalho e ter consciência dos fundamentos e pormenores da disciplina. O olhar para o texto se torna mais coerente a partir da seguinte afirmação: “Esse ensaio é escrito por um historiador, direcionado para historiadores e projetado para discutir coisas que historiadores lidam cotidianamente.”<sup>234</sup>

---

<sup>234</sup> “The essay is written by a historian, addressed to historians, and designed to discuss things historians routinely deal with.” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.58

### 3.1

#### A consciência do ofício

*“non-conformistes n'oublent pas de se procurer The Whig Interpretation of History.”*

(Michel Brunet)

Nas páginas nove e dez de *The Whig Interpretation of History*, Herbert Butterfield comenta como para os ouvidos contemporâneos, uma frase de São Tomás de Aquino possa parecer “tola”, “alienígena ou estrangeira” a nossa realidade. A provocação feita pelo autor presume que rechaçar qualquer ideia diferente do senso comum contemporâneo por soar controversa significaria perder o adensamento do que é humano e histórico no passado. Nessa perspectiva, somente por um exercício de afastamento dos princípios do presente e pela mediação entre os valores atuais e os do passado, é que seria possível compreender uma ideia sem julgá-la de antemão. Logo, a diferença que o indivíduo se depara ao olhar para o passado deve ser valorizada, pois é ela que gera o incômodo que justifica a vontade de conhecer o passado. E somente a partir do incômodo que é possível haver o movimento de tentar compreender o outro que, nesse caso, é um outro histórico.

Butterfield entendia que a habilidade cognitiva mais importante para o historiador é o que ele chamava de “elasticidade mental,”<sup>235</sup> em contraponto à rigidez mental, justamente, por possibilitar a compreensão de novos contextos e interpretações frente aos distintos desafios intelectuais. E, assim como Tomás de Aquino, soava desconfortavelmente para os leitores de 1930, as ideias de Butterfield, também, podem soar estranhas e diferentes aos ouvidos contemporâneos. Cabe, então, usar a “elasticidade mental” para compreender as proposições do autor frente ao seu contexto, antes de refutá-las ou aceitá-las de pronto.

<sup>235</sup> “Elasticity of mind” é um conceito importante para Butterfield, pois seria a base para a compreensão histórica. Butterfield trata do assunto de forma evidente na seguinte passagem: “There is no wisdom to be gained from history that may not be reduced to devastation by a heavy and rigid mind,[...], ‘But for us the great crime is to be deficient in elasticity.’ BUTTERFIELD, H. *Study of Modern History*, p. 29–34. *Apud MCINTIRE, Op. Cit.*, p.140

Esse preâmbulo é importante, pois muitas ideias apresentadas em *The Whig Interpretation* são evidentes ou pertencem ao senso comum para o leitor contemporâneo. Já outras afirmações parecem antiquadas e reacionárias frente às viradas epistemológicas e historiográficas, sobretudo, ocorridas após os anos de 1960. O que o próprio Butterfield atenta ao historiador, a quem livro é dirigido, é sobre os perigosos de proferir juízos e entendimentos a partir de bases conceituais que não são aquelas do contexto original do livro. Isto é, utilizar os conceitos do presente como critério para um autor do passado. Nesse sentido, para compreender as afirmações contidas no livro, volta-se à expressão de Peter Laslett sobre o “modesto trabalho do historiador” que deve ser feito, no sentido de alocar o livro no cenário intelectual original, não lê-lo em comparação com a epistemologia histórica vigente.

Como foi discutido nos capítulos anteriores a compreensão da obra é, justamente, seu ponto de maior dissenso. Pois, de fato, *The Whig Interpretation of History* é um livro incontornável para qualquer leitor que se depare com suas ideias e prosa. O pensamento expresso é marcado por sua originalidade entre seus pares, como aponta Schuyler: “Butterfield é um membro do grupo histórico de Cambridge, mas ele fala como um indivíduo, não como representante de qualquer escola.”<sup>236</sup>

Na mesma esteira, Michel Brunet aponta que: “Butterfield é sempre marcado por sua originalidade e pela riqueza de seu pensamento. Entre os historiadores de sua geração, ele ocupa um dos primeiros lugares.”<sup>237</sup> Igualmente, o autor é marcado por sua escrita: polêmica, “intensa e elusiva”, fundamentada no que Noel Annan chama de uma “ambiguidade délfica”<sup>238</sup>, onde “cada parágrafo, ao invés de equilibrar o anterior, parece cancelá-lo.”<sup>239</sup>

A combinação da originalidade e da escrita de Butterfield teve como consequência, na visão de Owen Chadwick, o “fim de uma era de escrita da

<sup>236</sup> “Mr Butterfield is a member of the Cambridge historical group, but he speaks as an individual, not as a representative of any school.” SCHUYLER, R. *Op. Cit.*, p.309

<sup>237</sup> “M. Butterfield s'est toujours signalé par l'originalité et la richesse de sa pensée. Parmi les historiens de sa génération, il occupe l'une des premières places.” BRUNET, M. *Op. Cit.*, p. 291

<sup>238</sup> ANNAN, N. *Our Age: portrait of a generation*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1990, p.270

<sup>239</sup> KENYON, J. *apud* SEWELL, *Op. Cit.*, p.15

história.”<sup>240</sup> Esta sendo, a era da interpretação whig, criticada pelo autor, essa frase indica a potência que o livro teve nos círculos intelectuais, possibilitada pela combinação citada. De todo modo, se nos tópicos anteriores, foram tratados os elementos extra-textuais do livro, esse tópico se dedica a investigar os elementos textuais encontrados em *The Whig Interpretation of History*. Busca-se, então, apresentar a arquitetura conceitual butterfieldiana a partir da ilustração dos argumentos expostos no texto.

Há, entretanto, uma ressalva a ser feita na forma em que esses elementos devem ser tratados nesta pesquisa. Pela característica assistemática e errante da escrita butterfieldiana corrobora-se com as abordagens feitas por C. T. McIntire e Keith Sewell, no sentido de respeitar a especificidade do texto a partir de seus próprios conceitos, ao invés de trazer elementos externos para explicá-lo:

As a thinker, Butterfield was subtle, but unsystematic. To organise his thinking into rigid philosophical categories would do violence to his ideas and misrepresent the temper of his discussions<sup>241</sup>

Sendo assim, organizar os argumentos de forma analítica para apresentá-lo seria, em muitos aspectos, empobrecer o texto de *The Whig Interpretation*. Significaria apartá-lo de sua dimensão literária e metafórica, logo, esse perderia a força de convencimento própria ao autor. Ao se confrontar com essa questão, McIntire descreve como a compreensão do texto não pode ser baseada apenas na catalogação dos argumentos:

When we read *Whig Interpretation* we find little argument and his writing is disconnected, rambling, vague, often confusing. He makes assertions, not arguments, and he makes his assertions indirectly, by prefacing each one with apparently unassertive language, [...], It is a style that avoids saying things straightforwardly, not because he has inadequate warrant for his assertions, but because he does not want to overstate, or to offend, or to seem to judge. He expresses his points in metaphors.<sup>242</sup>

<sup>240</sup> CHADWICK, O. Freedom and the Historian: an Inaugural Lecture (1969), p.37. *Apud* WATSON, G. “The War against the whigs: Butterfield’s victory... and defeat” *Men and Ideas* 1986, p.19

<sup>241</sup> SEWELL, S. *Op. Cit.*, p.9.

<sup>242</sup> MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.56-57.



A intenção exposta é trazer um arranjo compreensível, mas não sistemático, dos argumentos utilizados por Butterfield. Para fazê-lo, a exposição começa por um tema que permeia toda escrita do livro e serve como postulado para a argumentação posterior. O tema pode ser descrito como: a conscientização do historiador para os fundamentos da História. Mais precisamente, na realidade, essa tópica aborda a formalização da História profissional, seu espaço como uma disciplina acadêmica e sua contribuição para o conhecimento humano e, por fim, o caráter *sui generis* da escrita da História. Ou, nas palavras de Butterfield, um olhar para a “psicologia dos historiadores.”

Deve-se ter em mente que Butterfield tinha como público-alvo os historiadores. E que esses, em geral, no começo do século XX, tinham como preocupação principal compreender apenas os eventos e os fatos, mas não os pressupostos da disciplina que eles praticavam. Na visão da época, a História seria uma reconstituição evidente sobre o passado, a partir da leitura metodológica das fontes. Ou seja, os historiadores estavam concentrados exclusivamente com o trato das fontes, mas não com as relações históricas tecidas pelo estudo das fontes. Em realidade, a própria ideia de que a História poderia ter uma história ainda é incipiente neste momento, sintoma da precariedade da reflexão sobre o próprio ofício.

Nesse sentido, Butterfield está preocupado em conscientizar, e chamar atenção dos historiadores para os fundamentos da disciplina histórica. Ao mesmo tempo em que discute essa relação, ele promove uma defesa da pesquisa histórica, em contraponto ao que chama de *general history*, isto é, os discursos históricos que não são feitos por historiadores profissionais. Essa diferenciação é importante de se ter em mente, pois, por muitas vezes, Butterfield nega certas possibilidades de escrita da história. Ele o faz não negligenciando as potencialidades do que a história pode ser e fazer, mas selecionando que tipo de pesquisa, abordagem e método são próprias para o campo da História acadêmica.

A profissionalização e formalização de um conjunto de métodos próprios ao ofício do historiador são a indicação de Butterfield para um caminho a ser trilhado, no qual, a História possa escapar das inúmeras falácias históricas que o estudo histórico pode se deparar, sobre isso Herbert afirma: “A versão whig do curso da história é associada com certos métodos de organização e inferência histórica —

certas falácias nas quais toda história é suscetível, ao menos que seja uma pesquisa histórica.”<sup>243</sup>

A preocupação do autor, neste momento do texto é similar ao que, nos dias atuais, é nomeado como usos do passado ou da história. Assim sendo, a posição do autor frente à questão sobre qual é o lugar do historiador dentro da sociedade em relação às diferentes produções de sentido que se utilizam da narrativa histórica, é que os historiadores devem prover uma base de conhecimento histórico seguro para os diferentes discursos presentes na sociedade. O entendimento parte da ideia de que a história não pertence aos historiadores e de que não há controle sobre os discursos feitos por um “economista, político e diplomata”, mas de que todos esses grupos sociais partem dos conhecimentos construídos pelos historiadores.<sup>244</sup> Logo, os historiadores, agora profissionais e distintos daqueles que instrumentalizam a história, devem escrevê-la como um fim em si mesmo, não como um meio, como fazem os outros elementos da sociedade.

Para satisfazer tal critério elaborado, Butterfield recorre a um protótipo conceitual tipicamente moderno e problemático para a História da escrita da História, isto é, a dualidade entre um discurso apaixonado e um discurso neutro. A inferência proposta é simples, um discurso do historiador profissional deve evocar a razão, enquanto, um discurso próprio ao cronista da história instrumentaliza a história em suas próprias paixões.

O impasse não está no fato de que o historiador deve se apartar da sociedade e se distanciar de suas preferências pessoais, pois “não pode haver reclamação contra o historiador que pessoalmente e privadamente tem suas preferências e antipatias”<sup>245</sup>. Mas, segundo Butterfield, deve-se compreender que ao assumir as próprias ideias, o historiador “entra num mundo de julgamentos parciais”<sup>246</sup> e como consequência, abandona seu lugar de cátedra.<sup>247</sup> A “falácia whig” consiste em usar a “voz da história” para falar das suposições e concepções pessoais.

<sup>243</sup> “This whig version of the course of history is associated with certain methods of historical organisation and inference — certain fallacies to which all history is liable, unless it be historical research.” BUTTERFIELD, H. *The Whig Interpretation of History*, p.v.

<sup>244</sup> Ibid., p.130.

<sup>245</sup> “There can be no complaint against the historian who personally and privately has his preferences and antipathies” Ibid., p.1.

<sup>246</sup> Ibid., p.2.

<sup>247</sup> Ibid., p.2.

A contenda do historiador de Cambridge, contudo, não é diretamente com a necessidade de ser neutro na escrita histórica, o desenvolvimento argumentativo do livro contrapõe a introdução. Primeiro, ao reconhecer que a imparcialidade pode ser uma ilusão “ Talvez seja verdade que a imparcialidade é impossível e que a sensação de tê-la alcançado seja apenas a maior das ilusões”<sup>248</sup> E, em segundo lugar, ao afirmar que não existe a produção histórica sem o historiador ocupar o centro dela, e que ao estar nesse lugar, o historiador é o próprio produtor do discurso histórico, junto com suas vivências, preferências e ideologias.

It is easy to overlook or to misrepresent the contribution which the historian makes to our understanding of the past. It is easy to forget that in the art of the historian there is the exhilarating moment, the creative act. It is by no means the historian's duty to whittle himself down to a mere transparency, and simply to transcribe information with colourless, passionless impartiality<sup>249</sup>

Butterfield utiliza caminhos argumentativos tortuosos e, muitas vezes, antagônicos para alcançar suas conclusões. Por certo, ao longo do texto, as posições intelectuais se alteram, pois não há um único ponto a ser concluído, mas vários. Neste primeiro momento, a preocupação da imparcialidade está centrada na justificação do papel do historiador dentro da sociedade contemporânea, na visão do autor, o profissional da História deve distanciar-se dos demais discursos históricos, sobretudo, da interpretação whig. No segundo momento, após refutar as premissas iniciais da postura teleológica da história, Butterfield pode se voltar para defender a autonomia do historiador. Afinal, o processo de construção da história é individual e subjetivo, mas esse processo deve ser permeado por um método consistente, caso busque-se o profissionalismo.

O que é, então, o papel da *historical research* e como ela se distingue da *general history*? O caminho traçado pelo autor se baseia na construção de um modelo metodológico próprio à História, através da concepção de que a vocação da disciplina histórica é ser descritiva e que, portanto, não há espaço para reflexões de cunho pessoal. Sendo assim, se entende que deve haver algo mais do que os “pontos

<sup>248</sup> “Perhaps it is true that impartiality is impossible, and the appearance of having achieved it is only the greatest of all illusions.” Ibid, p.90.

<sup>249</sup> Ibid., p.91.

de vista particulares de historiadores; que existem ‘vereditos da história’ e que a própria história, considera impessoal, tem algo a dizer às pessoas.”<sup>250</sup>

Essa conclusão se dá em função de que o discurso apaixonado, isto é, focado na emoção, no *páthos*, divide o mundo em dois: “amigos e inimigos”<sup>251</sup>. Frase que pode ser expressa de outra forma que se tornará mais evidente no decorrer da exposição, sobretudo, no tópico 3.3: nós e os outros. A crítica historicista aos whigs se baseia na ideia de que a construção da narrativa histórica é formada pela ideologia do progresso, transformando o passado em um espelho do presente. Um passado que é reconhecido e valorizado, na medida em que contribui para os valores contemporâneos. A interpretação whig é perigosa não por ser partidária dos Whigs, isso faria com que ela fosse facilmente identificada e criticada, seu fator nocivo é dado por sutilmente “evocar as simpatias”<sup>252</sup> do passado e modelar a visão a partir destas.

A sutileza da interpretação whig faz com que esta aja sobre o historiador, sem que esse esteja ciente de que está agindo sobre ele. Para Butterfield, o fenômeno descrito indica a falta de controle dos historiadores sobre as ideias que os movem e orientam, eles são capturados pela interpretação whig, sem estarem conscientes: “A verdade é que há uma tendência de toda história mover-se em direção à história whig”<sup>253</sup>

Aqui, atenta-se para um importante ponto aglutinador das tópicas apresentadas: a consciência do ofício. Herbert Butterfield ao atentar o historiador, sobre as falácias da interpretação whig e a necessidade da formalização da pesquisa histórica profissional para se afastar de tais falácias, evoca o ponto essencial, o historiador deve ter entendimento do seu próprio ofício. Ou seja, para bem produzir uma História, é preciso conhecer suas premissas, seus métodos e seus componentes narrativos. Para tal, é necessário ter consciência dos entremeios da produção histórica.

Nesse sentido, talvez esteja a maior contribuição butterfieldiana, como aponta Green: “*The Whig Interpretation of History* continua sendo o tratado mais

<sup>250</sup> “point of views of particular historians; that there are ‘verdicts of history’ and that history itself, considered impersonally, has something to say to men. Ibid., p.2.

<sup>251</sup> “into the friends and enemies of progress.” Ibid., p.5.

<sup>252</sup> Ibid., p.18

<sup>253</sup> “The truth is that there is a tendency for all history to veer over into whig history” Ibid.6

influyente do seu tipo na tradição anglófona de meditação metahistórica.”<sup>254</sup> A reflexão proposta não é de estabelecimento de limites ao historiador sobre sua ação, mas de definição de barreiras seguras acerca de qual é o limite do próprio conhecimento histórico. Afinal, a interpretação whig é atrante justamente por não estabelecer limites, pois o “Whiggismo era um credo otimista”<sup>255</sup> sobre o que o historiador seria capaz de produzir. De fato, na metodologia whig não há limites para o conhecimento histórico para além da base documental.

Ao chamar atenção para o ofício do historiador, Butterfield afirma algo banal para os ouvidos contemporâneos, mas de grande valor no cenário, no qual ele estava escrevendo: o historiador escreve de um lugar e um tempo e está limitado por esses, ou seja, a visão sobre a história está condicionada pela questões contemporâneas. A circunscrição social do historiador se torna um fator incontornável no texto e a conclusão adjacente a esse fator é que história precisa ser reescrita continuamente para se adequar às novas demandas que aparecem nos novos presentes que se formam.<sup>256</sup> A conclusão mencionada não é apenas lógica, pois convém se adequar à preocupação central do livro, a valorização do historiador profissional e da pesquisa histórica. O historiador do século XIX não tem primazia sobre o seu conhecimento do mesmo século, ele escreve de um tempo e um lugar. Assim, o historiador sempre tem espaço para escrever novamente sobre narrativas já construídas.

A partir deste ponto, uma nova conjuntura se apresenta, não apenas se torna explícito o mote do livro, mas a forma de alcançá-lo, por meio do aperfeiçoamento do método da pesquisa histórica. Processo suscitado pelo deslocamento do historiador em direção ao centro da produção da narrativa histórica, sendo afastado da posição de um “mero passivo espectador externo”<sup>257</sup> dos eventos do passado. Para o autor, pensar em História significa pensar o historiador. Logo, o pensamento butterfieldiano está na contracorrente do pensamento histórico vigente, que estava, em geral, preocupado somente com o tratamento das fontes. Ao direcionar seu foco

<sup>254</sup> “his lacerating essay on *The Whig Interpretation of History* remains the single most influential treatise of its kind in the Anglophone tradition of metahistorical meditation.” S.J.D GREEN, Herbert Butterfield: Christian historian, Liberal Internationalist and Son of Oxenhope. *Northern History*, vol. 49, n 1, p.135-148

<sup>255</sup> “Whiggism was an optimistic creed” WATSON, G. *Op. Cit.*, p.19.

<sup>256</sup> “It is in this sense that every age will have to write its history over again.” BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.92.

<sup>257</sup> “The historian is something more than the mere passive external spectator.” *Ibid.* p.92

sobre o papel desempenhado pelo historiador, Butterfield afirma que o historiador deve conhecer, antes de tudo, os pressupostos do ofício que exerce. Em outras palavras, o historiador deve estar consciente do que o afeta, seu tempo, sua posição social, suas paixões, entre muitos outros fatores.

Beverley Southgate organiza as ideias expostas nos parágrafos anteriores de maneira precisa:

In other words, there is recognition here that historians are, after all, only people situated in a time and a place. This is why their accounts are inevitably incomplete and in need of subsequent revision; and the supreme virtue for Butterfield becomes,[...], self-awareness<sup>258</sup>

Ademais, Southgate não é o único a pautar a questão da consciência no texto, o comentário sobre a questão se estende pela obra de outros comentadores. C.T McIntire, por exemplo, utiliza esse conceito para apresentar a definição de História contida no texto: “Ele [Butterfield] define estudo histórico como a investigação consciente do passado.”<sup>259</sup> Kenneth McIntyre, por sua vez, afirma que: “Butterfield fez reivindicações sobre a novidade e o significado da criação da consciência histórica.”<sup>260</sup> As citações não demonstram apenas a importância desse tema na obra do intelectual trabalhado, mas seu direcionamento, a consciência é importante, pois ela é a base do exercício do historiador. E de *The Whig Interpretation of History* se dedica a discutir as bases desse exercício, em uma posição de valorização da disciplina histórica, McIntyre afirma:

As a practicing historian, Butterfield was always more interested in questions about the actual practices of the discipline than in larger ones about the character of human consciousness, and the essays are, for the most part, an account of the development of the modern and self-consciously historical discipline of history.<sup>261</sup>

<sup>258</sup> SOUTHGATE, B. “History and Metahistory: Marwick versus White”: *Journal of Contemporary History*, Vol. 31, No. 1, 1996, p.212

<sup>259</sup> “He defines historical study as the ‘conscious’ investigation of the past[...].” MCINTIRE, C. *Op. Cit.*, p.31

<sup>260</sup> “Butterfield made claims concerning the novelty and the significance of the emergence of historical consciousness” MCINTYRE, K. *Op. Cit.*, p.xiii.

<sup>261</sup> MCINTYRE, K. *Op. Cit.*, p.68.

Essa reflexão aqui apresentada, em conjunto com as leituras precedentes, são construídas principalmente a partir de uma citação do livro, sendo esta:

Our assumptions do not matter if we are conscious that they are assumptions, but the most fallacious thing in the world is to organise our historical knowledge upon an assumption without realising what we are doing, and then to make inferences from that organisation and claim that these are the voice of history. It is at this point that we tend to fall into what I have nicknamed the whig fallacy.<sup>262</sup>

O que Butterfield está chamando atenção é a importância da consciência do fazer histórico e a dificuldade de atingir essa consciência sobre o que afeta individualmente a própria produção. Lembra-se nesse momento que o autor se diz preocupado com a “psicologia dos historiadores.”<sup>263</sup> A dificuldade de alcançar a consciência se dá pela sutileza da interpretação whig, estimulando as simpatias do historiador. Paulatinamente, ao ocupar a mente dos historiadores com seus valores, a história whig se transforma na história, ocupando seu lugar. Essa é a base da falácia whig, a busca por uma “voz da história” que parece inata, evidente e inquestionável. Essa “voz da história” se constrói sobre si mesma ao pautar essa narrativa, não apenas construída pelos olhos do presente, mas construída a partir das preferências e paixões de uma pessoa ou grupo político, nacional e ou ideológico. Confundir isto com a “voz da história” é olhar para o passado e selecioná-lo da seguinte forma: “nós podemos descobrir facilmente o que é importante no passado, pela simples razão que, por definição, nós queremos dizer o que é importante ‘para o nosso ponto de vista.’”

<sup>262</sup> BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.23.

<sup>263</sup> *Ibid*, p. vi.

## 2.2

### O encurtamento da história e a perda do processo

*“Magna Charter was therefore the chief cause of Democracy  
in England, and thus a Good Thing for everyone”*  
(W. C. Sellar & R. J. Yeatman)

Em 1930, um ano antes de *The Whig Interpretation of History*, o livro *1066 and All That* era lançado na Inglaterra com grande impacto no público. O texto escrito por dois humoristas projeta uma narrativa satírica da história inglesa, marcada pela simplicidade e crítica do modelo de escrita vigente, por exemplo, o livro abre com a seguinte frase: “Histórias foram escritas anteriormente com o objetivo de exaltar seus autores.”<sup>264</sup> Destarte, os livros se aproximam ao criticar a historiografia celebratória do passado, quando os personagens se tornam heróis e seus contrapontos, vilões.

Michael Bentley traz outro ponto importante de convergência em *1066 and All That* se “proclama que o universo é inglês e Whig.”<sup>265</sup> Dito isso, todo e qualquer evento deve ser visto pela ótica nacionalista e pela ótica do progresso. Nesse esquadro, o que anima a história são as linhas que conectam o passado ao presente. E sobre estas linhas, se constrói o ponto central deste tópico, as conexões lógicas e históricas realizadas pelo método whig são fundamentadas no resumo, na sintetização e na abreviação da complexidade histórica. *1066 and All That* satiriza esse ponto, pois os autores se propõe a fazer a história definitiva, segundo Bentley, eles: “fazem uma síntese para acabar com todas as sínteses”<sup>266</sup> ao declarar que a história suficiente é que o cidadão médio é capaz de se lembrar.

Uma expressão marca a escrita do livro e sumariza os apontamentos anteriores. Ao concluir os eventos do passado, os autores recorrentemente afirmam em letras maiúsculas que tal fato era uma “Good Thing.” Para eles, as conquistas romana e normada foram uma “Coisa Boa”, pois os povos nativos eram bárbaros e

<sup>264</sup> “Histories have previously been written with the object of exalting their authors.” *1066 and All That*

<sup>265</sup> “proclaiming the universe to be English and Whig” BENTLEY, M. *Modernizing England’s Past: English Historiography in the Age of Modernism 1870-1970*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.154.

<sup>266</sup> “an abridgement to end all abridgements.” BENTLEY, M. *The Life and Thought of Herbert Butterfield*. p. 101



representavam o avanço da história. O mesmo pode ser dito das revoluções do século XVII e da formação do parlamento inglês, ambos são “Coisas boas.” O que fundamenta essa seleção é o fato que são elementos reconhecíveis para o presente e, portanto, são sinalizados como expressões do progresso. A complexidade dos percursos históricos é menos apelativa do que uma narrativa coesa, nacional e progressista.

Este prelúdio com a citação de *1066 and All That* se baseia nas conexões que os comentadores de Butterfield fazem de sua obra com o livro satírico. Rosebank, por exemplo, sinaliza que *The Whig Interpretation of History* é a contraparte acadêmica do texto cômico.

Butterfield's *Whig Interpretation of History* (1931) is in some sense the scholarly analogue of *1066 And All That*, puncturing the pretensions of steady Protestant and constitutional progress that had continued to structure many historical accounts through the 1920s, characterising them memorably, if not altogether helpfully, as 'Whig History'. Butterfield's book was, however, largely unread until after 1945. For the British public it was Sellar and Yeatman's that had the wider, more immediate and lasting impact.<sup>267</sup>

Nesse sentido, *1066 and All That* é um preparativo das teses butterfieldianas para o público geral, que só se familiarizou com o livro uma década depois do lançamento. Se a falácia whig, retratada no último tópico, é construída a partir da abordagem teleológica sobre o presente, neste capítulo, a intenção é abordar como o método whig nega uma visão processual da história, em vista de uma conclusão simplista, similar ao que diziam os autores do livro cômico que “that was good thing.” Na introdução, Butterfield traça as linhas dessa questão:

The examination of these raises problems concerning the relations between historical research and what is known as general history; concerning the nature of a historical transition and of what might be called the historical process; and also concerning the limits of history as a study, and particularly the attempt of the whig writers to gain from it a finality that it cannot give.<sup>268</sup>

<sup>267</sup> ROSEBANK, J.G.N. “Clark and the Oxford School of Modern History, 1919–1922: Hidden Origins of *1066 And All That*”. *English Historical Review* Vol. CXXXV No. 572

<sup>268</sup> BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.v-vi.

A *general history* ou o senso comum da história, não pensa o processo histórico por meio de um abordagem nexos-causal, explorando as causalidades múltiplas que tecem as relações dos eventos diacrônicos. Nesse cenário, a construção histórica se desenvolve de maneira retroativa, um elemento do presente é resgatado por meio de um fator precedente. Em termos mais claros, a partir do presente se procura uma causa única e explicativa no passado que a partir dessa perspectiva compreende uma necessidade no curso da história. É por esse motivo que a interpretação whig não se limita aos Whigs e aos protestantes, pois é propriamente uma forma histórica:

M. Butterfield démontre que la conception Whig de l'histoire s'est infiltrée ailleurs que dans les milieux protestants. Tous les historiens qui se donnent le rôle de juges et de prophètes succombent aux mirages de l'école Whig.<sup>269</sup>

Essa interpretação parte do princípio que só pode ocorrer uma consequência para um elemento e que não haveria outra alternativa de construção da sociedade, o presente seria a forma última de um passado, no qual o presente já estava arquitetado. Logo, o historiador deve traçar linhas temporais de explicação que localizam o presente imbricado no passado, essas linhas podem ser construídas por exemplo, da liberdade inglesa contemporânea que remonta às Revoluções e ao surgimento do protestantismo. Além de enxergar a história de uma forma maniqueísta, o whig compreende uma história que não tem processo, que é evidente em si mesma. A falácia whig rompe com o processo e emplaca um modelo teleológico, onde há um fio condutor para a história, a busca pelas origens:

Very strange bridges are used to make the passage from one state of things to another; we may lose sight of them in our surveys of general history, but their discovery is the glory of historical research. History is not the study of origins; rather it is the analysis of all the mediations by which the past was turned into our present.<sup>270</sup>

O papel do historiador, para Butterfield, é mediar o passado e o presente para a sociedade. Esse é o trabalho do historiador, pois ele é o indivíduo mais

<sup>269</sup> BRUNET, M. Compte rendu de BUTTERFIELD, Herbert, The Whig Interpretation of History. Revue d'histoire de l'Amérique française, 1952, vol 6, n° 2, p. 292.

<sup>270</sup> BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.46-47.

habituação a “habitar” o passado e a compreender seus costumes. Sendo, então, apto a poder traduzir o passado para o presente. Essas mediações temporais não existem no método whig, pois a busca pela origem obriga o passado a se moldar no presente, formando uma conexão direta e forçosa entre os dois tempos. Na história whig, não há passado para além do que se busca. A questão que o historiador se propõe a responder guia o que ele vai encontrar e, igualmente, guia o que é feito com o material encontrado, o que não responde às questões feitas não é incluído na narrativa histórica. O método whig “o permite de decidir de forma irrevogável e a priori, antes que a pesquisa histórica tenha algo a dizer”<sup>271</sup> Em suma, apenas o que interessa deve ser discutido e o que contradiz o discurso homogêneo sobre o passado deve ser excluído.

Desse modo, o que Butterfield chama de falácia whig cria uma narrativa histórica coesa e completa em si mesma. O historiador usa um “atalho” pela complexidade para atingir uma resposta satisfatória.

The fallacy of the whig historian lies in the way in which he takes his short cut through this complexity. The difficulty of the general historian is that he has to abridge and that he must do it without altering the meaning and the peculiar message of history. The danger in any survey of the past is lest we argue in a circle and impute lessons to history which history has never taught and historical research has never discovered — lessons which are really inferences from the particular organisation that we have given to our knowledge.<sup>272</sup>

Contudo, como é possível transformar a história, inesgotavelmente complexa, em um produto definido e inequívoco? Ao custo da própria história. O processo histórico é encurtado, em prol de uma super simplificação do passado, vindo de uma simplificação do presente, do discurso hegemônico. Afinal, para Butterfield a história é “nada menos que o todo do passado, com sua complexidade de movimentos, suas questões entrelaçadas, e suas interações intrincadas, às quais produziram o todo complexo presente.”<sup>273</sup> Então só seria possível enxergar simplicidade no passado fazendo o mesmo com o presente.

<sup>271</sup> “It will enable him to decide irrevocably and in advance, before historical research has said anything” Ibid., p. 22

<sup>272</sup> Ibid., p.22

<sup>273</sup> “It is nothing less than the whole of the past, with its complexity of movement, its entanglement of issues, and its intricate interactions, which produced the whole of the complex present.” Ibid., p.19

A resposta da pesquisa histórica, contra os “atalhos” da *general history* é a valorização da própria história, enxergada “pelo microscópio”<sup>274</sup> a fim de visualizar suas complexidades e incongruências. Para incluir e explorar essas dissonâncias encontradas no passado, é imperioso contextualizá-las, ao colocar os fenômenos históricos nos seus devidos lugares, eles começam a ter sentidos próprios, não referencias do presente.

that it is impossible to point to any one thing in the sixteenth century as the cause of any one thing in the twentieth, [...], To understand that action is to recover the thousand threads that connect it with other things, to establish it in a system of relations; in other words to place it in its historical context.<sup>275</sup>

A abordagem contextualista surge como o contraponto de uma visão histórica, na qual, o passado tem pouca influência. Aqui, ressurge um conceito chave, o progresso. A ideologia do progresso é parte integrante da história whig e o elemento articulador entre passado e presente. O progresso está interessado em compreender a origem do mundo moderno, onde enxerga no passado “filhos da luz”, que contribuíram para sua formação, e “filhos das trevas”, que são, via de regra, o grupo derrotado, do qual o presente não tem simpatia.

O que Butterfield demonstra, neste ponto, é que o progresso como chave interpretativa acarreta uma linha única de construção de evolução civilizatória, onde não há descontinuidades de grupos políticos, embates entre ideias e conciliação de rivais, existe apenas um restrito fio condutor sobre os acontecimentos. Quando, na visão do autor, o processo histórico apresenta o verdadeiro embate de forças através do tempo, a disputa política e social entre grupos distintos. A crítica contra os whigs se pauta em apresentar a voz dos dissonantes, não apenas dos ganhadores e resgatar a disputa entre diferentes interlocutores. Assim sendo, a pesquisa histórica deve se abster da filosofia do progresso e focar o desenvolvimento processual da história, não seu resultado aparente. Butterfield aponta para questão da seguinte forma:

We may believe in some doctrine of evolution or some idea of progress and we may use this in our interpretation of the history of centuries; but what our history contributes is not evolution but rather the realisation of how crooked and perverse the ways of

<sup>274</sup> Ibid, p.21.

<sup>275</sup> Ibid, p.19-20.

progress are, with what wilfulness and waste it twists and turns, and takes anything but the straight track to its goal<sup>276</sup>

Atenta-se ao leitor nesse momento que Butterfield usa a primeira pessoa do plural nós, em inglês, *we*. O que gera a questão: por que o autor se inclui nos historiadores que aplicam a interpretação whig, se ele está criticando-a? Ele o faz de forma retórica, para aproximar-se das questões trabalhadas e reforçar a ideia de que a história whig é tentadora por ser mais simplista e por aceitar conclusões satisfatórias para a sociedade. Ao se colocar no centro da questão, Butterfield reforça a ideia de que o livro trata de questões que aparecem no processo de pesquisa histórica. Ainda que não seja um receituário metodológico, o livro traz questões a serem resolvidas para o que o autor chama de “aspecto da psicologia dos historiadores.”<sup>277</sup>

Há, então, a sinalização de um constante esforço mental que o historiador perpassa ao fazer uma pesquisa histórica de não optar pelos caminhos mais simples, pela falácia whig. Ao se colocar nessa posição de pesquisador, o próprio autor enfatiza o quanto atento é preciso estar para as falácias criadas, para não ser submetido a elas: “A verdade é que existe uma tendência para toda história se direcionar para uma história whig, [...], Tem um ímã sempre puxando nossas mente, ao menos, que nós encontremos uma maneira de contra-atacar.”<sup>278</sup>

De fato, a história whig é tentadora, tanto para o historiador, visto sua simplicidade em relacionar os fatos, quanto para o leitor, dado a explicação concisa que provê. Butterfield afirma que: “Não é fácil resistir a tentação de personificar e idealizar a história.”<sup>279</sup> Pois é mais apelativo registrar um único personagem ou herói como o motor de mudança histórica, por exemplo, apontar Lutero como o “pai da liberdade” e designá-lo como ponto central da história é atraente. Ainda que o próprio Lutero tenha que ser encaixado no que o presente fez dele para ser considerado o “pai da liberdade”. O processo histórico se torna simples, ou melhor, simplificado.

---

<sup>276</sup> Ibid, p.23.

<sup>277</sup> Ibid, p.vi.

<sup>278</sup> “The truth is that there is a tendency for all history to veer over into whig history, and this is not sufficiently explained if we merely ascribe it to the prevalence and persistence of a traditional interpretation. There is a magnet for ever pulling at our minds, unless we have found the way to counteract it; and it may be said that if we are merely honest, if we are not also carefully self-critical, we tend easily to be deflected by a first fundamental fallacy” Ibid., p. 6-7.

<sup>279</sup> “It is not easy to resist the temptation to personify and idealise history” Ibid., p.114.

The whig historian is interested in discovering agency in history, even where in this way he must avow it only implicit. It is characteristic of his method that he should be interested in the agency rather than in the process. And this is how he achieves his simplification.<sup>280</sup>

Para tanto, é criado um grande esquema histórico que abrange séculos, provindo de um único ponto focal, o presente. A história se torna manifesta em um grupo seletivo de pessoas que carregam a herança, seja essa da liberdade, do constitucionalismo, ou da ciência, até o presente momento. Assim, as mudanças são canalizadas em um grupo de eleitos, que protagonizam toda e qualquer ação. Uma causa única se impõe em todo curso da história.

When the large map of the centuries is being traced out and the mind sweeps over broad ranges of abridged history, the whig fallacies become our particular snare, for they might have been invented to facilitate generalisation. The complexity of interactions can be telescoped till a movement comes to appear as a simple progression. It is all the more easy to impute historical change to some palpable and direct agency.<sup>281</sup>

Não apenas as táticas da história whig são mapeadas, pelo autor, como é criado um chamado contra esse tipo de interpretação. O historiador profissional deve-se juntar e valorizar a pesquisa histórica. Além disso, Butterfield critica a construção de um mundo único, no qual o presente dita os valores morais que são vistos como universais e necessários para toda e qualquer sociedade. Ao querer analisar uma pessoa do século XVI com os valores contemporâneos, o historiador não mostra nada além do seu preconceito e de seu desprendimento com os valores históricos. Brunet chama atenção para esse ponto:

M. Butterfield nous demande de nous méfier des jugements simplistes et des formules à l'emporte-pièce de tant d'historiens qui, comme les Whigs et leurs disciples, cherchent dans l'histoire la légitimation de leurs préjugés et de ceux de leurs contemporains, l'explication unique d'un monde divers, la phrase oracle qui confond les adversaires et auréole les élus.<sup>282</sup>

---

<sup>280</sup> Ibid., p.49-50.

<sup>281</sup> Ibid., p.50

<sup>282</sup> BRUNET, M. *Op. Cit.*, p. 292

Os “eleitos” que se veem com portadores de uma tradição centenária de luzes, enquanto, outros advogam pelas trevas. Esses representam o mundo de forma polarizada, laureando um grupo e inserindo no panteão da história, enquanto, outro grupo é expurgado de ter seu lugar nos eventos, de ser participante na escrita da História. No final, a História acadêmica se torna unificada e governada pelo grupo dominante, pautada pelos seus interesses. O historiador deve combater essa tentativa de emplacar uma visão unidimensional, caso não o faça: “nós devemos estar prontos para ver a verdade da história descer por água abaixo em direção à banalidade.”<sup>283</sup>

---

<sup>283</sup> “we must be prepared to watch the truth of history water down into a banality” BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.* p.55.

### 3.3

#### O encontro histórico com o outro

*“In doing this he is bound to lead us to something which we never could have inferred. And this is his justification; it is the romance of historical research”*

(Herbert Butterfield)

A interpretação whig forma um percurso histórico inequívoco que guia o desenrolar dos acontecimentos através dos séculos e acarreta em uma questão incontornável, que será central para todo debate historiográfico do século XX, o anacronismo. Este problema, nas palavras de Butterfield, é o “mais simples” dos “pecados” históricos, pois o passado deixa de ser autônomo em relação ao presente. O problema citado claramente não é uma novidade conceitual, mas é tratado de uma forma peculiar no pensamento butterfieldiano, aqui, o anacronismo não é um problema lógico ou conceitual, é uma questão psicológica dos historiadores. Marshall Poe afirma que na obra do autor “o anacronismo era atraente porque oferecia aos historiadores soluções aparentemente simples para problemas complexos colocados pela investigação histórica.”<sup>284</sup>

Retoma-se a ideia do atalho pela pesquisa e da simplificação da complexidade histórica. O anacronismo é o que possibilita a tradução da história para o contemporâneo, deve-se perguntar: como seria possível, de outra forma, explicar o passado? Embora, seja reconhecido que esse é inevitável, dado que sempre vai ser necessário pelo intermédio do passado, em sua tradução para o presente. O anacronismo presente na história whig, todavia, é conceitualmente distinto, pois sua aplicação permite, não a aproximação dos dois tempos, mas a subordinação do passado pelo presente. Na tarefa indispensável de resumir o passado para transmiti-lo, o anacronismo faz com que se altere os significados e constrói uma síntese incompatível com o próprio passado. Os fenômenos históricos devem perder sua própria identidade para serem mais facilmente compreendidos pelos contemporâneos. Em termos práticos para o historiador, isso reduz o tempo de uma pesquisa e a quantidade de linhas para explicar a mesma questão, ou seja,

<sup>284</sup> POE, M. Butterfield's Sociology of Whig History: A Contribution to the Study of Anachronism in Modern Historical Thought. *Clio. A Journal of Literature, History and the Philosophy of History*, vol.25 n.4, 1996, p.347



simplifica o trabalho de pesquisa histórica. E por esses motivos se torna tão sedutor a aplicação do método whig na narrativa sobre o passado.

Como de costume, Butterfield não classifica o que separa um anacronismo próprio dos estudos históricos e o que seria um anacronismo ahistórico. Na visão de Poe “como tantas outras concepções de Butterfield, essa proposição necessita de mais desenvolvimento.”<sup>285</sup> De todo modo, algo se torna claro na crítica feita, pois ao mesmo tempo em que o trabalho do historiador é simplificado, ele é igualmente descaracterizado. Esse parece ser a trilha de pensamento a ser seguida, se o anacronismo é ahistórico, se ele corrompe os significados originários, ao invés de mediar passado e presente, esse deve pertencer ao método whig, não à pesquisa histórica profissional.

A descaracterização é entendida, sobretudo, a partir da ideia já advogada, em *The Historical Novel*, e esse é o momento em que as duas obras se aproximam, de que o estudo histórico preconiza em um estudo de alteridade. Butterfield afirma: “nós estamos negligenciando a primeira condição da pesquisa histórica, que é reconhecer o quanto as outras eras são diferentes da nossa.”<sup>286</sup> A centralidade do historiador e de sua subjetividade na pesquisa histórica demanda que ele esteja preparado para encontrar no passado algo que seja diferente do seus valores. E o que está no passado deve ser valorizado pelo seu conteúdo histórico, não pela sua importância para a sociedade contemporânea. Em suma, esse é o predicado de Butterfield para a base do estudo histórico, o passado deve ser entendido e valorizado em si mesmo, sobre suas próprias características e peculiaridades.

Então, o autor separa o que é um entendimento histórico verdadeiro e o que somente aparenta ser. E se soma um elemento importante para a compreensão histórica, isto é, a relatividade da moral:

On this view he comes to his labours conscious of the fact that he is trying to understand the past for the sake of the past, and though it is true that he can never entirely abstract himself from his own age, it is nonetheless certain that this consciousness of his purpose is a very different one from that of the whig historian, who tells himself that he is studying the past for the sake of the present. Real historical understanding is not achieved by the subordination of the past to the present, but rather by our making

<sup>285</sup> “as with so many of Butterfield’s insights, the proposition is in need of further development.” Ibid., p. 345.

<sup>286</sup> “we are overlooking the first condition of historical enquiry, which is to recognise how much other ages differed from our own.” BUTTERFIELD, H. *Op. Cit.*, p.36.

the past our present and attempting to see life with the eyes of another century than our own, [...], it is only reached by fully accepting the fact that their generation was as valid as our generation, their issues as momentous as our issues and their day as full and as vital to them as our day is to us.<sup>287</sup>

Esse tópico é de extrema importância, embora pareça senso comum a afirmação do historiador inglês, na realidade, ela afronta toda uma tradição historiográfica. Na visão de muitos historiadores, na primeira metade do século XX, a História tinha o dever de vingar o passado, de emitir um juízo corretivo das ações, separar os certos e os errados. O historiador teria como prerrogativa se colocar em uma posição de suspensão temporal e julgar as ações de todos os humanos, a despeito das circunstâncias temporais e sociais. Sendo assim, os “outros”, os bárbaros devem ser julgados pela sua barbaridade, enquanto, os ascendentes que fazem parte do “nós” devem ser glorificados pela sua honra. A história whig coloca a história como refém do presente:

He [whig historian] can say that events take on their due proportions when observed through the lapse of time. He can say that events must be judged by their ultimate issues, which, since we can trace them no farther, we must at least follow down to the present. He can say that it is only in relation to the 20th century that one happening or another in the past has relevance or significance for us. He can use all the arguments that are so handy to men when discussion is dragged into the market place and philosophy is dethroned by common sense<sup>288</sup>

Para Butterfield, aqui encontra-se a maior consequência da história whig, ela não ensina nem contribui em nada para a sociedade, apenas apresenta um discurso reconfortante para a mesma. Se o lugar do conhecimento do historiador é prover a descrição da História para que outros possam usufruir dela, a história whig entrega um produto pronto e esquemático. O papel do historiador “não é nem de juiz, nem de júri; ele está na posição da pessoa que é chamada para dar evidências.”<sup>289</sup> Logo, a contribuição para o conhecimento não existe, ela é uma narrativa de reafirmação do que a sociedade entende por si própria. O aspecto mais pernicioso deste típico de construção historiográfica é a circularidade das

<sup>287</sup> Ibid., p.16-17.

<sup>288</sup> Ibid., p. 13-14.

<sup>289</sup> “He is neither judge nor jury; he is in the position of a man called upon to give evidence” Ibid., p.130,

descobertas, como o passado só é interessante, em função da sua presença no contemporâneo, ao estudar o passado, o que se busca é o contemporâneo. O passado é um mero objeto de auto identificação do presente.

If we look for things in the course of history only because we have found them already in the world of to-day, if we seize upon those things in the 16th century which are most analogous to what we know in the 20th, the upshot of all our history is only to send us back finally to the place where we began, and to ratify whatever conceptions we originally had in regard to our own times. It makes all the difference in the world whether we already assume the present at the beginning of our study of history and keep it as a basis of reference, or whether we wait and suspend our judgement until we discover it at the end.<sup>290</sup>

Deste modo, o historiador whig esquece que o presente não está descolado do processo histórico, que a posição de observador é privilegiada, mas também, é condicionada pela própria sociedade. Butterfield enxerga a necessidade de lembrar que o historiador é tão condicionado pelo seu tempo, quanto as pessoas estudadas no passado. Por isso, o autor advoga pelo exercício de consciência constante por parte historiador, apenas ciente própria temporalidade é que se pode enxergar a relatividade das ações humanas:

If we turn our present into an absolute to which all other generations are merely relative, we are in any case losing the truer vision of ourselves which history is able to give; we fail to realise those things in which we too are merely relative, and we lose a chance of discovering where, in the stream of the centuries, we ourselves, and our ideas and prejudices, stand. In other words we fail to see how we ourselves are, in our turn, not quite autonomous or unconditioned, but a part of the great historical process; not pioneers merely, but also passengers in the movement of things.<sup>291</sup>

O que se observa é que o autor está, verdadeiramente, defendendo um projeto histórico humanista, centrado na valorização do lado humano, promovendo o estudo das personalidades, das emoções, em suma, da experiência social de se viver em determinada época. Para Butterfield, o historiador deve aceitar o desafio de tentar compreender a história em sua complexidade. E entender essa

---

<sup>290</sup> Ibid., p.62-63

<sup>291</sup> Ibid., p.63

complexidade pressupõe estar ciente da posição na qual se observa os fatos. O historiador não está em um lugar de privilégio, ele é igualmente como as pessoas que estuda, um “passageiro no movimentos das coisas”. Perder isso de vista significa perder algo que não posso ser encontrado de outra forma, seja por meio de abstrações, seja por meio da empiria.

O foco que é colocado por Butterfield se dá no concreto da experiência humana, em suas particularidades e multiplicidades, que perpassa olhar a possibilidade de uma humanidade diferente percebida pelo processo histórico. O historiador não deve ocupar o lugar do “vingador”, do “juiz”, em um espaço temporal privilegiado, ele está imerso na história, tanto quanto os fenômenos que ele estuda. Sendo assim, perder de vista que estudar história significa estudar as potencialidades do humano, em especial, ao se deparar com os caminhos não tomados, mas que são possíveis e reveladores. E que ao se observar as paixões e as ideias das pessoas, antes de observar o evento, demonstra uma valorização do que há de humano na história. De outro modo, ao enxergar no passado o próprio reflexo do que se é, não se encontra nada além de uma afirmação do próprio ego. Logo, essa sociedade é incapaz de olhar de forma crítica e, por conseguinte, qualquer forma de discurso que se afaste desse olhar positivo para o passado é rechaçada. Sendo assim, Butterfield define o ofício do historiador da seguinte maneira:

When he describes the past the historian has to recapture the richness of the moments, the humanity of the men, the setting of external circumstances, and the implications of events; and far from sweeping them away, he piles up the concrete, the particular, the personal; for he studies the changes of things which change and not the permanence of the mountains and the stars.<sup>292</sup>

A preocupação central para o historiador de Cambridge é que a pesquisa histórica não perca de vista o particular na formulação de grandes esquemas explicativos. Não interessa, aqui, a busca pelas origens, por exemplo, do liberalismo político, mas as paixões que moveram as pessoas que o formaram, com suas ideias e atitudes. O alerta sinalizado pelo manifesto não é apenas contra a história whig, mas contra o movimento de distanciamento da História acadêmica em relação à experiência humana inserida na história. Na visão do autor, algo se perde ao tentar

---

<sup>292</sup> Ibid., p.69.

traduzir a vida de pessoas em um instrumento serial de análise, dito de outra forma, um gráfico é ilustrativo de uma época histórica, mas este não apresenta os dilemas em que viver nesse tempo apresentava. Logo, esse tipo de análise não pode ser a razão de ser da explicação histórica, apenas acessório na busca por compreender uma época distinta.

Afinal, a função do historiador é ser o mediador entre o passado e o presente, ser a conexão entre dois mundos distintos que necessitam se conhecer para “ampliar o conhecimento humano”. Cabe ao historiador, ciente de seu ofício, de suas potencialidades e limitações ser capaz de “amarrar o mundo em um só”<sup>293</sup>

---

<sup>293</sup> Ibid., p.130.

#### 4. Considerações Finais

*“No field of thought can be properly laid out by men who are  
merely measuring with a ruler”*  
(Herbert Butterfield)

Neste trabalho, centrado na História da Historiografia, e pautado pelo objetivo de realizar a apresentação e o resgate de um debate intelectual longínquo, temporal, linguística e conceitualmente do cenário contemporâneo brasileiro, assume-se a tarefa de compreender o pensamento de Herbert Butterfield, em especial, o seu processo formativo enquanto intelectual e historiador, e seu texto seminal, *The Whig Interpretation of History*, escrito em 1931. O procedimento de escrita da dissertação lançou mão de uma abordagem conjunta e relacional de elementos textuais e extra-textuais, almejando, por um lado, um panorama abrangente do pensamento butterfieldiano e, por outro, sua relevância para o debate historiográfico anglófono. Através dos capítulos, é possível compreender como as leituras sobre a obra do historiador de Cambridge foram formadas ao longo do tempo. Assim como o status contemporâneo de seu legado intelectual a partir de uma recente leva de trabalhos e biografias.

O primeiro passo para realizar essa empreitada foi produzir um capítulo sobre o percurso intelectual, acadêmico e biográfico do autor. A intenção da confecção do capítulo “Herbert Butterfield e a trajetória de um intelectual dissidente” é centrada, sobretudo, na demanda por informações basilares para a inserção do autor trabalhado dentro de seu contexto de produção. Historicizar o pensamento do autor permite pensá-lo em seu próprio contexto, segundo as referências de seu próprio tempo. E, acima de tudo, como o autor se comportava em resposta às condições apresentadas.

Nestas respostas ao mundo em que vivia, em meio aos desafios trazidos pelo século XX, estão os motivos da alcunha de dissidente. Butterfield construiu uma carreira heterodoxa que no contexto é um desafio, afinal o paternalista ambiente universitário não era espaço apropriado para o filho de um trabalhador de moinho. Embora a ascensão social do autor ajude a ilustrar um cenário, esse não é, entretanto, o objeto de análise aqui estudado. O ponto central é o descontentamento

com os métodos e os pressupostos da História positivista, um projeto histórico que, na visão do autor, retirava o lado humano da história.

Foi na contramão deste projeto histórico focado, exclusivamente, no estudo das fontes e no confronto entre verdadeiro e falso, que Butterfield escreveu *The Historical Novel*, em 1924. Neste texto de juventude, são apresentadas as linhas de pensamento do autor, não como um prenúncio da obra posterior, mas pelo caráter crítico ao *status quo* historiográfico. Na referida obra, é sinalizado o desejo de lidar com questões concernentes à História. Nesse primeiro momento, o encontro da História com o romance histórico sinaliza o surgimento de uma história centrada na imaginação do historiador.

Para Butterfield, ao emular os métodos e as faculdades mentais utilizadas pelo romancista, o historiador ganha em proximidade com o passado, pois se torna dever do historiador reviver o passado, por meio de “excursões imaginativas”<sup>294</sup> em sua mente. O que se observa, de fato, é a defesa de um novo tipo de disciplina histórica que valoriza o lado humano e experiencial da vivência no tempo, em contraponto ao processamento do processo histórico em abstrações, isto é, números, termos e conclusões que não são próprios da experiência da vivência em determinado passado.

O segundo capítulo, nomeado “As multiplicidades da crítica whig: origem, conceito e desdobramentos”, direciona o trabalho diretamente a *The Whig Interpretation of History*, de 1931, ao trazer à luz o caráter polissêmico do termo cunhado pelo autor. Como mencionado, a ideia de uma “interpretação” ou “história whig” não era evidente dentro do contexto lexical no qual Butterfield estava inserido. Pelo contrário, o termo gerou confusão sobre a intenção e o significado do texto. A primeira associação se relaciona, antes de tudo, ao tradicional partido *Whig*. Para muitos leitores, o autor ao criticar a interpretação whig deveria, necessariamente, ser um membro do partido *Tory*. Esse desencontro, entre outros, pautou a recepção inicial do texto, de pouco impacto na década de 1930. Apenas com o afastamento temporal de uma reedição, após mais de uma década, foi possibilitada a inserção do livro no debate historiográfico de forma ampla.

Acompanhado dessa afirmação, o capítulo ilustra o cenário de crise e esgotamento intelectual vividos, na Inglaterra, do período entreguerras. A

---

<sup>294</sup> BUTTERFIELD, H. *Historical Novel*..p.61

instabilidade econômica e política confrontava a experiência do autor, nascido em 1900. O país, como um todo, enxergava a necessidade de reforma, de um exercício de renovação das tradições inglesas, ameaçadas pela modernidade, o início do colapso do Império Britânico e o domínio estadunidense. Neste entremeio, surge TWIH, como um ensaio sobre a reflexão histórica no país. O livro aponta para uma desconexão entre o passado e o presente, um desvencilhamento da ligação afetiva entre os dois tempos. Nesse sentido, a crítica à interpretação whig da história é um protesto pautado na relação da sociedade inglesa com seu passado, regimentada pelo presentismo, não pelo rigor do exercício histórico.

Além desse ponto, o segundo capítulo promove um exercício arqueológico de estudo das origens do termo whig, no texto de Butterfield. Explorando a pergunta sobre como o autor faz uma inovação linguística de Whig, relacionado ao partido, para whig como um conceito historiográfico de denúncia as narrativas laudatórias e apologéticas do passado. Para tanto, 4 tópicos são levantados e discutidos, a fim de pautar possíveis conexões entre Butterfield e o autores canônicos da historiografia inglesa do século XIX. Entre Thomas Macaulay, Thomas Carlyle, Lord Acton e outros nomes são discutidas respostas, mesmo que uma resposta definitiva nunca possa ser alcançada. Pois, como afirma Michael Bentley, talvez o próprio autor não tivesse totalmente consciente de suas escolhas.

O terceiro capítulo, por fim, aborda a apresentação argumentativa e conceitual do livro trabalhado, centralizando-se nos aspectos conceituais do texto. Ao longo, dos três tópicos, são apresentados três temas centrais do livro e fundamentais para a compreensão das ideias expostas em *The Whig Interpretation of History*. As temáticas tratadas não desvelam somente a crítica à interpretação whig, mas a formação de apontamentos teóricos e metodológicos para o avanço da disciplina histórica. Sem desconsiderar os avanços realizados anteriormente em termos de pesquisa empírica, Butterfield discute quais são os limites da excessiva preocupação com o lado empírico, refletido no esquecimento do caráter humano e formativo. Ao reforçar a necessidade de que o historiador precisa, antes de tudo, conhecer a História, o intelectual de Cambridge se filia a um grupo minoritário de historiadores que estavam preocupados com os fundamentos históricos.

No centro da obra estudada, a tendência às visões simplistas e redutoras da história são marcadas como o registro do fazer histórico whig. A redução, para Butterfield, é diametralmente oposta ao elemento principal da história, a



complexidade. A História profissional recorre ao processo de *abridgment*, de encurtamento dos fenômenos históricos, em prol da coerência. De fato, o único modo de alcançar a coerência almejada pela história whig é espantar as dissonâncias e as incongruências. A história, portanto, é dividida “entre os amigos e inimigos do progresso” e cabe ao historiador o papel de juiz e vingador dos fatos do passado, em uma narrativa em que o passado é preterido pelo presente. Na passagem da história, em seu todo irrecuperável e inalcançável, para a História, abstraída e racionalizada, perde-se a alteridade histórica, o encontro com o diferente, dado que o passado é um reflexo das angústias presentistas. A última consequência deste método whig é que o passado não é mais o passado, ele não tem valor na sua própria reflexão, apenas no uso contemporâneo.

O término desta dissertação, contudo, não coincide com o fim da pesquisa. Esta implica, ainda, na solução de algumas questões importantes, em especial, um assunto ainda não esclarecido pelos comentadores da obra: o *das Herbert Butterfield Problem*. A questão explora a relação entre dois livros tidos como antagônicos e contraditórios no pensamento do autor, sendo estes, *The Whig Interpretation of History* (1931) e *The Englishman and his History* (1944).

A razão para isso é que *Whig Interpretation* traz, em termos rudimentares, uma visão crítica do uso da história por parte de certos grupos para validar as suas identidades no presente. No que concerne à teoria da história, o problema central é que o passado estaria, portanto, sendo subjugado pelo presente, de forma que o passado seria um mero reflexo do presente. Em contraponto, em *Englisman*, Butterfield enaltece o uso político do passado para a formação da identidade nacional, dentro de um contexto em que a Inglaterra é a principal resistência contra a Alemanha. E essa resistência, na visão do historiador, se dá pelo respeito à tradição, enquanto, sociedades afeitas à revolução, como a França, não teriam tido força para resistir aos ataques. Logo, em 1944, o historiador inglês, está endossando uma postura em que o presente deve ser o foco da análise histórica. Pois, o que importa é o uso da História na construção social.

Essa questão foi formalizada por John Pocock, célebre orientando de Butterfield, no livro *Virtue, Commerce and History* (1985), da seguinte forma: como seria possível “o progressismo” criticado no primeiro livro prover do mesmo

autor que admira o “antiquarismo” do segundo livro?<sup>295</sup> Na expressão criada, não sem propósito em língua alemã, se faz referência ao *das Adam Smith Problem*. A questão inaugurada pelos historiadores alemães, nos séculos XVIII e XIX, para registrar a dificuldade exposta por estes historiadores de entender como o mesmo autor poderia ter escrito livros tão distintos quanto *Teoria dos Sentimentos Morais*, em 1759, e *A Riqueza das Nações*, em 1776. Pode-se perceber, então, como esse problema não é exclusivo de Butterfield, Adam Smith, ou qualquer outro autor, mas uma tópica corrente na história das ideias.

Não obstante, Quentin Skinner já endereça este problema em *Meaning and Understanding in the History of Ideas*. Ao advertir o leitor sobre as mitologias que rondam a história das ideias. E por mitologia, Skinner quer dizer, quando um historiador permite que sua expectativa sobre dado autor influencie a leitura de sua obra. E entre as mitologias descritas, a que importa para este problema é a “mitologia da coerência”. Caracterizada pela perspectiva onde um aspecto da obra de determinado autor é tida como uma doutrina a ser encontrada em toda sua obra, buscando uma coerência no pensamento do autor. O trabalho do historiador seria encontrar a sistematicidade dessa coerência nas leituras “A ambição é sempre ‘chegar’ em uma ‘interpretação unificada’ para ‘obter’ uma ‘visão coerente do sistema de um autor.’”<sup>296</sup>

A partir da leitura skinneriana, percebe-se que o *das Herbert Butterfield Problem* não é um problema em si, afinal, o pensador pode se contradizer ou simplesmente mudar de opinião. O que interessa é compreender o que levou o historiador de Oxenhope a assumir uma posição diametralmente oposta da expressa anteriormente.

De imediato, é preciso pensar que entre os treze anos que separam a publicação desses dois livros ocorre a eclosão da Segunda Guerra Mundial, elemento central da análise. Visto que o livro começa discutindo como as lideranças do governo inglês manejaram o discurso histórico frente à população.

In the crisis of 1940 our leaders continually reminded us of those resources in the past which can be drawn upon to fortify a nation at war. While plunging into a sea of changes, novelties and

<sup>295</sup> POCOCK, J. *Virtue, commerce and History: Essays on Political Thought and History, Chiefly in the Eighteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p.304-305.

<sup>296</sup> “the ambition is always to ‘arrive’ at a ‘unified interpretation’ to ‘gain’ a ‘coherent view of an author’s system” SKINNER, Q. “Meaning and Understanding in the History of Ideas”. *History and Theory*, v8, n1, 1969, p.17.

inventions, England resumed contact with her traditions and threw out ropes to the preceding generations, as though in time of danger it was a good thing not to lose touch with the rest of the convoy.<sup>297</sup>

Nesse sentido, interessa pensar Butterfield como um intelectual entre dois tempos. Não pelo impacto psicológico da Segunda Guerra no autor, mas como a guerra rearranjou seu entendimento histórico. Como o próprio autor conclui, o “cataclisma” resultante da guerra promove deslocamentos sobre o que pensamos em tempos de paz.

At a time when bold enterprises are called for, when vast changes must come if only to rectify the dislocations produced by war, when cataclysm, itself (since it is upon us) must be taken as an opportunity for great designs which in peaceful days might have been less practicable, it is not beside the point to reflect on traditions which have survived the great transformations of modern times, and on that continuity of history which we have been careful to maintain even through storms and overthrows.<sup>298</sup>

A questão exposta tem uma resolução admitida por Michael Bentley e Keith Sewell, principais referências sobre Butterfield, dado a descoberta que, em grande parte, *The Englishman and his History* não foi escrito durante a guerra. O livro consistiria em uma reorganização e reescritura de uma palestra proferida na Alemanha, em 1938. Essa visão sugere que, em realidade, não há qualquer impacto da Segunda Guerra Mundial no pensamento do autor, no tocante ao livro mencionado. E que, portanto, o livro ter sido publicado em 1944 seria irrelevante para o seu entendimento e para a compreensão da intelectualidade butterfieldiana.

A conclusão citada, para este autor, é precipitada e simplista, tendo em conta que o livro é diferente do material anterior. Ainda que as linhas gerais sobre a substância de análise historiográfica proposta por Butterfield tenham sido mantidas, os enxertos aplicados ao original apontam para uma leitura distinta. É necessário ter em mente que o livro, como produto final, é um fenômeno separado do texto escrito. A introdução e conclusão escritas, entre outras mudanças textuais não são conhecidas, que localizam o livro no cenário da Segunda Guerra alteram os sentidos de todo resto do texto. Bentley e Sewell preterem a construção de uma abordagem

<sup>297</sup> BUTTERFIELD, H. *The Englishman and His History*. London: Cambridge University Press, 1944, p.v.

<sup>298</sup> *Ibid*, p.137.

alastrada no estudo das temporalidades, em favor de uma visão restritamente documental.

Resta, portanto, nos estudos sobre Butterfield uma compreensão mais profunda sobre o *das Herbert Butterfieldproblem*, inaugurado em 1985, que utilize um aparato conceitual atento ao estudo das temporalidades. Nesse sentido, os trabalhos de Reinhart Koselleck e François Hartog são de grande valia para o apontamento de uma futura pesquisa que se dedique a “temporalidade dos conceitos”, em especial, a interpretação *whig*.

Afinal, a centralidade da reflexão butterfieldiana se concentra nas relações entre a produção da história e os seus fundamentos, seu pormenores centralizados na figura do historiador. Ao clamar a História para um lugar da reflexão sobre e a partir de sua prática, promovendo um afastamento das teorias apriorísticas e generalizantes, Butterfield advoga por uma História que seja, antes de tudo, focada em si mesma. Segundo ele, a História é um campo de estudo *sui generis*, logo, o foco da comunidade acadêmica deve estar na construção de um método historicizante, diferente daquele apresentado no início do século XX.

Por fim, é sobre essa tônica que se desenvolve a reflexão e escrita butterfieldiana, pela lembrança de que os historiadores devem ter mais atenção à História que aos eventos e fatos. E o marco da insistência de que o valor da História se justifique, em si mesmo. Afinal, é necessário lembrar que o passado e o presente devem ser articulados, mas não confundidos entre si. Sobretudo, ao atentar que presente não pode ser a celebração do passado, sob o risco do passado se tornar uma mera imagem do presente. Que os signos distintivos do passado se percam ao serem vistos pelo olhar presentista.

## Referências Bibliográficas:

### 1. Livros de Herbert Butterfield

BUTTERFIELD, Herbert. **The Historical Novel**. London: Cambridge University press, 2011. (1924)

\_\_\_\_\_. **The Peace Tactics of Napoleon 1806-08**. Cambridge: Cambridge University Press, 1929.

\_\_\_\_\_. **The Whig Interpretation of History**. New York: Norton & Company, 1965 (1931)

\_\_\_\_\_. **Napoleon**. New York: Collier Books, 1973. (1939)

\_\_\_\_\_. **The Statecraft of Machiavelli**. London: Bell and Sons, 1960 (1940)

\_\_\_\_\_. **The Englishman and His History**. London: Cambridge University Press, 1944.

\_\_\_\_\_. **Christianity and History**. New York: Charles Scriber's Sons, 1950. (1949)

\_\_\_\_\_. **George III, Lord North and the People 1779-1800**. (1949);

\_\_\_\_\_. **The Origins of Modern Science: 1300-1800**. New York: The Free Press, 1965. (1949)

\_\_\_\_\_. **History and Human Relations**. London: Collins, 1951

\_\_\_\_\_. **Christianity in European History**. (1951)

\_\_\_\_\_. **Man on His Past: The Study of the History of Historical Scholarship**. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.

\_\_\_\_\_. **George III and the Historians**. London: Cassell Publishers, 1988. (1957)

\_\_\_\_\_; Martin Wight (Orgs.) **Diplomatic Investigations: Essays on Theory of International Politics**. Oxford: Oxford University Press, 2019. (1966)

\_\_\_\_\_. **Writings on Christianity and History**. New York: Oxford University Press, 1979

\_\_\_\_\_. **The Origins of History**. New York: Basic Books, 1981

## 2. Artigos de Herbert Butterfield

BUTTERFIELD, Herbert. The History-Teacher and Over-Specialisation'. In: **The Cambridge Review**, 1943, vol. 65, p. 103-105.

\_\_\_\_\_. History and the Marxian Method. In: **Scrutiny**, 1933, vol. 1, p. 339-355.

\_\_\_\_\_. Journal of Lord Acton: Rome 1857. In: **Cambridge Historical Journal**, 1946, vol. 8, p. 186-204.

\_\_\_\_\_. Raison d'État: The relations between morality and government. Brighton, 1975: The University of Sussex. [The First Martin Wight Memorial Lecture].

## 3. Entrevista com Herbert Butterfield

MEHTA, Ved. **Fly and the Fly-Bottle: Encounters with British intellectuals**. Boston: Atlantic Monthly Press Book, 1962

## 4. Resenhas de livros de Herbert Butterfield

BRUNET, Michel. Compte rendu de BUTTERFIELD, Herbert, The Whig Interpretation of History. **Revue d'histoire de l'Amérique française**, 1952, vol 6, nº 2, p. 291–293.

COSGRAVE, P. An Englishman and His History, **Spectator**, 1979, p. 22–23

SCHUYLER, Robert. "Book Reviews", **Historical Outlook**, 1932, Volº 23, N.6, p.309.

BECKER, Carl. Review of TWIH. **Journal of Modern History**, 1932, vol 4, p. 278-279.

## 5. Livros e Artigos sobre Herbert Butterfield

BENTLEY, Michael. **The Life and Thought of Herbert Butterfield: History, Science and God**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

\_\_\_\_\_. "Herbert Butterfield and the Ethics of Historiography". **History and Theory**, Vol. 44, N. 1, 2005, p. 55-71.

COLL, Alberto. **The Wisdom of Statecraft: Sir Herbert Butterfield and the philosophy of international politics**. Durham: Duke University Press, 1985.

COWLING, Maurice. Herbert Butterfield 1900-1979. **Proceedings of the British Academy**. 1980, p.595-609.

DERRY, John. Herbert Butterfield. In: CANNON, John (org). **The Historian at Work**. Abingdon: Routledge, 2016.

ELLIOTT, John; KOENIGSBERGER, Helmut (orgs.) **The Diversity of History: Essays in Honour of Sir Herbert Butterfield**, London: Routledge and Kegan Paul, 1970.

GEYL, Peter. Herbert Butterfield, or Thinking at two Levels In: **Encounters in History**. Londres: Peter Smith Pub. 1962

GREEN, Simon. Herbert Butterfield: Christian historian, Liberal Internationalist and Son of Oxenhope. **Northern History**, vol. 49, n 1, p.135-148

HALL, Ian. History, Christianity and Diplomacy: Sir Herbert Butterfield and International Relations. **Review of International Studies**, v.28, n.4, 2002, p.719-736.

MCINTIRE, C. Thomas. **Herbert Butterfield: historian as dissenter**. New Haven: Yale University, 2004.

MCINTYRE, Kenneth. **Herbert Butterfield: History, Providence and Skeptical Politics**. Wilmington: ISI Books, 2011.

\_\_\_\_\_. Introduction Herbert Butterfield on Christianity and History. **Writings on Christianity and History**, 1979, p. xxv-xxvi.

PARKER, Harold. Herbert Butterfield: 1900- In: HALPERIN, William (orgs.). **Some 20th Century Historians: Essays on Eminent Europeans**. Chicago: Chicago University Press, 1961, p.75-101.

POE, Marshall. Butterfield's Sociology of Whig History: A Contribution to the Study of Anachronism in Modern Historical Thought. **Clio. A Journal of Literature, History and the Philosophy of History**, vol.25 n.4, 1996, p.345-63.

SEWELL, Keith. **Herbert Butterfield and the Interpretation of History**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

\_\_\_\_\_. The "Herbert Butterfield Problem" and Its Resolution. **Journal of the History of Ideas**, Vol. 64, N. 4, 2003, p. 599-618.

SHARP, Paul. The English School, Herbert Butterfield and Diplomacy. **Discussions papers on diplomacy**, vol 79, n.5, 2003, p.1-25.

SMYTH, James. Lewis Namier, Herbert Butterfield and Edmund Burke, **Journal for Eighteenth-Century Studies** Vol.35, n.3 , 2011, p. 381-389.

THOMPSON, Kenneth. **Herbert Butterfield: The Ethics of History and Politics**. New York: University Press of America, 1980.

WATSON, George. "The War against the Whigs Butterfield's Victory &... Defeat" **Men & Ideas**, 1986, p.19.

## 6. Bibliografia geral

ADRIAN, Lord. "George Macaulay Trevelyan 1876-1962". **Biographical Memoirs of Fellows of the Royal Society**, Vol. 9, 1963, p. 314-321.

ANNAN, Noel. **The Dons, Mentors, Eccentrics and Geniuses**. London: Harper Collins, 1999.

\_\_\_\_\_. **Our Age: portrait of a generation**. London: Weidenfeld and Nicolson, 1990.

ALEXANDER, James. The Cambridge School, c. 1875 to 1975. **History of Political Thought**, nº37, 2016, p. 360-386.



ARRUDA, José. Perspectivas da Revolução Inglesa. **Revista Brasileira de História**, n 7, vol 4, 1984, p.121-131.

ARMITAGE, David. A virada internacional na História Intelectual. **Intelligere, Revista de História Intelectual**, vol. 1, nº1, p.1-15. 2015.

BENTLEY, Michael. **Modernizing England's Past: English Historiography in the Age of Modernism 1870-1970**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modern Historiography: An introduction**. London: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. **Companion to Historiography**. London: Routledge, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção Social: Crítica Social do Julgamento**. São Paulo: Zouk; Edusp, 2016.

\_\_\_\_\_. **Os Herdeiros, os Estudantes e a Cultura**. Florianópolis, Editora UFSC, 2014

BURKE, Edmund. **An Appeal From The New To The Old Whig**: in consequence of some late discussions in parliament, relative to to the *Reflections on the French Revolution*. London: Dodsley, 1791.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARR, Edward. Hallett. **Que é História?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COLLINGWOOD, Robin George. **An Autobiography**. London: Oxford University Press, 1939.

\_\_\_\_\_. **Ideia de História**. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

\_\_\_\_\_. **Essays in the Philosophy of History**. Austin: University of Texas Press, 1965.

CUNNINGHAM, Hugh; VIAZZO, Paolo. **Child Labour in historical perspective 1800-1985**: case studies from europe, japan and colombia. Editora Unicef, 1996.

FERES, João. De Cambridge para o Mundo, Historicamente: Revendo a Contribuição Metodológica de Quentin Skinner. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 48, no 3, 2005.

\_\_\_\_\_. & JASMIN, Marcelo (Org). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

FOUCAULT, Michel. “Qu’est-ce qu’un auteur?” **Bulletin de la Société française de philosophie**, nº 3, 1969, p.73-104

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

HENRY, John. “A Revolução científica e a Historiografia da Ciência”. In: **A revolução científica e as origens da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HERNON, Joseph. The Last Whig Historian and Consensus History: George Macaulay Trevelyan, 1876-1962. **The American Historical Review**, V. 81, N. 1 p. 66-97.

JAMES, Samuel. “J.G.A. Pocock and the idea of the ‘Cambridge School’ in the history of political thought”. **History of European Ideas**, n 45, 2019, p.83-98.

JAMESON, Frederic. **The Political Unconscious Narrative as a socially symbolic act**. New York: Cornell University Press. 1981,

KUHN, Thomas. **As estruturas das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LASLETT, Peter (Org.) **Two treatises of Government**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

LOPES, Marco Antônio. "Aspectos Teóricos do Pensamento Histórico de Quentin Skinner". **kriterion**, Belo Horizonte, nº 123, 2011, p.177-195

LORIGA, Sabrina. **O pequeno X - Da biografia à história**. Belo horizonte: Autêntica, 2011

MACAULAY, Thomas. **History of England**. London: Penguin Classics, 2000

MARTINS, Estevão. **História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MCDUGALL, Walter. "Mais ce n'est pas l'histoire!: Some Thoughts on Toynbee, McNeill, and the Rest of Us". **The Journal of Modern History** Vol. 58, nº 1, 1986, p.19-42.

MCKIBBIN, Ross. **Classes and Cultures: England 1918-1951**. New York: Oxford University Press, 2000.

MÜLLER, Tim. "Von der „Whig Interpretation“ zur Fragilität der Demokratie" **Geschichte und Gesellschaft**. n44, 2018, p. 431,

POCOCK, John Greville Agard. **The Ancient Constitution and The Feudal Law: a study of English Historical Thought in the Seventeenth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Virtue, commerce and History: Essays on Political Thought and History, Chiefly in the Eighteenth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: EdUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cidadania, Historiografia e Res Publica: Contextos do Pensamento Político**. Coimbra: Almedina, 2013.

SHAPIN, Steven. **The Scientific Revolution**. Chicago: University of Chicago Press. 1996.

SCHNEIDER, A.; WOOLF, D (Org.) **The Oxford History of Historical Writing, vol 5 (1945 to the present)**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SOUTHGATE, Beverley. "History and Metahistory: Marwick versus White": **Journal of Contemporary History**, Vol. 31, No. 1, 1996, p. 209-214.

VINCENT, John. **The Formation of the British Liberal Party**. Londres, Penguin books, 1966.

TREVELYAN, G. **Clio, a muse and other essays literary and pedestrian**. London: Longman and Greens, 1913.

TULLY, James (Org). **Meaning & Context: Quentin Skinner and his critics**. Princeton: Princeton University Press, 1988.

VERTULLI, Gabriel. **O problema da intencionalidade autoral na teoria da história de Quentin Skinner**. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2015, 147 p.

SKINNER, Quentin. "Meaning and Understanding in the history of ideas". **History and Theory**, v8, n1, 1969, p.3-53

\_\_\_\_\_. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. The Rise of, challenge to and Prospects for a Collingwoodian Approach to the History of Political Thought. In: CASTIGLIONE, Dario & HAMPSHER-MONK, Iain (Org.) **The History of Political Thought in National Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p.175-188

\_\_\_\_\_. **Hobbes e a liberdade republicana.** São paulo: Editora Unesp, 2015.

WHITE, H. **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX.** São Paulo: EdUSP, 2019.